

As Ilhas Desconhecidas de Raul Brandão

Notas e Paisagens

AOS MEUS AMIGOS DOS AÇORES

ÍNDICE

Em três linhas
De Lisboa ao Corvo
O Corvo
A floresta adormecida
A ilha azul
O Pico
A pesca da baleia
Homens e barcos
As Sete Cidades e as Furnas
O Atlântico açoriano
Visito da Madeira

EM TRÊS LINHAS

Este livro é feito com notas de viagem, quase sem retoques. A penas ampliei um ou outro quadro, procurando sempre não tirar a frescura às primeiras impressões. Tinha ouvido a um oficial de marinha que a paisagem do arquipélago valia a do Japão. E talvez valha... Não poder eu pintar com palavras alguns dos sítios mais pitorescos das ilhas, despertando nas leitores o desejo de os verem com os seus próprios olhos!...

1926.

R.B.

DE LISBOA AO CORVO

8 de Junho, 1924

A BORDO DO «S. MIGUEL»

Enquanto a gente vê terra, não tira os olhos – não pode – dum resto de areal, dum ponto violeta que desmaia e acaba por desaparecer na crista duma vaga. Um ponto e acabou o mundo. O nosso mundo agora é outro. Durante um momento calamo-nos todos a bordo. A abóbada esbranquiçada fecha-se e encerra o disco azul onde espumas afloram nos redemoinhos que nos cercam: só uma gaivota teima em nos acompanhar descrevendo círculos por cima do navio. O ruído da hélice e a vasta desolação monótona...

A vida a bordo dos vapores perdeu todo o interesse da antiga navegação à vela: é a vida a bordo do Hotel Francfort com porteiro e tudo. Foi-se o encanto dos velhos navios com as vergas rangendo ao vento e o gajeiro sobe-que-sobe àquele mastro real. o que vale é a agitação tremenda que não cessa, a água em vagalhões cada vez mais cinzentos e maiores, que as velhas de penante e plumas, sentadas de bombordo a estibordo, e que se atrevem com o oceano Atlântico, fazem o possível por amesquinhar. Mas vem a tarde, vem a noite nesta desolação amarga: o mar carrega-se e cospe-nos salpicos; paira no céu uma tinta que se entranha nas águas e as escurece. Ar lívido, água revolta e uma grandeza com que não posso arcar. Mais escuro... Já se não vê a ondulação perpétua; só se ouve o ruído da hélice incansável e o do esgoto rape-que-rape, como uma grande vassoura sobre as águas. Isto acaba por uma coisa negra e desmedida, por uma coisa ameaçadora e cheia de vozes, que o Hotel Francfort não consegue fazer esquecer com toda a sua banalidade. As estrelas nos ares agitados parecem outras estrelas, o céu outro céu e as forças desencadeadas do caos nunca as senti tão perto como hoje, nesta voz monótona que sai do negrume, nesta massa que nos mostra os dentes no alto das vagas entre as chapadas de tinta na imensa solidão desolada. Isto acaba pela treva absoluta. Está ali – está ali presente toda noite que não tem fim. Nós bem fingimos que não vemos a solidão trágica, o negrume trágico, mas eu tenho-o toda a noite ao pé de mim. Toda a noite esta coisa complicada que é um transporte a vapor range pavorosamente como se fosse desconjuntar-se; toda a noite sinto a água bater no costado e a máquina pulsar contra o meu peito. A ideia da morte não nos larga: separa-nos do caos um tabique de não sei quantas polegadas. Todos os passageiros se fingem despreocupados. Só acolá, sob o castelo da proa (3ª classe), embrulhada num xale e sentada sobre um baú de lata, aquela mulher do povo sente como eu o terror sagrado do mar – e não o oculta. Olha petrificada. Aqui só há uma coisa a fazer, é a gente entregar-se...

9 de Junho

Mas hoje acordo, subo ao convés e tenho uma alegria frenética. Tudo isto, todo este azul, toda esta frescura, me entra em jorro pelos olhos dentro e pela alma dentro. A tinta azul não só ondula – estremece em pequenos grãos vivos, duma acção extraordinária, e o mundo sempre novo que me rodeia penetra-me do seu bafo e comunica-me a sua vida.

Tomo posse do barco. Primeiro é a vigia que me encanta, aquela pupila redonda e

azul que me fita logo que acordo e por onde o mar espreita para dentro do camarote. Depois é a pequena cela toda branca onde todas as coisas estão nos seus lugares medidos e calculados. A cabina reduz de propriedade e a sua beleza geométrica consiste em não ter de mais nem de menos: é o espaço exacto para a vida do passageiro ou do frade. Quando saio do camarote acho-me logo no convés. Este mundo muito limitado corre-se nalguns minutos. No castelo da proa, entre cabos embreados, ceroulas penduradas numa corda, e gente de terceira classe, é que a vida pitoresca do barco se revela melhor. Marinheiros preparam os cabrestantes para a descarga de amanhã, o carpinteiro de bordo prega tábuas e a tinta azul corre aos lados do vapor misturada de espuma à superfície. Olho o imediato na ponte dirigindo a manobra. Volto e acabo por me fixar durante alguns momentos na cobertura pintada a ripolém, camada de branco, camada de verniz – cheira a alcatrão e a iodo – com os olhos presos na massa uniforme e fugidia, que se distingue do céu por ser mais condensada e mais azul. O panorama é imutável, metade céu e metade mar, e lá em baixo no costado o jorro do esgoto continua a desfazer-se em milhares de pérolas líquidas; é a alma do barco que resfolga.

Para compreender melhor este engenho, hotel e máquina ao mesmo tempo, tenho de descer ao interior e ver-lhe as tripas. Quando se abre a portinhola de ferro o quadro muda instantaneamente. Lá vai o hotel e o navio! – o que tenho diante de mim é um vasto espaço de paredes indecisas que a luz coada por papel oleoso ilumina – grande nave onde se agitam esqueletos esbranquiçados. Desço pela escada de caracol entre os cabeçorros de aço e engrenagens que mexem as pernas de aranha, braços que se movem por todos os lados, a escorrer óleo, fazendo gestos desajeitados. Todas estas peças que trabalham desordenadamente, subindo e descendo reluzentes de gordura, vão e vêm, remexem em conjunto para o mesmo fim. Os degraus da escada queimam, o ar quente irrespirável vibra, entrecortado às vezes dum resfolgar mais fundo que abafa os outros ruídos. Este complicado maquinismo ilumina o barco, transforma a água e faz mover as hélices. Complicado e delicado. – Deitado no beliche, diz o maquinista, eu sei perfeitamente qual é a máquina que se desarranja e não trabalha como deve. – Mas a alma do transporte é o fogo. É o fogo que faz girar os dois grandes veios de aço, que atravessam o barco em toda a sua extensão até às hélices. Entreabre-se uma pequena porta de ferro e recuo sufocado. A tragédia do navio que se transformou em máquina está aqui: para que o hotel viva, digira e se mova, é preciso que alguém sofra. Estou dentro dum grande poço de ferro onde a atmosfera é irrespirável. Duas paredes lisas de alto a baixo, cinzentas, e sem uma falha. A luz vem de cima, claridade duvidosa e suja, e quando aqueles homens, que se agitam lá dentro, abrem a porta da fornalha, um jorro vermelho ilumina, cresta e deslumbra. No chão ardem escórias, um fogueiro negro e curvado atira lá para dentro pazadas de carvão, e logo a portinhola bate com estrondo contra a alta parede de ferro. Fujo. Enquanto lá em cima todos nós vivemos no Hotel Francfort de Santa Justa, os outros cá em baixo vivem no Inferno.

10 de Junho

Ainda de noite, acordo, com o cheiro a terra. Salto do beliche e subo ao convés, que os marujos lavam a jorros de água. Luz cinzenta, luz doirada – transparência azul boiando cheia de cintilações ao longe, e depois mais luz viva que nasce e estremece diante da grande massa escura que sai do mar sob a magia do nascente: tenho diante de mim dois morros espessos, um mais próximo, recortando o negrume no céu doirado, e o outro ao fundo, todo roxo e picado de luzinhas como se lhe tivessem soprado faúlhas que se pegam e reluzem. A primeira luz ilumina a imobilidade cinzenta do mar, e, à

medida que o vapor desfila na base do maciço negro e disforme, desdobram-se os planos e aparece intacto todo o pano de fundo. Um hálito azul... Mais claridade estremecendo – esta primeira luz delicada e viva, quando acorda a terra e acorda o mar com o céu todo doirado e virgem para as bandas do nascente e nos deita o bafo à cara. A frescura que nos trespassa torna-nos também etéreos. Para acolá está tudo ainda doirado e confundido, o morro maior e mais negro, e ao pé de mim cinzento e azul. Andam nas águas reflexos e espumas, e no fundo, donde o vapor saiu, ainda a luz do 56!, que se irisa nas águas, se mistura com a névoa e com um pouco de fumo da máquina que ficou suspenso e imóvel no ar. Há um momento único, um momento doirado, mar e céu doirado e casto, e outro em que tudo fica pálido e cinzento. Há um momento em que desejo que isto não mexa mais... Fundemos e a Madeira abre-nos os braços, com a ponta do Garajau num extremo e a ponta da Cruz no outro extremo. Adivinho as casas, que por ora são fantasmas e descem lá do alto até à praia. Agora o tom cinzento desapareceu, domina o azul e o oiro, e na minha frente o grande anfiteatro verde dos montes ergue-se como um altar até ao céu. É uma serra a pique, é uma serra voluptuosa e verde que se oferece lânguida e verde. Ao meio um grande monte entreaberto; por trás a montanha enorme e escavada. Algumas colinas vão terminar no farol e no forte sobre um penedo destacado e corroído.

Fico todo o dia a bordo, deslumbrado, contemplando a Madeira, a embeber-me no espectáculo da luz, que passa do cinzento ao azul, que ganha todos Os tons e se modifica a todos os momentos, até ao fim da tarde, em que o mar se torna diáfano e os montes transparentes, com uma grande nuvem pousada em cima. Vejo perder a cor, desfalecer, sumir-se a terra, que no escuro cheira cada vez mais a fruta e me inebria. Já o primeiro plano está roxo, o segundo é uma mancha enorme e indecisa, e o mar no poente arfa como um seio, ainda iluminado. À medida que o vapor se afasta, a montanha que me atrai parece mais negra e maior: – sobe, ergue-se e chega ao céu.

Largamos e vem a tarde, vem a noite, e o cair da noite no mar é um espectáculo trágico. Este movimento que não cessa, das ondas avançando em colunas cerradas, umas atrás das outras, sempre, põe-me diante do que mais temo no mundo – do universo como mistificação e acaso... Lá vão as cores – as tintas – o doirado... Sou aquele fragmento de tábua que as ondas levam sem destino, sempre no mesmo negrume, no mesmo movimento perpétuo e inútil... Não é só a ameaça, a grandeza da noite, do mar, das vozes; é outra coisa pior que se afirma – a tragédia do universo descarnada e posta a nu diante dos meus olhos. Com todas as suas complicações e o seu génio, as suas máquinas portentosas, com as suas ideias e a arquitectura que tem erguido e que chega aos céus – o homem, nestes momentos, sente que vale tanto como um cisco para esta coisa imensa e negra, para esta agitação incessante. Isto é pior que implacável, é pior que ameaçador: – não nos conhece.

De noite todo o barco geme. De quando em quando uma onda maior bate no costado – pah! ... Sinto-a contra mim, deitado no beliche, com um lamento que se prolonga e me enche de pavor. Pah! ... – é o negrume, o mar imenso e desconhecido, todo o mar. E o ah arrasta-se e desgrenha-se na noite, no vento, na profundidade.

...Uma manhã transparente que hesita e flutua como um ser delicado, envolta em neblinas. Céu dum azul-pálido, forrado no horizonte de nuvenzinhas claras. Mar desmaiado, que não foi feito para se ver mas para respirar, esparsa, quieto e fundido. Ao fundo uma mancha indecisa, envolta em névoa, que logo se resolve em poeira esbranquiçada... Há nas coisas uma hesitação, uma mescla, um abrir, como no princípio do mundo quando a água, a luz e a terra não estavam ainda separadas pela mão de Deus. A tinta é muito pouca – quase nada de cor e de sonho. Santa Maria desvenda-se entre as

névoas: um monte alongado com uma parte mais baixa e a Vila do Porto saliente, tudo azul emergindo do azul. À medida que o S. *Miguel* se aproxima, reparo que a ilha é doirada, com sombras a escorrer pelos montes abaixo. Alguns riscos mais carregados, algumas manchas roxas que pouco a pouco se acentuam. Fico perplexo e só quando chegamos quase à fala da povoação, Vila do Porto, é que compreendo: a ilha é um torresmo de pedra negra, de areia negra, como se tivesse passado pelo fogo do Inferno, mas o torresmo está coberto de giesta rasteira e doirada, de giesta em flor, que cheira a uma légua de distância.

Subo por um caminho entre figueiras-do-diabo e solteiras, como se chamam aqui as sardinheiras, que crescem por todos os lados. Colinas, campos de pastagem, e ao longe um pico mais alto donde se descobre toda a ilha. Povoação de duas ou três ruas e casinhas, com a igreja, a ossada dum convento e o solar humilde de Gonçalo Velho. É isolado e triste – mas pedras, campos e furnas estão cheios de asas e de gritos: os escarmentos, negros como melros, passam no ar com o biscato no bico, e a babosa enche este negrume cinzelado de oiro e de perfume. Há momentos em que se encobre o Sol e o torresmo sai mais negro do mar: só fica o cheiro que impregna a terra e o céu.

É aqui que os barcos de três velas vêm buscar o barro em bolas, para S. Miguel fabricar grandes talhas, canecas porosas, vasilhas de todas as formas e feitios. Santa Maria não só fornece os oleiros dos Açores mas fabrica também cântaros, púcaros, caboucos, numa ruazinha escondida da vila. Processos primitivos: o homem numa oficina escura prepara e amassa o barro, a que outros Vão lentamente dando feitio no engenho. Trabalha a mão e o pé: o pé na grande roda que faz girar o prato com o barro ainda informe, e a mão dando-lhe a forma.

Que importa que isto seja um ermo onde até às vezes a água falta, sendo preciso para matar a sede trazê-la em navios de S. Miguel? Aqui se vive e aqui se morre. E devo dizer que desta ilha silvestre duas coisas ficarão para sempre na minha memória: o púcaro de barro poroso que torna a água fresquíssima, e o cheiro a giesta que a embalsama. Fiquei-a conhecendo para o resto da minha vida pela ilha que cheira bem...

À tarde, pelas sete horas, temos outra ilha à vista, sob grossas nuvens amontoadas, tudo da mesma cor, nuvens e ilha. Ao largo um pôr do Sol dramático enche o horizonte, doira os bordos dos cerros e irrompe pelos interstícios caindo em feixes sobre as águas. Assisto ao desenlace deste drama mudo e extraordinário, quando ao mesmo tempo o ar se incendeia cor de cobre e na vasta solidão de estanho correm jorros de oiro fundido. Já no horizonte outra ilha se estende em biombo, baixa e enorme, toda da mesma cor. Mas o que me interessa é a luz que mudou, é o céu que mudou – a luz delicada dos Açores, o céu dos Açores carregado de humidade e forrado de nuvens que um pintor imitaria na tela com pequenos toques horizontais cor de chumbo, carregando-os e amontoando-os cada vez mais até à linha do horizonte. E é esta luz que me acompanha e nunca mais me larga, a mim que vivo de luz límpida, e que acordo todas as manhãs com o pensamento na luz... Ilumina S. Miguel (13 de Junho), coada pelo céu pardo, e Ponta Delgada estendida à beira da doca, com um grande monte violeta ao lado. Ilumina na madrugada de 15 a Terceira, ao pé dum pinheiral e duma fortaleza, e atabafa-me quase até ao fim da viagem – céu inalterável, névoa que se chama alforra, luz discreta em que as coisas perdem a importância e o relevo.

As manhãs são extraordinárias. Tons neutros – quase o mesmo tom apagado – névoas esbranquiçadas e moles... Neste ar parado o próprio som amortece: envolve o mundo uma pasta de algodão em rama, um vapor incorpóreo que apaga as cores,

imobiliza a paisagem e faz do mar atmosfera. É um eterno dia de finados, recolhido e atento, em que o vento pára e não sopra. Branco e quieto, branco e mole, branco magoado, claridade tão íntima que eu próprio desfaleço. E ao mesmo tempo esta luz, que saís de pequeninas nuvens amontoadas no céu, revela-nos aspectos delicados em que nunca reparámos: se o céu está velado, o mar deixa de ter peso e estanha-se até ao horizonte enublado e fundido; o branco desfaz-se na água como no ar e basta um fio de azul coar-se pelas nuvens para que a vida exausta sorria com receio, num sorriso amortecido que logo a transforma e logo a medo desaparece. Certos aspectos da terra ficam sonâmbulos, outros fantasmagóricos e prestes a evaporarem-se nos ares ao primeiro bafo.

...Pouco e pouco a luz insinua-se. Mais tons esbranquiçados e cinzentos, sombras pálidas com reflexos molhados. No céu há um fundo de oiro ténue misturado ao branco, pasmado e triste, e que mal se distingue. As coisas acentuam-se um pouco – mas a esta luz delicada a mudança faz-se também duma maneira delicada. Todo o movimento é nas pontas dos pés. O branco-gris transe de roxo, deixando as sombras desmaiadas; o branco-branco amarelece e logo se queda arrependido, o azul distingue um pouco sobre o ar, e lá para os fundos os verdes diluídos estremecem duvidosos da cor que hão-de tomar – azul ou roxo... É um momento único em que no branco uniforme se geram novas tintas quase imateriais e o céu se defende e concentra todo em branco, com uma série de cinzentos em que o oiro tenta penetrar. Então a paisagem e até a vida parecem fluídas e abstractas: o panorama largo, a cinzento e branco com manchas leves derretidas, flutua no mar infinito e cinzento, emborralhado e cinzento...

Abstracção e sonho. Porque neste amanhecer perpetuo a gente sonha mais do que vê. Divaga. Pouco e pouco a paisagem fica azulada – dum azul desmaiado, dum azul com água. Divaga toda azul num mundo de sombras brancas, de hálitos tépidos, de penas que esvoaçam.. É alguma coisa de perfeito, de incriado e sereno...

O que eu gostava de dar esta vida que não acaba por desvendar-se e que por isso mesmo possui um encanto superior – todo em branco e cinzento amortecidos! E ainda os efeitos são o menos – a vida íntima desta luz extraordinária é que é tudo. Tão pouco! tão imaterial! tão exalação e alma! Só abstracção e receio... É outro mundo, que nos deixa perplexos. É outro mundo, em que os sentimentos devem ser mais amortecidos – povoados por fantasmas que sorriem e desaparecem. Há pedaços de mar virginiais: não se sabe se de espuma se de cinza – e pedaços de terra misteriosos. Um mundo só branco e cinzento, um mundo baço, que não pode revelar-se, irresoluto – e cujo encanto se comunica mais pela alma do que pela vista...

O navio fundeia na Terceira, num vasto semicírculo, fechado ao norte pelo monte Brasil e do outro lado pela ilha das Cabras. Está um calor surdo. Demoro-me a olhar a cidade, donde irrompe uma pirâmide amarela, o monumento a D. Pedro IV. Num plano mais afastado alguns montes escavados. É Braga, Braga com mais regularidade nas ruas, mais cai nas paredes, e que lhe deu na veneta para ser praia, estendendo até à beira-mar os seus conventos e as suas igrejas pesadas, com um forte em cada extremidade. Na rua andam mulheres de capote negro, apertado na cinta e formando concha sobre a cabeça, e raparigas do povo com o lenço atado só com um nó e deixando ver as madeixas: – são as solteiras; as casadas escondem todo o cabelo e atam duas vezes o lenço no pescoço. Foi aqui que vi as mais lindas figuras de mulheres dos Açores – tipos peninsulares, de cabelos negros e olhos negros retintos.

Tomei por uma estradinha ao acaso, onde florescem, nascendo nos muros, as chagas e os alfinetes cor-de-rosa. Atravessei a Urze tão branquinha, os caminhos humildes de Figueiras Pretas e Bico de Cabo Verde, recolhida entre pinhais e acácias, a

que chamam pau-de-toda-a-obra. Fui seguindo entre sarças da ilha. No caminho uma carreada – bois luzidios com ponteiros doiradas nos chifres e homens desempenados e fortes à frente dos carros.

Entro no quintal dum amigo. Gostei sempre de me perder nas quintas e nos jardins entre quadros rústicos de lavoura. Sentei-me num pomar de deliciosas nêspas amarelas e maduras, a vermelha mais ácida, e a branca mais doce e que se desfaz em sumo na boca. A vegetação reluz envernizada de novo. Espreitei o recanto abrigado da vinha baixa, que produz com duas castas, a Isabela e o Vermelho, o vinho de cheiro e o branco que tem fama. E depois passei por o jardim silencioso e húmido, pelas ruas altas de faias de Holanda. E neste ar tépido, nesta luz difusa, apareceram-me as japoneiras gigantescas em pirâmide, o goifão branco com a flor amarela ou leitosa abrindo ao meio das folhas estendidas à superfície das águas verdes e podres das bacias; a aromática espirradeira, que deixa cair as pétalas vermelhas, uma a uma, num canteiro de relva, desfalecida como se a sangrassem. Isto cresce diante dos meus olhos numa atmosfera quente e numa luz tão verde que chega a dominar o cinzento. Os jardins são sempre uma obra de arte, e quanto mais desordenados, mais belos. Devo até dizer que me encantam ainda mais que os jardins imponentes, onde a arquitectura se sobrepõe à natureza, e que mie infundem respeito – os quintais com couves e flores, onde me sinto mais à vontade. Acabo de descobrir agora, mesmo aqui à direita, uma horta. Sento-me na rua onde cresce a malva vidrada ao lado da salsa. Há por aí abóboras e flores, milho e hortenses e um banquinho de pedra onde se ouve a água correr. É um pingo, mas enche-me de saudade... Só falta uma rapariga que se ponha a sorrir para a gente. Falta um vestido branco a aparecer e a desaparecer por trás dos laranjais. Nem viva! Tenho de subir lá cima, a este ponto da quinta dos Prazeres onde se descobre o mar e a terra. Vê-se ao longe S. Jorge e Pico, e mais perto as lavouras dum verde negro e satisfeito, e entre as casinhas brancas de S. Mateus a singular igreja erguida à Fome e à Miséria. Descobre-se a Terra Chã, e ao fundo a pesada lomba de Santa Bárbara. Despenham-se as verduras até ao mar. Saio devagarinho, para não acordar os grandes fetos senhoris, um arbusto todo vermelho que se chama cardeal e que olha para mim cheio de flores (e eu não sei o que lhe hei-de dizer) – devagarinho, para não perturbar este silêncio verde onde a gente tem a impressão de mergulhar em carne mole, aquecida numa atmosfera de estufa com os vidros embaciados. Sinto que me invade o torpor açoriano, e dizem-me que, quando vem o tempo de o incenso dar flor, toda a ilha fica tão perfumada que se não pode dormir. Ouve-se um gemido de volúpia (são os gérmes que entreabrem) e o ar morno é uma carícia de pele de encontro à nossa pele e que pesa sobre o peito como um bloco.

Embarco com a mesma luz. Estranho-a e só mais tarde lhe acho o encanto. Dez, onze horas da manhã, e sempre o mesmo tom e a mesma claridade suave; a água, dum verde-escuro ao pé do morro, estremece em reflexos cinzentos para o largo, e a grande baía cinzenta confunde-se com o céu, que se não despega da grossa mancha enublada barrando todo o horizonte. Mas neste cinzento que parece uniforme reflecte-se o verde húmido do grande monte imóvel, tremulam outros verdes com reflexos metálicos e cores apagadas a que se mistura um pouco do azul que irrompe a custo das nuvens. Reparo melhor... Estes montes violetas até à ilha das Cabras, toda violeta, e que me seduzem tingidos de violeta no mar cinzento, saem dum líquido quase imaterial que é ar e céu. E estas cores um pouco tristes acabam por me deixar cismático... Vou sentindo melhor a luz dos Açores, a luz atenuada, os montes emborralhados, o ar atabafado e magnético, uma trovoada sempre suspensa, as ilhas com uma nuvem pegada nos altos e as mulheres encapuchadas. Tudo se harmoniza. É meio-dia. O azul quer ser azul, mas

não o consegue, a terra deseja a luz, e a luz apenas se entreabre e desaparece; as águas fluidas, o horizonte vago arripiam-se, vão transformar-se a nossos olhos e quedam-se logo num receio... Silêncio. Uma cor que não chega a ser cor, que é resignação e saudade e que me obriga a falar mais baixinho...

16 de Junho

Na luz matutina e fria das quatro horas tenho diante de mim um espectáculo único, quatro ilhas saindo do mar ao mesmo tempo – a Graciosa dum verde muito tenro acabando dum lado e do outro em penhascos decorativos; a Terceira muito ao longe quase desvanecida; e a meu lado, por trás do biombo violeta de S. Jorge, que se estende ao comprido nas águas, o cone do Pico aguçado até ao céu, transparente como se fosse de cristal. Isto frio, nítido e ao mesmo tempo irreal, num céu de esmalte onde se destacam a buril as linhas regulares do Pico, com uma nuvenzinha quase pousada na extremidade. É só num ponto e passa num instante, porque o navio não pára – é no instante em que o Pico se revela erguido até ao céu e as manchas violetas das ilhas têm a cor passada da nuvem que vai desfazer-se – enquanto a Graciosa ali perto se mostra toda verde. Horizonte largo, mar e panorama à luz da madrugada. A limpidez da atmosfera mantém-se apenas segundos: ao nascente mexe-se já, dotada duma vida extraordinária, uma grande nuvem esponjosa e plúmbea, doirada nos bordos. Em aparecendo o Sol, as névoas começam a sua missão agitada.

É um momento – é só um momento de transparência e serenidade na primeira luz matutina que toca o céu e hesita. Esta luz gelada de sonho dura um segundo: amontoam-se logo farrapos sobre a Terceira, perdida ao longe...

Com o tempo que passa e a marcha do navio, deslocam-se as ilhas, aproximam-se ou afastam-se as falésias. Digo adeus para sempre à Graciosa – grande plaino entre dois montes redondos com a povoação branca no meio. Já S. Jorge toma à minha vista deslumbrada outra posição e relevo. Esta ilha esguia, que parece um grande bicho à tona de água, mostra-me no fochinho penedos aguçados como dentes. Dá-lhe agora o sol. Mas eu já sei que a luz que convém ao arquipélago não é esta. O sol é pior que a sombra. Os cabos metidos pelo mar dentro tornam-se agressivos, quase negros e mais duros... São dez horas: uma nuvem branca e esguia cortou o Pico pelo meio e o cone sai da nuvem suspenso no ar por milagre. Já se distinguem os montes do Faial envoltos em névoa como algodão em rama. Navegamos perto da muralha de S. Jorge, cortada a pique sobre o mar. Alguns paredões esboroam-se. No alto, campinhos muito verdes. À medida que nos aproximamos, a temerosa falésia parece maior e mais escura, e, logo que dobramos o cabo negro e dramático desta ilha, todo o Pico emerge inteiramente azul do mar esverdeado, tendo à direita o Faial dum azul quase violeta. E é entre estas manchas desmaiadas que torneamos o cabo a prumo, rasgado de escórias cinzentas, cortado de chapadas altas e sinistras, como se a ilha tivesse bruscamente derrocado. Mais montes abruptos tombados para o lado; uma elevação negra e vermelha com estrias ferruginosas, onde palpita ainda a convulsão vulcânica e se sente a acção constante das águas – e deparam-se-me as Velas ao fundo da temerosa ribanceira. O S. Miguel fundeia, e o negrume das rochas desdobra-se no mar em negrume, onde a tinta azul quer entranhar-se e não pode: fica negra, reflectindo a falésia toda negra. É um panorama do princípio do mundo, dum mundo desolado de pedra e mar. Lá no alto o nevoeiro estendido derrete-se, apegado às rochas, e quando nas afastamos desvanece-se

o verde dos grandes montes da ilha, tornam-se mais disformes as sombras que viajam sobre a terra, e esta costa áspera e brutal pouco e pouco empalidece, enquanto no Pico um ou outro risco mais nítido sobressai no violeta. Distingo agora perfeitamente os moinhos afadigados e os remendos das culturas: no meio da ilha, o pico, envolto no seu manto cinzento, assume a majestade do monte onde Deus falou a Moisés. Arrasta-se pela terra uma nuvem pegajosa que a engrandece e deforma. Ao lado, a sucessão de colinas azuladas do Faial vai-se tornando mais nítida. Estas grandes rochas que mudam de sítio e de cor fundem-se no azul, enquanto outras se aproximam e avolumam; o espectáculo imenso que se desenrola diante de meus olhos atónitos dá-me a impressão de que as ilhas nascem do mar e se vão formando à nossa vista pela mão do criador. É com febre que assisto à geração do panorama largo e renovado. De pé, à proa do barco, vou aportando a novas ilhas que emergem das águas, saídas da madre a escorrer tinta. Passamos pelos dois penedos avermelhados, entre o Pico e o Faial, que está a dois passos. Um grande morro verde, colinas dum verde tenro ao fundo e uma fiada de casinhas olhando todas para mim. Outro morro fecha a baía em semicírculo. Ponham sobre isto um céu baixo e uma humidade constante. Chove. Mas não é preciso chover: a nuvem esponjosa desce, envolve, impregna e dissolve. Até por dentro os seres e as coisas devem criar bolor.

A noite é irreal, a noite azulada dentro do porto, encerrado em chapadas de negrume com farrapos agitados. Dum lado aquela escuridão magnética cujo desconhecido me atrai – manchas sobrepostas de colinas, que se fundem num borrão imenso, mais escuro à medida que as horas desfalecem. Ao fundo, do outro lado do canal, destaca-se na atmosfera esbranquiçada o triângulo imenso do Pico, que cada vez se me afigura mais solitário e maior, como uma gigantesca figura de guarda ao Atlântico. A larga estrada do luar escorre, movendo-se num jorro de folhetas prateadas, que se sucedem e agitam até ao costado do navio. De quando em quando um chuveiro cai, numa profusão de jóias. Ao longe ergue-se a vaga – todo o cume cintila – desfaz-se a vaga ao pé de mim em riachos de luar, que borbulham e se derretem por todos Os lados na grande estrada de luar. Sucede-lhe e sobe logo outra vaga, sombria e enorme – e já a crista iluminada ascende, cintilando de pedrarias – para redemoinhar em luz, para se desfazer em luz. Só no horizonte aquela grande estátua imóvel e trágica enche o céu de negrume e espanto.

Ainda de noite, seguimos a caminho do Corvo, com o mar chocalhado, como se diz nos Açores. Este canal é amargo. Às cinco horas da manhã do dia 17 estamos à vista de duas manchas azuladas, Flores e Corvo, sob um céu velado e em águas revoltas. Uma hora depois distingo perfeitamente o cone de bronze truncado, com escorrências de verdete no alto. Não se vê uma árvore naquele enorme pedregulho batido pelas vagas. É com apreensão que desembarco no sítio mais pobre e mais isolado do mundo.

O CORVO

Quero que o meu corpo seja sepultado no cemitério da ilha do Corvo, a mais pequena das dos Açores, e se isto não puder ser por qualquer motivo, ou mesmo por não querer o meu testamenteiro carregar com esta trabalhadeira, quero que o meu corpo seja sepultado no cemitério da freguesia da Margem, pertencente ao concelho de Gavião; são gentes agradecidas e boas, e gosto agora da ideia de estar cercado, quando morto, de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida.

(DO TESTAMENTO DE MOUZINHO DA SILVEIRA)

17 de Junho

Pedra negra, areia negra e um mar esverdeado, que de Inverno assalta, vagalhão atrás de vagalhão, este grande rochedo a pique, com fragas caídas lá no fundo e que as águas corroem num ruído incessante de tragédia. Céu muito baixo, nuvens esbranquiçadas. Braveza, solidão e negrume.

Uma única povoação de meia dúzia de ruelas fétidas, lajeadas do burgo, algumas com meio metro de largura, onde se fabrica o estrume. A igreja, um largozinho, e, logo por irás do povoado, o monte severo, erguido em socalcos e caído a um lado. A mesma labareda devorou tudo isto: os interiores, as paredes, os telhados. Velhas de lenço e, sobre o lenço, o xale escuro, homens de barrete, descalços e de pau na mão. De quando em quando, duma pequena janela, espreita a cabeça duma mulher ou o focinho duma vaca. As casas denegridas, onde vive o homem e o boi, tresandam a leite e a corte. Os rapazes cheiram a gado. À volta dos casebres meia dúzia de leiras de centeio e trigo divididas por muros de pedra solta. E tudo tão humilde, tão feio, tão só, que me mete medo. Um penedo e vento na solidão tremenda do Atlântico.

Não há mercado nem estalagem. Não há médico, nem botica, nem cadeia. As portas não têm chave. Não há ricos nem há pobres, e neste mundo isolado tanto faz ser rico como pobre: o homem mais rico do Corvo anda descalço como os outros e lavra a terra com os filhos. O pedreiro é pedreiro e lavrador, o ferreiro é ferreiro e lavrador, e morre à fome quem não fabrica os currais por suas próprias mãos. Ninguém se sujeita a servir – mas todos os vizinhos se ajudam: quando toca o sino a rebate, o povo acode a destelhar a casa, a construir a corte ou a levantar o socalco.

Olho para isto tão pequeno e tão pobre, para os campos retalhados de muros escuros, para as eirinhas redondas com lajedo de lava e um pau ao meio, a que se junte o boi que debulha o trigo; para os seres e as coisas do mesmo tom apagado e uniforme; olho para a ilha descarnada pelo vento, tão forte de Inverno que o sino tange sozinho, e sinto-me como nunca me senti, isolado no mundo. Que vim eu aqui fazer? Foi esta pedra isolada no mar com alguns seres agarrados às leiras que me levou à viagem? Foi este resto de vulcão, sem paisagem nem beleza, que me trouxe? Mas aqui não há nada que ver! Almas tão descarnadas como o penedo e uma vida impossível noutra mundo que não seja este mundo arredado. A vida natural? O homem pode aguentar-se na vida natural, ou é na vida artificial que está a felicidade? Vestido ou nu? É para a Fusão e a mentira que devem tender os nossos esforços, e a verdade em osso será a imagem da inferioridade e da desgraça?... Tão longe – tão só – tão triste! Mas reparo melhor e lembro-me daquelas palavras dum homem em debate com a própria consciência: – No

Corvo, quando me sento à mesa, todos à mesma hora se sentam para jantar, e à noite não há desgraçado sem abrigo. – Na verdade, não vi andrajos nem miséria. Ninguém pede esmola. Se um adoce, os outros lavram-lhe as terras. Aos mais pobres acodem-lhe com queijos para o sustento do ano e todos matam um porco. O maior lavrador colhe cento e oitenta alqueires de milho e quarenta o maus pequeno.

Às duas da madrugada, na noite funda, com um rebramir de mar sempre presente, ouço a buzina do pastor que chama os outros lá do alto, do *portão*. E partem juntos no escuro: vão ordenhar as vacas à Ribeira Funda, à Ribeira da Vaca, à Feijoa dos Negros, baldios a noroeste da ilha, por montes e vales, onde só crescem algumas faias e cedros. Cada lavrador tem dois boizinhos, os bois do carro, ao pé da porta; os outros andam nos currais, ao ar livre, até Fevereiro. As vaquinhas, encantadora raça do Corvo, são mungidas nos pastos, e produzem este leite perfumado, que não me canso de beber e que sabe a todas as ervas rasteiras que cobrem o chão como um tapete, e que os pastores designam uma a uma pelo nome: sabem ao trevo enamorado de três folhinhas esguias em cada ponta, ao guedilhão, ao azevém, ao feno, à solda de florinhas amarelas, à mão-furada, à lia vaca, à lia vaquinha, à milhã, à erva estrelinha do flores brancas, e às variedades de fetos que eles distinguem pelos nomes de feto serrim, feto rato e molar, feto porco e feto branco – que dão camadas sucessivas de pasto nesta humidade que destila o céu. Duas vezes por dia as ordenham – se mama o leite, como eles dizem – e só ao fim da tarde começa a bicha a descer a íngreme ladeira. É todo o povo que desfila, como vi num grande retábulo de pedra esculpida a cinzel por um artista ingénuo – os pastorinhos, as moças com os cabaços ao quadril, as mulheres com os carregos e os velhos já gastos. Uma expressão arcaica e dura e ao mesmo tempo resignação e dor. E, com o povo que regressa todas as tardes da lavoura, vejo os instrumentos de trabalho – os cestos, as cordas, o alvião. E com o povo os animais, as ovelhas, os bois, os burros carregados e os porcos que recolhem às cortes, completam o grande retábulo aberto na pedra do Corvo. Esta pedra brava produz milho, trigo e lã, com que os sustenta e veste, mas a maior parte das terras são no vale do Fojo, numa chã à beira-mar, a duas horas de distância, e as pastagens ainda mais longe. Todos moram na vila para fugirem à solidão tremenda, todos trabalham naquela fraga dura como bronze cinzelado, nos cantinhos onde a terra se juntou – todos caminham descalços, duas vezes por dia, pelo único caminho áspero que leva ao interior. Vida dura.

– A gente semeia e o vento leva!

O vento é a preocupação constante desta gente.

– Ele é o poder do mundo!

Vida dura para elas, principalmente, que vão todos os dias para as terras de cima, duas léguas de caminho, com o alvião às costas, e que regressam à tarde para fabricar os queijos e cuidar dos filhos. São mulheres activas e espertas. Todas cardam e fiam, e quase todas, num tearzinho rudimentar, fabricam o pano de que se vestem a si e aos homens. E fiam muito bem e tecem muito bem. Toda a roupa da ilha é cortada por suas mãos, e das que não sabem talhar, dizem: – Coitadinha, tem pouco préstimo! – Dispõem da chave da caixa. O homem entrega-lhes o dinheiro dos bois e elas governam-no. E quando acontece haver alguma de quem o homem não confia, logo as outras clamam num espanto:

– Ai Jesus, Maria, José! e ela está com ele!

Ora isto de ter a chave da caixa é uma coisa muito séria na lavoura. A caixa da limpeza, sempre duma madeira dura para lhe não entrar o rato, e no Corvo de cedro petrificado que se encontra no fundo da terra, ou de tabuões de naufrágio que dão à costa, é o móvel onde se guardam os melhores panos, as moedas que se juntam tirando-o à boca, as coisas de maior préstimo e valia e as recordações dos mortos. A caixa

herda-se. E, puída de tantas mãos, é quase sagrada. Já tenho visto lavradores morrerem com os olhos postos na caixa e a chave metida debaixo do travesseiro. Ter a chave da caixa éter o ceptro e o prestígio. E uma vez entregue à mulher, nunca mais se lhe pode tirar...

20 de Junho

Vou-me habituando a ficar com a porta aberta. Na primeira noite tive medo. Agora durmo de um sono num colchão de palha milha, com a janela escancarada, por onde entra o jorro que sabe a mar e a que se mistura o cheiro bravo do monte. Também vou com os pastores e os lavradores sentar-me no Outeiro, onde está a Câmara, o Espírito Santo e a cadeia vazia (agora mora lá uma vaca), e ouço-os de roda nas banquetas tomando resoluções sobre a lavoura e a terra. Aí se juntam de manhã antes de partirem para o Fojo ou à tarde quando recolhem. Sinto-me pequeno ao pé do António da Ana, de barba curta e grisalha, do Santareno, que parece um apóstolo, do Joaquim Valadão, do Manuel Tomás, do sapateiro a arrastar a perna, dos velhos baleeiros de pêra e barrete às riscas na cabeça, todos duma grave compostura – fisionomias de santos ou pedintes, onde há qualquer coisa de empedrado.

– Emprestas-me uma carrada de lenha?

– Póda puz! (com o que tu vens agora!)

– Então?

– Duas, até.

– Axo! (inda melhor).

Um a quem falo do padre explica:

– É uma bás de virtude!

E este a meu lado conta-me a morte da filha pequena e concluiu:

– Morreu, mas engraçada! engraçada criança que foi para o céu! (engraçada é sinónimo de feliz).

Isto é dito com pausas e silêncios compenetrados – todas as figuras em roda a olhar para mim, e numa língua gasta como as velhas moedas que passam de mão em mão, já não têm curso, mas ainda retinem com um som muito puro. Os homens são estátuas por concluir, as frases rudimentares. Mas fisionomias e palavras exprimem outra vida que quero falar e não pode, outra vida que não compreendo... Diz-se *avezada* por habituada, emprega-se *bradou* por chamou, *guindo* por salto, *adregar*, etc. Beija-se uma criança e a mãe diz-nos:

– Deus lhe queira bem! Deus lho pague! – Exclama-se: – Vai-te a requer e Deus diante! (Vai para o diabo mas com Deus!) E empregam-se frases e termos que nunca ouvi e desconheço.

Está ali o presidente da Câmara, tosco e descalço como os outros, o administrador do concelho e duas dúzias de velhos descalços, figuras de outro século, falando uma língua desenterrada. Olho para aquelas mãos enormes e duras apoiadas nos cajados, para as barbas de madeira, para as fisionomias abertas a escopro por um escultor de génio que não chegou a concluí-las, e tenho a ideia de que já vi isto nos altares ou nos presépios. Pertencem a outras idades. Parecem, pela fixidez, animadas por sentimentos e ideias fora do nosso ambiente. Moldou-as pouco e pouco a solidão e o silêncio. Quase me metem medo, como se o passado se pusesse a olhar para mim e a interrogar-me. Quase me acusam (ou sou eu que me acuso?) da minha frivolidade. Um destes lavradores parece Herculano e outro tem mãos enormes e gretadas, mãos de terra quase desumanas.

O que está vivo diante de mim é a história, é o passado. São os *homens da fala ou do acordo*, os parlamentos que se juntavam ao ar livre nos adros, na velha terra portuguesa, e que talvez se reúnam ainda nos sítios ermos do Barroso, quando cada povoado era uma pequena república com assembleias populares, *as chamadas*, que superintendiam nas sementeiras para lhes fixar a época, no concerto dos caminhos, do moinho ou do forno comum, resolvendo os pleitos e as questões de águas. Não esqueçamos que, dividindo o terreno, uma parte *era de Deus* e cavado por todos.

– Alhore... – diz-me um.

Acordo.

– Alhore o quê?!

E não há mais nada! Olho para o céu – o mesmo céu pardo e baixo; para os bois que passam com solenidade e que vão moer pão nas atafonas, e tenho de me fixar outra vez nestes homens que suportam uma vida dura e monótona, fazendo todos os dias os mesmos gestos e repetindo sempre a mesma meia dúzia de palavras até à morte. Ouço rondar o Tempo... Aqui só há uma coisa a fazer: não é olhar para fora, é olhar para as almas. Nunca houve no Corvo um assassinio ou um roubo. – Aqui nunca se matou ninguém! – exclamam eles com orgulho. Os moinhos têm as portas abertas, para quem quer ir lá buscar a fornada depois de moída. – A minha porta ainda hoje não tem chave – diz-me o maior proprietário da ilha. – Se acham alguma coisa perdida no caminho vão pendurá-la num prego à porta da igreja. A família é sagrada e as raparigas são puras. As grandes questões resolvem-nas no adro, ao domingo, o padre e os homens mais velhos da ilha. Quando um corvino morre, quatro vizinhos encarregam-se de lhe abrir a cova e levar o caixão – que serve para todos – até ao cemitério. O povo acompanha o defunto. Nunca vi como nesta ilha tão extraordinário sentimento de igualdade. O Corvo é uma democracia cristã de lavradores.

Aqui acabam as palavras, aqui acaba o mundo que conheço; aqui neste tremendo isolamento onde a vida artificial está reduzida ao mínimo só as coisas eternas perduram. Não se pode fugir à monotonia da existência, à solidão que nos cerca, à sólida arquitectura dos montes que apertam e esmagam. Sempre presentes o plano revolto e amargo das ondas e a povoação isolada e denegrida. Passam se meses sem notícias do mundo, e com as Flores comunica-se com fogaréus que se acendem nos altos, porque o canal é largo e tão perigoso que arroja de Inverno os peixes mortos à praia. É aqui que o Tempo assume proporções extraordinárias. Vejo diante de mim a figura monstruosa, que suprimimos da existência fútil, arredando-a e esquecendo-a, o que no Corvo preside a todos os actos da vida. O Corvo não tem peso no mundo, mas nunca senti como aqui a realidade e o peso do Tempo. Sob o seu domínio todos caminham, repetindo os mesmos gestos e as mesmas palavras, e arrastando o mesmo fardo sem levantarem a cabeça nem desatarem aos gritos.

Estas figuras despidas e trágicas são tremendas como problemas insolúveis. Erguem-se diante de mim, e arredo tudo, esqueço tudo para os interrogar. Não que eles me saibam responder – eu é que hei-de responder a mim próprio, porque foi isto que me trouxe ao Corvo.

É o ermo que as torna grandes? É a vida áspera e comezinha? Não há pior do que meter alguns homens dentro dum barco na solidão do mar. Ao fim de algum tempo detestam-se. Não têm que dizer uns aos outros, e detestam-se. Imaginem o que seria atirá-los para este rochedo e deixá-los sozinhos para sempre: ao fim de algum tempo matavam-se. A solidão é amarga – o homem um bruto. Quando Rousseau se entranha na floresta, procura e encontra o quadro dos primeiros tempos da humanidade e, comparando o homem natural com o homem artificial e mostrando no seu pretendido

aperfeiçoamento a verdadeira origem de todas as suas misérias – «Insensatos – exclama – que vos queixais sem cessar da natureza, sabeis que todos os males vêm de vós próprios!» – A natureza descarnada mete medo, a natureza só nos impele a actos horríveis de instinto. Ao contrário do que diz Rousseau, o que nós temos a fazer é arredar a natureza para confins ilimitados e tender para o homem ideal. Deus nos livre do homem descarnado, sós a sós com a sua tragédia, diante do acaso e do absurdo – do homem subjogado pelas necessidades elementares sobre a fraga no meio do mar, para dela extrair o necessário à vida, sem poder levantar a cabeça! Reconheço agora nestas figuras, escavacadas à enxó, outra expressão e leio-lhes nos olhos ânsia que eles não sabem interpretar... O preto, num meio ubérrimo, não foi condenado – este homem é que foi condenado à solidão e ao trabalho. Ora na vida o essencial não é o pão, é outra coisa sem a qual mais nos valia morrer. O essencial é o sonho que transforma o homem.

Será então Chateaubriand que tem razão quando diz esta coisa horrível: – «É certo que ninguém pode gozar de todas as faculdades do espírito senão quando se desembaraça dos cuidados materiais da existência – o que só é possível nos países onde os ofícios e as ocupações materiais são exercidos por escravos» –? Toda a civilização é um produto de dor. Para manter a vida artificial, sem a qual não podemos passar, é preciso que muitos sofram. Já não concebemos a vida sem arte, sem livros de capa amarela, sem bodegas de teatro –até ao dia do terremoto universal. Mas era preciso perguntar aos desgraçados qual é a sua opinião, consultá-los e consultar a nossa própria consciência para saber se o progresso material se não tem feito à custa do progresso moral e espiritual...

O que na solidão os livra da natureza e do inferno é a religião. É ela que, além da vida monótona, da vida horrível, lhes mostra outra vida superior. É ela que os une e os salva.

Cada vez compreendo menos a existência!... Então se a religião produz isto – este homem puro –, que andamos nós a complicar a vida? Cristo está aqui – Cristo e a pobreza – Cristo mais descarnado do que eles – um Cristo que mete medo. Todos pobres, todos descalços, todos inexpressivos. E nem uma figura, nem um grito, nem uma revolta! Este homem é um produto do isolamento e da religião, e são as regras católicas que conseguem esta uniformidade e a monotonia das almas. Subordinar-se, obedecer, não discutir... Apesar da beleza do sacrificio, falta aqui alguma coisa... Do rebanho não se destaca uma figura. Será o Diabo tão necessário no mundo como Deus para não abriremos todos a boca com sono e para que se esculpam a gritos certos seres de contradição e de desespero, que bradam aos céus e se dilaceram diante do universo indecifrável, atrevendo-se a levantar a cabeça – e dos quais não podemos arrancar os olhos atónitos?!

Ou será tudo inútil? Será tudo vazio e inútil? – Um grito diante deste espectáculo fantasmagórico do vasto mundo, entre forças cegas – e com um deus presente e monstruoso a quem tivessem arrancado os olhos para não ver?... Um grito e mais nada...

Agora sei que estes homens com fisionomias de painéis, ossaturas enormes e mãos gretadas, me metem medo... Sua expressão é diferente – a expressão de ser que vive sob o jugo de ferro do tempo e das necessidades primitivas. Também já sei o que há no Corvo de importante: não são os costumes toscos nem a vida grosseira – o que há aqui de importante é a Vida: mortos e vivos formam um corpo Mortos, vivos e pedra. Mortos, vivos e Cristo. Somos completamente diferentes nas palavras, nos sentimentos, nas ideias. Qual de nós é melhor? qual é a verdadeira vida? A deles ou a nossa?... Noutra parte suprimo e arredo estas ideias – como suprimo e arredo o tempo. Mas aqui

tenho sempre presentes a ideia de Deus e a ideia da morte e vejo o tempo medir minuto a minuto na ampulheta a vida que passa. A ilha é pobre e escavada, o silêncio mete medo, e o isolamento completo e fechado em roda pelo mar atormentado. Na verdade, eu não podia viver como estes homens, mas na hora da morte queria ser um destes homens.

22 de Junho

No Corvo não há estradas – nem eles as querem. Subo o único caminho a pique que leva ao interior, por entre montes desolados, divididos por muros de pedra solta, tantos que parece ser esta a vegetação natural da ilha. São as pastagens para a engorda dos bois e dos gueixos. Apegado a um bordão com ponteira de ferro, atravesso os Pastelos, onde nos *dias do fio* tosquiavam as ovelhas, os baldios e mais montes vestidos de queiró escura, mais montes severos. Uma nuvem esponjosa arrasta-se pelos altos – toda a terra está empapada de humidade. É o reino monótono da erva. Depois de duas horas de caminho chego à cratera do monte Gordo, imenso circo perfeitamente arredondado, e com um escoamento tão regular que parece feito pela mão dos homens.

Lá no fundo reluz um lago com algumas ilhotas verdes – o ilhéu do Morcego, o ilhéu do Mato, as ilhas do Manquinho, do Braço, do Bracinho e do Marreca, que figuram o arquipélago. Nem uma árvore, só erva verde tosquiada e junco vermelho. O céu enfumado e muito baixo pousa sobre os bordos do vasto caldeirão. As rampas dum verde-claro descem até ao fundo com escorrências em fio de musgão branco e riscos petrificados de escórias, que vêm do alto e acabam no lago polido. Numa das margens fixou-se um fantasma indistinto, todo branco. Olho o vasto coliseu. Pedras, calhaus cobertos de líquenes, roxos como flores enormes, foram atiradas a esmo por todos os lados. A regularidade da grande escavação com os bordos intactos, a cor estranha das moitas enormes e redondas de musgo branco, os grandes paredões riscados de bronze e verdes até baixo, a serenidade das águas quietas, o fantasma imóvel, a luz fria e a solidão petrificada com o céu pousado sobre as nossas cabeças, transportam-me de repente para outro planeta, para o interior estranho duma cratera lunar, para um mundo de sonho, habitado pelos garajaus brancos que passam lá em cima como plumas. O nevoeiro cor de pérola desce devagar dos bordos, arrasta-se pelas paredes deixando-as todas molhadas, entranha-se e afoga o Caldeirão, transformando-o numa grande fantasmagoria, dando-lhe personalidade e vida, para outra vez se erguer lentamente em silêncio, deixando à mostra primeiro o lago com as ilhotas boiando como monstros petrificados, depois todo o fundo, depois os enormes paredões até lá acima. A alma desta ruína sem serventia, deste mundo espectral de que só restam estilhaços, deve ser o silêncio. É o país do silêncio eterno, cratera iluminada por outra luz, com uma vegetação rudimentar de musgos e líquenes: assim deve ser o Lago dos Sonhos, para lá do éter frio, na carcaça branca e inerte da lua...

Começa a ouvir-se a voz trágica do vento, que geme, adquire aqui dentro sonoridade que põe medo e grita, chama lá nos altos como se fosse a voz da cratera pregando aos céus. Esta paisagem morta, esta cor de glicínia das pedras esparsas, o nevoeiro que azulada e corre em vagas fantásticas sobre os musgões brancos, descendo ao lago sem uma ruga, para ascender até aos bordos da cratera e ficar suspenso em velário, dão-me uma cena irreal de que me custa a separar. Não compreendo bem, não sinto bem a vida desta coisa monstruosa e oculta no oceano, só para as aves e os pastores. Há em mim uma apreensão vaga, medo de interromper o grande silêncio e de chegar a ouvir esta grande mudez. Encosto-me à pedra diante do mistério, até que nos pomos outra vez

a caminho descendo a pique pela outra parte da ilha. Aparecem algumas árvores muito baixas: o majestoso cedro é um arbusto a que chamam zimbreiro. O vento não o deixa crescer: torce-se, geme, tem cem anos e seis palmos de altura. Sucedem-se as moitas de queiró e o musgão que absorve e conserva a humidade como esponjas. É a parte selvagem da ilha, Feijã da Era e quebrada da Lomba, onde se encontram cabras bravas que parecem corças, de pêlo curto cor de mel, com uma risca preta pelo lombo abaixo, órbitas salientes, e dois pequenos chifres direitos e agudos, com que se defendem dos cães. Regresso pelos baixos, pelos campos de cultura, cortando os vales do Fojo e do Poço de Água.

Observo que é grande a convivência entre estes homens e os animais. Comunicação tão fácil com os bichos só devia ser assim no princípio do mundo. O animal doméstico é mais inteligente e deixa-se guiar, donde depreendo que as histórias do tempo em que os bichos falavam são uma coisa muito séria. Em primeiro lugar não há na ilha um animal nocivo: nem mesmo o milhafre, que deu o nome ao arquipélago, se atreve a passar o largo canal do Pico às Flores e Corvo. Depois, não encontrei um caçador: só aqui existe uma espingarda sem fechos. As pequeninas vacas originárias da ilha – que vão acabar e é pena – são duma inteligência e duma meiguice extraordinárias: – falam-lhes e elas respondem; os porcos soltam-se de manhã, saem o *portão*, vão para o monte ganhar a vida e à tarde cada um recolhe a sua casa. Os pássaros são familiares. Ninguém lhes faz mal. A toutinegra cinzenta de poupa escura canta num ramo ao fim da tarde mesmo ao pé de mim. O desconfiado estorninho anda aos bandos catando a rosca do trigo, sem medo nenhum. Aqui arribam os aguarelhos, todos brancos. No canal, ao pé das tartarugas, bóiam cagarros aos milhares, cevando-se no banco do chicharro, e recolhendo às pedras, para toda a noite se entreterem numa conversa de velhas esganiçadas, sobre o tempo, o mar, os peixes, que a gente chega a entender perfeitamente bem, e que ainda hei-de reproduzir um dia se vier. Na grande cratera põem ovos os garajaus, que aparecem em Abril e emigram em Setembro. Dir-se-ia que uma índole extraordinária de mansidão abrange os homens e os bichos, sujeitos às mesmas leis severas da vida natural. As próprias cabras selvagens, ao fim de alguns dias de comunicação, se tornam familiares.

Seguimos e reaparecem os muros, os eternos currais com a sua servidão estreita a que chamam canada, o portão, buraco para o gado entrar, que os pastores tapam com pedras, e o chiqueiro onde à noite recolhem os novilhos – e pelo caminho fora acompanha-me sempre dum lado o mar, do outro este labirinto inextricável de estilhaços sobrepostos. As raparigas acodem com as cabaças oferecendo-nos leite espumoso e morno e gritam às vacas: – Ougá trigueira! – para elas porem os pés a par e as ordenharem melhor.

23 de Junho

Nunca encontrei homens do campo cujo espírito se pusesse logo em comunicação com o meu: há sempre uma parede de manha ou de inércia a romper. Estes não, estes olham-nos nos olhos e falam com desassombro. Nenhuma hipocrisia. A senhora Emília diz-me: – Esta casa era do padre; tanto andei à volta dele que me fez um filho. – E ainda não há cinquenta anos que as raparigas tomavam banho nuas diante do povo.

À noite vêm conversar comigo à casa onde durmo. A luz é escassa: ficam à frente o Hilário, o Cabo do Mar, uma ou outra mulher e, ocultas na sombra, fisionomias que, quando se aproximam da candeia, ressaltam cheias de relevo e carácter: a boca que quer falar, a mão que reentra logo no escuro... Todas têm um ar de família. O senhor Manuel

Tomás, de setenta e cinco anos, barba grisalha e curta, olhos pequeninos e já velados pela névoa da idade, um dos grandes proprietários da ilha, conta-me o Corvo de outros tempos:

– Fome! muita fome! ... A ilha andava avexada: pagava quarenta móios de trigo e oitenta mil réis em dinheiro ao senhorio de Lisboa. A gente – inda me lembro – andava vestida com umas ceroulas compridas, por cima um calção de lá, tingido de preto com mandrasto e uma jaqueta aos ombros, a barba toda e uma carapuça na cabeça. Não havia lumes. O lume conservava-se nas arestas do linho e quando sucedia apagar-se iam-no buscar à lâmpada da igreja... Fome! muita fome! O mais que se comia era junça, uma planta que dá uma semente pequena debaixo da terra, de que se alimentam os porcos. Moía-se nas atafonas e fazia-se farinha e bolos... Às vezes trocava-se uma terra por um bolo de junça. Fome!¹

Está gente de pé à porta. Escutam da cozinha, e lá para o fundo da sala há outros atentos na sombra que remexe.

– Muita fome! E as mães diziam: – Deixa-me guardar este bolinho de junça para os meus meninos comerem pelo dia fora! – exclama um tipo curioso de mulher com a pele lívida revestindo-lhe os ossos, uma fisionomia cheia de expressão e os olhos cobertos por uma membrana tão fina como a película dum ovo. E continua: – Chegavam a comer raízes de fetos... E saiba o senhor que o grande erro deste mundo vem de um engano de S. Pedro. Nosso Senhor disse-lhe um dia: – Pedro, vai fora da porta e diz ao mundo: – O pobre que viva do rico. – Mas S. Pedro chegou à porta, enganou-se e disse: – Ouçam todos que têm ouvidos para ouvir – o rico que viva do pobre!

E já outra, que está a soprar as brasas entre as pedras da cozinha, avança, morta por falar, e pergunta de repente:

– O senhor tem filhos?

– Eu, não.

– Então o melhor era morrer, para me deixar alguma coisinha. – E ri-se.

Uma, do lado, repreende-a:

– Está calada!

– Não faz mal, que este senhor é nosso.

– Não havia dinheiro – continua o sr. Manuel Tomás.

– Não se vendia nada, trocava-se tudo. Quem tinha uma casa a fazer, tocava o sino e a casa fazia-se num instante. Sabão, tabaco e pano azul traziam-no os baleeiros, e o povo dava-lhes cebolas e batatas. Os rapazes embarcavam no contrato da baleia, e as mulheres e os velhos é que faziam as terras. O mais que se comia era centeio, muito pouco, e junça. Os boizinhos pesavam sessenta quilos e a lã das ovelhas era comum e tosquiada em comum. Houve sempre um juiz nomeado pelo povo, a quem toda a gente obedecia e que mandava fazer os serviços da lavoura. Muita fome e muito vento, que destruíam como este ano todas as colheitas. O pasto era lambido em Setembro por uma doença. Ia-se então ao bracio, que só nasce nas rochas, para dar de comer ao gado...

– Muita fome! muita fome! – dizem todos os do escuro.

E aquela velha seca e nervosa, chegando-se mais à frente, brada-me cara a cara – talvez me julgue empregado do Fisco:

¹ «Em Maio vieram do Corvo à Terceira os ilhéus mostrar ao filósofo o pão negro que comiam, e pedir protecção ao tirano. Era uma cena antiga: parecia uma das velhas repúblicas da Grécia, e Mouzinho de facto um Licurgo, um Sólon, com doutrinas, porém, opostas às dos antigos. No pão negro dos ilhotas do Corvo, escravizados pelas rendas do donatário da ilha, viu o ministro um verdadeiro crime, e a teoria que o dominava embarcou-o em conclusões temerárias. Só reduzia a metade, não abolia o foro; mas acrescentava: «Vão passando os tempos em que se entendia que a terra tinha um valor antes de regada com o suor dos homens, nem é possível o contrário quando a broca da análise vai penetrando o mundo. «– *Portugal Contemporâneo* – OLIVEIRA MARTINS. – O pão era o de junça.

– Olhe o senhor as décimas!

Vejo melhor as figuras, o Hilário tisonado, o Cabo do Mar ruivo e falazão, os homens de idade, todos com a mesma expressão grave, a expressão nua de quem sabe o que é a vida e a morte. E olham para mim como para um ser diferente:

– Olhe o senhor as décimas!...

– Depois, também houve aqui uma mulher que mandava tudo. D. Mariana da Conceição Lopes, filha de padre, ia de capa para a igreja e de botas nos pés, quando toda a gente andava descalça. Isto deu-lhe um grande respeito; todos começaram a obedecer-lhe. Era ela quem dizia: – Uma pessoa não se deve gabar nem queixar. Se se chora, os pobres lastimam-na: – Coitada. – Se se gaba, dizem: – O que ela tem, e não dá nada à gente!... – Diabo de pobres! – Chegou a ser a rainha do Corvo: aconselhava, arranjava dispensas e punha e dispunha a seu grado.

– Ensinava o povo.

– Ensine-nos o senhor alguma coisa. O que nós queremos é que nos ensinem a ser ricos!

– Ensinem-me vocês como se canta no Corvo.

E sempre aquela mulher alta e esperta diz:

– Aqui canta-se a *Chama do Ladrão*, a da *Rita Comprida*, a das *Vacas Lavradas*, bailes de outros tempos. Ouça a das *Vacas Lavradas*:

*Ó minhas vacas lavradas
Quando vão p'ra a sarradela
Dão meia canada de leite,
Mas não cabe na panela.*

*E bem gordos, bem formosos
Os bezerros atrás delas...*

Toada e palavras inexpressivas – mas eu vejo um pouco de névoa pela manhã, a erva molhada a escorrer e à frente do gado a pastora de olhos límpidos que se parece com os bichos... O serão acabou. Todas as noites se retiram a esta hora, quando as cigarras começam ao desafio, falando umas com as outras em diálogos roufenhos que só acabam de madrugada. É então que eu sinto mais pesada a imensa solidão entre montes ermos, num povo perdido no mar.

Os costumes mudaram muito pouco. Ainda hoje os corvinos preferem trocar a vender. Só a ilha produz mais; produz tudo que esta gente precisa. Vem o jantar para a mesa num grande alguidar, sopa com toucinho e batatas. Bebem o leite perfumado do cabaço que anda de mão em mão. O leite trabalha sempre, como eles dizem; bebem-no de manhã, ao fim da tarde com sopas, e *lá em cima* com queijo e pão. Vinho não há, e mata-se um boi duas vezes por ano. A cozinha é negra, com a caixa e a peneira, o lar e o forno tudo coberto de fumo. Num rescaldo a grelha e o caldeirão; no tecto o toucinho pendurado na tombaralha e as varas com espigas de milho. O vento entra por todos os buracos da casa primitiva, com armação de cedro e canas entrelaçadas de junco. Moem o pão nos moinhos de vento ou nas atafonas, em lojas escuras onde um boi calcando estrume, com os olhos tapados e preso a uma grossa trave que se chama castalho, faz mover o pião e o almanjar. Há cinco atafonas na terra, e cada uma tem cinquenta ou sessenta proprietários, que as vão recebendo dos pais e as transmitem aos filhos. O sentimento da propriedade é levado ao último extremo, até ao ponto de dividirem as ruas por cancelas, e campos de meia dúzia de metros quadrados por muros de pedra

solta. Só há um vestígio de comunismo, que ninguém se recorda que existisse: a lã, que foi comum, é ainda hoje tosquiada em comum. E o *dia do fio* subsiste. Na última segunda-feira de Abril e na última semana de Setembro, toda a população se reúne para tosquiarem as ovelhas, que distinguem pelos cortes das orelhas: cada família tem o seu sinal registado nos livros da junta.

Toda a gente se submete às deliberações dos velhos e do padre. É grande a influência do vigário, e em troca dos seus serviços dão-lhe trigo, centeio e batatas, e num dia combinado levam-lhe leite e fabricam-lhe queijos para todo o ano. Na igreja as mulheres estão ao meio do templo, de lenço na cabeça, separadas por balaustradas de madeira, e acabada a missa esperam que os homens esvaziem o altar-mor e a porta do adro para depois saírem. O respeito lá dentro é extraordinário. Depois do casamento os convidados juntam-se em casa dos noivos, à volta dos ovos cozidos, vinho e massa da noite, que estão na mesa. E vão comendo e pondo as cascas de lado, dizendo uns para os outros, compenetrados: – Manares de Deus! – Dança-se até tocar à missa do outro dia, com os noivos sempre presentes e guardados pela família – porque têm Nosso Senhor no peito – e só no dia seguinte é que os deixam dormir um com o outro.

Não há pescadores: quem quer peixe pega numa linha e vai pescá-lo.

– Vais ao peixe?

– Uai – como quem diz: sim.

O mar é abundantíssimo. Vi pescar chernes negros, de olhos salientes, do tamanho de rapazes, pargos, bonitos, bicudas, bocas-negras, escobares, gorazes, albafeares de que aproveitam os fígados para derreterem e se alumiar. Também vi apanhar bejas vermelhas com uma mancha escura no dorso (o macho), e a fêmea cinzenta, o godião azul, que tem muita espinha, garoupa, lambaz, rainha, castanha, patuscas, rocaz e carapau. A tripulação divide a pesca em quinhões iguais que se chamam soldadas. E além da linha usam a tarrafa, atirando-a à água, e segurando a ponta da corda no braço. Há aqui muitos velhos que vão ao mar como rapazes, talvez porque vivem ao ar livre e se alimentam de leite. O Xexa tem noventa e três anos, a Catarina Vicente noventa e um, a Ana Canoca noventa e seis, e os cabelos pretos, a Machada oitenta e cinco, o Fraga e o Lourenço Jorge oitenta e sete. Um deles diz-me, rindo com a boca desdentada: – Eu não tenho dentes nem para que os queira. – Bebe leite. Se estão doentes, metem-se na cama, sustentam-se de leite e esperam a saúde ou a morte.

Um clima ríspido. De Inverno o salitre entranha-se nos homens e nas pedras. Quase sempre chove. Chove no dia seguinte ao da minha chegada, chove a 19 e a 20 e, mesmo nos dias de sol, há uma bafurada de nuvens pousadas sobre a ilha e em volta do horizonte um rolo formando parede. O céu amanhece sempre nublado; se clareia até às dez horas temos sol, senão conserva-se todo o dia forrado de névoas. Ventanias ásperas varrem o morro. O céu muda de aspecto todos os dias e quase a todas as horas. À tarde aquela fumarada espessa despega-se lá de cima e arrasta-se sobre as pedras. Para além o céu azul está quase límpido, mas a nuvem, que se não sabe donde vem, toma todas as formas, e, sempre da mesma cor, fixa-se e não larga os montes do Corvo. Às vezes pára, volta atrás, introduz-se nas gargantas e nos vales, dotada duma vida estranha. Sempre nuvens, sempre vento e em cada ano dois meses de Verão. Às vezes um ciclone. Juntem a isto o ruído eterno do mar que ecoa nos paredões e nas almas. O sentimento é de tragédia. Tudo se curva às leis essenciais da natureza neste rochedo vulcânico, erguido no meio do mar amargo, e com espigões de granito até profundidades desconhecidas; neste grande desterro, domínio do Tempo, onde a paisagem não sorri nem as raparigas cantam. Todos os dias se fazem as mesmas coisas desde o nascimento à morte. Não há uma questão – vivem unidos como irmãos – quem precisa dum arado vai buscá-lo a

casa do vizinho. As leis da necessidade impõem-se no Corvo como em nenhuma outra parte que conheço. É a solidão que as impõe, é a solidão que lhes ensina a ordem, a disciplina ou os sentimentos cristãos? Nós, se não conseguimos suprimir o tempo, arredamo-lo. Eles não. Também só aqui entrou em mim como uma realidade o que esta palavra quer dizer: o *pão*. O pão é preciso arrancá-lo à pedra ou morrer no meio do oceano amargo. Tudo isto é certo – tudo isto comove – tudo isto me não basta. Sinto-me encerrado num presídio e a minha vontade é fugir: a vida monótona tem uma grandeza com que não posso arcar. Já não suporto a existência natural. Nem sequer poderia viver como os corvinos ali preso aos vivos e aos mortos, com o Tempo lá no alto a presidir a todos os actos necessários e fatais da vida rudimentar. Inúteis?... Se não fossem cristãos desatavam aos tiros uns aos outros. O problema tremendo não sai diante de mim, nu e cinzelado como o próprio rochedo. Um minuto e a morte. Um minuto sem sabor e a eternidade. Tenho a responder a diferentes perguntas... É melhor que o tempo exista ou que o tempo não exista? Suprimi-lo ou vê-lo correr diante de mim, hora a hora, como uma tragédia que não tem fim? O que vale a pena: – viver pobre e ignorado com a consciência sã ou extrair da vida todos os gozos que ela nos pode dar? Só muito tarde é que se consegue satisfazer, melhor ou pior, a estas perguntas – mas qual de nós não quereria reduzir a vida material, com os seus progressos, para aumentar a vida moral e espiritual e possuir a vida interior desta gente rude? Isto é tão pequeno e tão grande que eu olho, debato-me, e de balde tento explicações.

Aqui não há desgraça – aqui não há fome – aqui não há injustiça. E, no entanto, eu não suporto a ideia de ficar no Corvo, que tem alguma coisa de monástico, de convento erguido no meio do mar. O bem talvez – a vida mais pura talvez – menos sofrimento talvez – mas também eu quero ser deus, embora me dilacere e sofra!

E este debate, que me não larga, enche-me de tristeza. A pedra é negra, a vegetação utilitária, a vida grosseira mas com uma religiosidade como nunca vi em outra parte. Estes seres isolados no mundo – unem-se. Num Inverno em que até os aguarelhos, que vivem no mar, morrem se não emigram a tempo, eles encontram refúgio no sentimento cristão de irmandade, que lhes faz suportar a repetição dos mesmos gestos e dos mesmos actos grosseiros durante toda a existência e o abandono a que estão votados. Melhor: amam a sua ilha. Quando as raparigas embarcam para a América até das pedras se despedem abraçando-as. O Corvo é um mundo.

População exacta: 660 habitantes. Já houve 900 – mas a emigração leva muita gente. Se a América abrisse as portas fugia tudo. Ainda assim dentro em pouco o Corvo deve estar despovoado. A natalidade também é pequena. Nascerem de 15 a 18 e morrem de 18 a 20. Há bastantes doidos, naturalmente por causa da consanguinidade.

Li todos os papéis da administração, – os da câmara arderam. Efectivamente não há notícias de crimes e o administrador farta-se de mencionar todas as semanas, desde 1844: «Não há ocorrências. Não há crimes. Percorro os papéis do juiz de fora desde 1836: pequenas questões de partilhas sem importância, de que saem conciliados. Todos os pleitos – com raríssimas excepções – são resolvidos na ilha. Ainda há pouco tempo o preço da vida era o seguinte: uma dúzia de ovos custava um vintém, uma galinha um tostão, a carne de vaca oitocentos réis a arroba.

Os corvinos não querem nada do Estado senão uma bateria eléctrica que falta no posto da T.S.F. para poderem comunicar com o mundo e responder aos navios que lhes pedem informações. Notem que já existe um posto e um empregado, mas há anos que, por falta duma bateria, estão incomunicáveis, tendo visto naufragar vapores que em ocasiões de tempestade perguntam por que costa devem seguir, sem lhes poderem responder. Em geral o vapor da carreira, durante o ano só carrega os quatro meses de Verão – porque o acesso é difícil. No Inverno o correio é atirado à água, indo buscá-lo a nado com uma corda o cabo-de-mar. Ora durante esses quatro, cinco meses, pedem que lhes seja permitido embarcar o gado – *que vem sem preço para Lisboa, e é aqui vendido por o máximo, sendo-lhes remetido pelo agente o que ele lhes quer mandar.*

A FLORESTA ADORMECIDA

30 de Junho

As Flores e o Corvo erguem-se uma defronte da outra, separadas por um canal de quinze milhas, o Corvo espesso e nu, as Flores violeta e verde com rochas violetas e os cimos dum pasto delicado. Pelos altos das falésias povoações esparsas, o Monte, a Fazenda, Cedros, Ponta Ruiva, entre colinas arredondadas e renques de hortenses que dividem os campos. Lá para o fundo três pináculos escuros e mais longe alguns cerros de um azul quase negro.

A costa vai-se aproximando com saliências e negrumes, e o verde tenro das ervas cada vez mais tenro, destacando-se da massa espessa, onde emergem os píncaros cada vez mais escuros. Um esguicho de sol cai de entre nuvens pesadas, ilumina e doira, desfaz-se em poeira sobre o primeiro piano, enquanto o outro se conserva esfumado. Mais pesada é a massa dos montes, o recorte dos penedos; só a água dum verde-claro estremece a meus pés. Entramos pelas rochas afiadas do porto de Santa Cruz. Duas ou três ruas muito limpas, a igreja, a praça, o convento, e logo por trás uma colina esmeralda de formas regulares e perfeitas como um seio túmido apontando o bico para o céu.

1 de Julho

Hoje, outro dia enevoadado. Com este tempo turvo, amanhece tudo cheio de orvalho, as árvores, os milhos, o trevo em flor, as fitas prateadas da erva, cujas hastes estremecem e não podem com o peso. Olho num espanto a volúpia do monte verde cortado por sebes azuis de hortenses, com uma grande nuvem cor de chumbo em cima; a falésia monstruosa em roxo e verde, a luz carregada de humidade com clarões esbranquiçados de nevoeiro, que alastram e se desfazem em névoa peneirada e fina; o Corvo ao longe, desaparecendo na humidade e reaparecendo, quando a cortina se descerra – a fisionomia estranha da terra, a vida efémera da água, da chuva e do tempo fantasmagórico. O carácter desta paisagem é a serenidade com uma pontinha de tristeza... Sempre enevoadada e fresca, húmida, como aquele monte voluptuoso ao fundo, é uma paisagem casta, que se oculta e revela, uma paisagem feminina no momento único em que se desnuda com pudor. A chuva é leve, as névoas molhadas não passam de orvalho doirado que o sol ilumina e atravessa. E quando cai (cai muitas vezes), é em borrifos que vêm lá de cima de uma brancura, sobre o calor abafado. De repente aparece o Sol – de repente tudo muda à vista, como um cenário, tornando-se difuso e turvo.

As nuvens nos Açores têm uma vida extraordinária, uma vida que não percebo bem! Hoje uma sobre o Corvo lembra uma auréola magnética. Amontoam-se no horizonte, surgem outras em bando, esguias nas extremidades, a que chamam baleotes e que indicam mudança de tempo. Há-as escuras com claridades extraordinárias pelo lado de trás; há-as que viajam no céu com importância de deuses... Tenho a impressão de que há nas Flores a luz mais delicada dos Açores, a luz vaporizada que se sensibiliza a todos os momentos. É talvez da cor, que é única, do pó roxo, do verde dos pastos sempre tenro e uniforme – é talvez da mistura dos nervos do mar, da chuva de Verão, do sol que se desfaz em oiro sobre tudo isto, e destas nuvens mágicas que interceptam a luz ruborizando-se como grandes velários de cor – para logo se desfazerem diante de meus olhos em arabescos, em fios ténues, em farrapos... Todas as cores se fundem e acabam

por se apagar em cinzento, deixando só resquícios na atmosfera húmida. Nunca assim vi ambiente tão rico em prestígio, sempre diverso e sempre em movimento. É o cinzento que predomina – mas um cinzento colorido onde bóiam cores húmidas, principalmente o verde e o violeta –jorrando, atabafando em pardo e violeta montes verdes a escorrer. É o que dá prestígio a esta terra molhada, onde o próprio sol parece molhado – molhado e doirado, tão leve que mal trespassa o cinzento... Então, um momento iluminado, o panorama respira, arfa devagarinho como um seio, ainda orvalhado do banho e aquecido pelo Verão, ruborizado e sorrindo por ter de despir a camisa diante da gente. Outras vezes tudo desaparece ou toma proporções fantasmagóricas e a água goteja doirada. Água, ar e bruma intimamente se casam para produzirem esta impressão casta e cinzenta ou toda violeta como a obra de arte de uma individualidade estranha.

Esta atmosfera explica que a ilha esteja quase toda a regime pastoril. Deixam de cultivar os campos para obter mais erva: é o menor esforço. O gado que não dá leite, farta-se e engorda para o mercado. Anda durante o Verão, dia e noite, nas *relvas*; só de Inverno o trazem para a porta e o metem nos palheiros. Quase não há lavrador, mesmo pobre, que não tenha três vacas leiteiras. Erva – erva – erva fofa que cresce, é logo devorada e sai pelas tetas dos bichos. De todo este verde casto brota, incha, corre um jorro constante de leite que todos os dias se transforma em manteiga. Não se vê correr como as águas da Fazenda ou da Ribeira, mas o seu volume é muito maior. Carne e leite, eis o resultado do calor abafado e da nuvem persistente que cobre a ilha e não a larga, amornando-a e humedecendo-a. Todas as aldeias do litoral, viradas para o mar, têm uma dúzia de campos de milho e de batata-doce e cultivam alguns olheiros de inhames necessários para a sua alimentação. O resto é pasto. À volta e sempre, relvas, ondulações verdes de colinas. Dão leite os montes e vales, e até dão leite as crateras dos pacíficos vulcões, que às vezes abrigam uma aldeia no seio. Um grande jorro branco corre de toda a parte para as fábricas, se transforma em manteiga e é embarcado para esse mundo. A grande canseira da lavoura florentina é ordenhar duas vezes por dia as vacas enormes que trazem a rasto um úbere monstruoso como uma doença. Da transparência verde e oiro, mágica e aérea, toda molhada e calma, com grandes píncaros aparecendo e desaparecendo nas nuvens desgrenhadas – quase imaterial – sai leite branco e tépido, como se o ar, o verde, a chuva, os clarões esbranquiçados, a atmosfera móvel, se convertessem em leite, e esta fantasmagoria cinzenta e roxa que a gente só vê nas nuvens fugidias, doiradas pelo sol e que arremedam todas as imagens, fosse gerada de propósito para ama de criação. Tudo tende para o mesmo fim. A erva vê-se crescer dum dia para o outro, regada pelo céu e sob uma luz velada de estufa. Por isso aquele grande monte voluptuoso se me afigura simbólico. É um seio que se tumifica: do bico apontado para o céu escorre um jorro perene de leite.

A vida não me interessa. Algumas florentinas esbeltas, de xale escuro pela cabeça, alguns tipos de homens fortes – e mais nada. De ilha a ilha – Corvo e Flores –vão quinze milhas – mas que distância as separa!... Aqui há escritvães de fazenda – empregados públicos – senhores e plebe. Compreendo o Corvo, não compreendo os interesses mesquinhos, moídos e remoídos numa pequena vila isolada a cem léguas do mundo. Vejo às janelas, por dentro das vidraças, fisionomias tristes de velhos que estão desde que se conhecem à espera de quem passa – e não passa ninguém. É aqui que o hábito deita raízes de ferro. Oh, meu Deus! descubro que a gente enterrada há cinquenta anos se encontra outra vez nas Flores, viva e aferrada às mesmas palavras e às mesmas manias do passado, numa meia-sombra em que se cria bolor. Estou talvez no Purgatório – o Inferno é mais ao norte... Certos seres mortos na minha mocidade, e que eu não sabia onde se tinham metido, foram desterrados para as Flores. Até personagens de romance! Até a D. Felicidade do Eça aqui habita e exala os seus gases, e outras damas

antediluvianas com broches ao pescoço e barrigas tão grandes como já hoje não existem barrigas no mundo! Visitei uma senhora de idade que nunca saiu de casa e até a paisagem da ilha desconhece. Quem não trabalha só pode fazer uma coisa:

sentar-se nos bancos de pedra da Misericórdia e esperar a morte. E na verdade aqui tanto faz estar vivo como morto e sepultado num jazigo de família.

Subo lá acima àquele seio túmido e doirado, cuja pele atinge a magnificência dos veludos. Lá do alto abrange-se parte da ilha, os vales cheios de árvores, a costa recortada, os grandes plainos do fundo retalhados como uma manta pobre, farrapo mais claro de trigo, farrapo amarelo de centeio já maduro. Às vezes vem do mar um chuveiro e toda a amplidão desmaia ou se turva e afasta. Entre a cortina vaporosa distingo o dorso arredondado das relvas, uma casota branca donde irrompe um cedro dum verde de sepulcro, riscos escuros de pinheirais, e pouco a pouco desvendando-se, toda a amplidão sossegada, o anfiteatro da Ribeira de Barqueiros, a chapada quase negra da falésia, o Corvo violeta, e a meus pés a vila em relevo. A impressão é de frescura e calma, de névoas misturadas de oiro. Esta paisagem molhada e verde é vaga como um sonho: entreabre-se, fecha-se, sorri e adormece... Um silêncio enorme (todos os ruídos são abafados pela névoa), uma amplidão de ervas gotejando, uma luz serena e toldada.

Duas estradinhas de alguns quilómetros acabam logo ali, uma no Boqueirão, outra na Ribeira da Cruz, seguindo por entre casinhas brancas, quintalejos, hortas, milhos envernizados de novo, renques de faias formando abrigo para o vento. Pastos e mais pastos, e os tourinhos deitados na erva com a barriga cheia e que já não podem comer mais. Todos os bichos estão fartos. Dos taludes rebentam moutas de sardinheiras, pés de malvões ou de hortenses viçosas. Mais postos sempre... É o paraíso das vacas: negras, amarelas, malhadas, com uma grande dignidade e o sentimento da sua importância, tomam o caminho, com o extremo das pontas doirado e os úberes enormes a rasto pelo chão. Outras afogam-se na erva tenra e comem e digerem, dormem e comem de dia e de noite, olhando quem passa com desprezo. Por um rasgão vê-se o mar espelhado onde a luz esbranquiçada das nuvens se reflecte, e lá no fundo a Ribeira de Barqueiros com um biombo de montes muito verdes. Todos os tons do verde estão aqui representados, cheios de viço e frescura – o verde-azul e derretido nos fundos, o verde-escuro dos *lagos* de inhames, o verde macio das relvas, o verde-negro das faias, apagados e fundidos no orvalho. Em direcção oposta segue outra estrada pelas Alfavacas, cultivadas a milho, a batata-doce e a tabaco, disposto em linhas regulares e com as folhas pontiagudas entreabertas. Sempre a mesma humidade e a mesma cor... E este verde sossegado insinua-se pouco e pouco e pacifica. Fica-nos na retina a cor verde e nos ouvidos a flauta afastada dos melros que assobiam sem interrupção no arvoredo formando biombo aos campos de milho. Esta linda estrada estaca de repente diante da falésia e em frente da baiazinha de S. Pedro. Espero o pôr do Sol doirado por trás das nuvens cinzentas, espero a irrealidade do crepúsculo nesta luz sempre cheia de surpresas. A costa para o nascente desdobra-se em cinzento, em roxo e negro no primeiro plano, com uma grande nuvem cor de chumbo a desfazer-se-lhe em cima e um rasgão de céu mais alto e claro, de planície etérea cor-de-rosa. Da névoa esfarrapada sai um clarão de fogo – riscos de oiro atravessam a poeira incendiando tudo em explosão. Por baixo a falésia alta derruba-se sobre o mar, com filamentos verdes derretidos nas águas. No segundo plano o azul mistura-se ao roxo e ao negro requeimado de grandes penedos. E no fundo anda pó verde do mar entranhado no pó roxo que dilui tudo na mesma tonalidade – as águas, o céu, as rochas aguçadas e dramáticas. Mais um momento e o drama chega ao auge: um crepúsculo em que a gente vê as cores despenharem-se num abismo uma atrás da outra – o azul, o roxo, o lilás, enquanto o horizonte se incendia.

Tudo isto, diante dos meus olhos deslumbrados, escurece, torna-se violeta, afoga-se em névoa, morre num estertor violeta e cinzento. E, por trás dos montes já negros, levanta-se, aumenta e nunca mais cessa a fumarada prodigiosa das nuvens...

5 de Julho

Como não há estradas para ir à Lomba, vou de barco pela costa. Os montes despenham-se lá de cima e estacam de repente, esboroando sobre o mar. São paredes de barro vermelho, rochas vulcânicas, pedras dramáticas (Escaninhos), falésias cortadas a pique e revestidas de queiró e inhames – um grande panorama que desfila diante de mim à medida que o barco avança. Às vezes a crosta amarelada entreabre-se e pelo rasgão brutal da parede lisa (Fajã do Conde) vê-se um cantinho rústico que faz cismar... Ora são socalcos cavados no paredão temeroso, ora são morros inclinados que ameaçam desabar, ora a imensa muralha violácea sobe a prumo até ao céu (e vacas minúsculas pastam lá em cima à beira do abismo). Quando o barco se chega mais perto olho a pedra compacta duma altura que mete medo, os buracos abertos lá para dentro, furnas e cavernas, até a escuridão incógnita cheia de vozes e rumores naqueles corredores infinitos de mistério. Mas dobrada a Ponta da Caveira a ilha muda de aspecto. Aparecem as relvas do Congro, da Fajã de António Vieira, a Ribeira da Silva, a Ribeira da Boa-Vista, e os fetos revestem totalmente as paredes, onde a água escorre em fios azulados que se despenham e reluzem em baba. Surgem mais pedras torturadas, as mil formas com que a água esculpe a rocha – um arco de pedra e, perto da Lomba, a figura negra da Senhora Dona, imobilizada sobre um pedestal branco. Desembarco e subo por um carreirinho cortado na rocha em pequenos degraus. Ao lado o abismo. Subo sempre por entre incenso e sarça das ilhas, calcando a cidreira brava e o mentrasto, que esmagados embalsamam. Atravesso os campos pela base dum penedo solitário e enorme, a rocha do Touro, e a ribeira da Fajã, que faz mover engenhos primitivos e corre por entre pedras, humedecendo os fetos brancos, de que se alimenta o gado, salpicando o feto molar e o cabreiro com que se faz a cama aos bichos, e acabando por reflectir, numa série de poças lisas como espelhos, toda a verdura recortada das margens. Outra subida e estamos na povoação da Lomba, duas vezes perdida no mundo, perdida no mar e perdida nos montes. Uma igrejinha, um punhado de casas escuras, alguns campos esparsos... Aqui nem o eco do mundo chega.

A única devoção do povo açoriano, ou pelo menos a mais arreigada, é o Santo Espírito, que tem por fim principal dar de comer aos pobres – culto remoto que vem do fundo dos séculos, desaparecido no continente, mas que, levado pelos primeiros colonos, perdura nos Açores. A abadia do Paraclito, fundada por Abailard com esmolas do povo, foi a primeira e a última igreja elevada em França ao Santo Espírito. Não sei de outra no mundo. Só nas ilhas não há freguesia onde Ele não tenha casa com altar e coroa, sem imagens, fora da igreja e independente da igreja. O padre tolera o culto e assiste às festas – mas vão buscá-lo a casa e marcha entre quatro varas grossas, simbolizando os quatro apóstolos, em que o povo o encerra...

Dizem nos Açores, e di-lo também o missionário P. Marie H. Taque, no seu livro recente sobre o sertão brasileiro ², que foi a Rainha Santa quem introduziu o culto do Espírito Santo em Portugal. Tentara erguer um templo ao Divino Paraclito, mas a obra, por falta de recursos, ia ser abandonada. Então, por terra, invocou o seu divino protector

² *Chez les Peaux-Rouges*. – Gomes de Amorim, nas notas sobre o interior do Brasil, apensas a um seu drama, de que me não recorda o título, fala-nos também do mesmo culto do Santo Espírito no sertão.

numa oração fervorosa. Ao acabá-la ordenou que todas as manhãs lhe trouxessem braçadas de pequenas rosas vermelhas do campo, e todas as manhãs orando transformava em moedas de ouro as flores bravas do regaço. A catedral, rapidamente construída, cantava pelas flechas e pelas torres, erguidas até às nuvens, a glória e o poder do Espírito da Luz e do Amor. Esta devoção espalharam-na os nossos navegadores pelo mundo e, mesmo depois de extinta no reino, onde não deixou vestígios, que eu saiba, continuou no sertão e nos Açores, oculta como um cisma. Nas ilhas e no Brasil todos os anos se elege um imperador para fazer a festa, que dura da Páscoa a Pentecoste do ano seguinte. Procura-o em casa a multidão e leva-o coroado e de ceptro até à igreja, onde o clero o recebe sentando-o no trono ao lado do santuário e incensando-o como a um bispo (Brasil). Este imperador dos imperadores tem, porém, uma missão que lhe impõem os pobres: dar de comer a toda a gente nos dias da festa. Às vezes arruina-se para encher os ventres insaciáveis da freguesia que o elegeu. As roscas do Santo Espírito são aos montões – levadas pelas mulheres em tabuleiros; a casa do culto é transformada em açougue. Ao lado dos carros de folhagem, dançam os foliões, de balandraus vermelhos e altas coroas na cabeça. De ilha para ilha a festa varia de pormenores, como varia no sertão. O que não varia é o seu extraordinário carácter popular. Não é o padre que celebra o culto – é o povo que o celebra, o povo grosseiro e rude, que traz para diante do Santo Espírito a Santa Matéria. O padre apenas colabora. Na Idade Média a Igreja tolerou-o e tolerou a Festa dos Loucos e do Burro, que entrava no templo de solidéu na cabeça, acabando a missa por o padre desatar aos zurros, ao que o povo respondia em coro com zurros mais altos. Só pouco e pouco a Igreja substituiu estas farsas, que em certas dioceses duraram séculos, pelo culto da Trindade, e o culto ao Divino pelo culto de Jesus, Maria, José...

Mas ainda hoje há neste aparato, na intrusão da gente que faz a festa, a comenta e a celebra, nas cantigas e nos tipos admitidos ao altar, um grande carácter da igreja rude e primitiva. Um momento o passado sai intacto do túmulo, com as multidões que invadiam o templo, misturando ao rito tragédia, chacota, medo de morte, e comunicando-lhe uma vida grosseira e extraordinária...

O Santo Espírito festejam-no as irmandades no dia próprio, mas quem faz um voto e o cumpre, recebe a coroa em casa, e se é abonado dá uma vasta comezaina a toda a freguesia em qualquer domingo até S. Pedro. Hoje o imperador é um americano que voltou à terra com dinheiro e que mandou matar dois bois e cozer quatro sacos de farinha. Vá de encherem-se até lhe tocarem com o dedo! Já cozeram a carne e as sopas. Ainda de noite, vazou-se numa terrina – a sopeira do encontro – a primeira carne e as primeiras sopas do caldeirão e uma rapariga saiu ao alpardo (amanhecer) e ofereceu-as à primeira pessoa que encontrou no caminho. De véspera os foliões com bandeiras e tambores trouxeram a coroa para casa do imperador e da imperadora, que mandaram armar o altar na sala, paramentando-o com vasos de flores, fitas de seda, cordões de ouro e uma bancada com velas acesas. Espreito. Nas ruelas da terrinha escura escoam-se fantasmas. Duma ladeira surgem mais sombras. Todos se dirigem para a mesma casa, onde os foliões cantam a alvorada tocando bombo e testos, sete avé-marias, diante do Espírito Santo, dançadas à roda com extraordinária gravidade e sem nunca voltarem as costas ao altar. Cheira um pouco a monte. A povoação está sentada em roda, os pastores velhos ajoelhados atrás de mim e os mais pequenos agarrados à banquetta... O céu é figurado no tecto por um paninho cor-de-rosa com uma pomba de papel dourada a meio. Isto termina pelo oferecimento, começando em tom menor e concluindo em terceira maior, conforme os motes de épocas passadas.

– Seja pelas almas dos defuntos do imperador!

Estas coisas exercem em mim uma influência extraordinária. Só é grotesco o que

perdeu a significação – mas os foliões com balandraus e coroas na cabeça vêm do passado em linha recta e humedecem-me os olhos. Por trás de mim está gente em bicos de pés. Todas as cabeças espreitam umas por cima das outras. E nos olhos daquele pastor pequenino e esfarrapado que atento à porta não se atreve a entrar com receio, como se estivesse à porta do céu, leio adoração e espanto. Ele escuta os versos para os repetir no futuro.

Segue logo a ceia, cada prato festejado com a monótona cantoria e por fim a cerimónia do levantar das mesas. No fundo da cozinha enegrecida só vejo, como nos antigos painéis das almas, caras sem corpos que olham para mim. São tipos de terra, feitos de terra, sujos de terra. Espreito para fora: pelos córregos e montes descem luzinhas que se aproximam pouco e pouco. É a gente que se esteve a enfeitar e que vem à Chama Rita. A meu lado, sentados num banco, reparo em quatro velhos, todos juntos, muito graves, todos de barba branca, todos descalços e dois com grandes óculos de aro de folheta. Indaguei e soube que eram os sebastianistas. Estendo a mão devagarinho e toco-lhes com receio, para ver se estão vivos. A nossa conversa foi muito simples. Nos olhos daqueles homens havia uma candura e uma fé que me infundiam respeito. Tinham alguma coisa de diferente. Alguma coisa de extraordinário que os estremava – como fidalgos da plebe. Não era a atitude nem os óculos enormes. Era o ar. Era a alma. Era um idealismo, ridículo e amargo como o de D. Quixote. Não me atrevi a discutir com eles. Todos esperam pelo D. Sebastião como esperam pelo reino dos céus, e um assevera-me à despedida: No ano em que houverem três Invernos e um Verão, vem D. Sebastião. – E saem pela porta fora, descalços, graves, agarrados aos paus, juntos e vivendo daquele sonho desconforme. E eu fiquei a olhar para eles espantado... Vento de aqui, vento de acolá; no mesmo dia, em Julho, todas as estações – sol, chuva, calor, frio, trovoadas, nevoeiro... Quem sabe nada, neste mundo enigmático, nesta fantasmagoria onde todos nos perdemos com as nossas explicações e subterfúgios? Quem sabe?... Eu mesmo me sinto influenciado e perdido no meio de figuras que não são do meu tempo e de costumes antigos como o mundo.

Tudo aqui neste sítio escondido está pautado do nascimento à morte. A família é sã, a casa aseada, e a mulher ouvida em todos os contratos. Não há criados, porque ninguém quer servir. Na boda, ao fim do jantar, vem uma rosquilha à mesa, em cima numa bandeja. A noiva corta-a dum lado com uma faca, o noivo do outro – sinal de igualdade – e duas raparigas pegam cada qual no toro dos bem-casados e levam-no a dois pobres. Quando uma pessoa está para morrer, a casa enche-se-lhe de gente: vai para lá metade da freguesia conversar e cheirar rapé. Chegado o momento trágico da agonia, uma das velhas, que rodeiam a cama como avantesmas, salta para cima do moribundo, já de olho vidrado, e abraça-se a ele, repetindo: – Jesus! Jesus! Jesus! – para espantar os maus espíritos e obrigá-los a afastarem-se do leito. E logo que diz: – Morreu! – a gritaria dos espectadores é ensurdecadora. Também, desde que a criatura agoniza, não se acende mais o lume nem se bebe mais água, que se despeja dos cântaros, para que a alma não se creste nem se possa banhar nos potes...

7 de Julho

Da Lomba vou às Lajes, das Lajes às Caldeiras – ao interior da ilha.

O que nas Flores se chama mato, é uma série de ondulações despovoadas e verdes, todas riscadas de hortenses e revestidas de borreca, que forma montículo, e de brácses, que dá espigas brancas. As ribeiras precipitam-se lá de cima, do planalto, correndo e caindo nos pulos e escavando a terra até encontrarem o leito de lajedo, quase

sempre apertadas entre ribanceiras e revestidas de incenso ou faia – a Ribeira Funda, a da Fazenda, a Seca, a Grande, entre a Fajãzinha e a Fajã Grande, a de Ponta Delgada, a do Casca¹.ho, a Ribeira da Cruz, a Ribeira da Silva, a do Pomar, a de Barqueiros, e ainda outros veios que dão à ilha uma verdura constante e uma voz de oiro. Por todos os lados brotam fontes e todas as caldeiras, à exceção da Ribeira Seca, têm água no fundo. A parte mais alta da ilha é o Morro Grande (novecentos e quarenta m.) que fica próximo duma cratera – a Água Branca. De lá se avista o mar à roda da ilha. É ele que limita o horizonte. Pode-se seguir como numa carta o relevo da terra – os chanfros, as ondulações da costa, os cortes, os baluartes. Nuvens aqui e acolá saem dos fundos, arrastam-se pelas encostas e evaporam-se. O incomparável tablado está sempre a mudar de cenário. Montanhas, gargantas profundas se abaixam gradualmente até ao mar – negras ou iluminadas; colinas em catarata despenham-se – e com a névoa cria-se um panorama de sonho – um panorama de luz sempre a rarefazer-se. O oceano ao longe não se distingue do céu, ligado ao céu pela bruma esbranquiçada. Não muito distante se ergue o Pico Touro, no centro da planície chamada o Rochão do Junco, onde corre, no lugar da Fonte Frade, a água mais fria que tenho bebido (dez graus de temperatura) e se escoia em prata líquida por entre ervas vergadas com o peso. É este o caminho que leva à rocha da Fajã Grande, ao sítio denominado o Portal, vasto semicírculo de pedra, donde se avistam lá no fundo do abismo, a quatrocentos ou quinhentos metros, Os telhados do povo, a baía e o mar. Um carreirinho em ziguezague, escavado no monte, serve para se descer; e pela esquerda, sempre por cima da rocha, vai-se aos Terreiros e dos Terreiros descobre-se a maravilha da Fajãzinha encastada no interior da cratera. Este termo Fajã ou Fajãzinha significa sempre desmoronamento cultivado e fértil. Aqui foi um lado da parede tenebrosa que desabou e os homens transformaram em vastos campos de milho. Duas grandes quedas de água, da Ribeira Grande, despenham-se lá em baixo num boqueirão com grande estrondo, desfazendo-se em roda numa névoa de gotas líquidas. Desce-se a calçada de pedra no *gorjão*, carro de bois sem rodas. Perto, e também à beira-mar, há o pequeno povoado da Ponte sob uma rocha colossal que o circunda e o esmaga. Estes paredões parece que pouco e pouco se apertam, deixando apenas uma físga por onde entra o azul e com ele a respiração. Série de panoramas, de paisagens, de quadros ermos, muralhas de cidades arruinadas, montes e píncaros dilacerados, que acabam por desaparecer nos farrapos das nuvens – ou colinas solitárias, ermos e pastos verdes...

A maior impressão com que saí destas terras metidas nos vulcões, povoados com a montanha por trás a ameaçá-los de submersão, como uma onda de pedra que vai cair na mudez, foi o medo ao isolamento: sente-se a gente perdida e só para todo o sempre, com o mesmo panorama restrito diante dos olhos. Uma vida inteira ao pé disto sem se poder fugir senão para a morte! Uma vida, outra vida, outra geração sem aventuras nem sonhos. Antes a floresta e os seus perigos, a África e o seu mistério! Sobre estas pequenas terras isoladas pesa o chumbo dum silêncio maior e um abandono sem limites... Todas as aldeias à beira-mar e viradas para o mar esperam os navios, as notícias e os emigrantes – Santa Cruz, Fazenda d'Além da Ribeira, Cedros, Ponta Ruiva, Ponta Delgada, Fajã Grande, Fajãzinha, Mosteiro, Lajedo, Costa, Lajens, Fazenda das Lajens, Lomba e Caveira.

As crateras ficam a oeste da ilha, com exceção das Lajes e da Lomba a sudoeste – a Seca, a Água Branca, a Comprida e a Funda. A Seca é um simples reservatório das chuvas no inverno, a Água Branca um lago permanente à superfície da terra, a Comprida e a Funda cortadas a pique na rocha tisonada. A água empoça lá em baixo em tinta negra. A Funda chega a ser trágica. É um quadro a duas cores, uma água-forte a borrões, ali à espera não sei de que catástrofe. Modelada e viva, dum negro vivo cheio

de pensamento e absorto em maldade. Atrai-nos, e nunca mais o esquecemos, aquele olhar que parece humano e vem do fundo dos fundos, dum subterrâneo parecido com o que trazemos connosco e não conseguimos arredar para longe... Todos estes antigos vulcões estão cheios de vida, de aves e de carpas; reservatórios de água fitam o céu com o olhar líquido e vago; alguns transformaram a ferocidade em erva e dão leite; outros abrigam povoações e os seus terrenos são os mais férteis da ilha.

Nunca mais esqueço a faia do norte em flor, a Ribeira Funda, que corre entre bananeiras e inhames – o vermelho de folha comprida, o branco de folha mais curta e mais negra – os álamos esguios e nervosos que acompanham os ribeiros no seu trajecto, o pontilhão rústico que atravesso sobre o mugido da água, e a encosta íngreme revestida de incenso e onde o pessegueiro bravo cresce espontaneamente. As Lajes ainda dormem, um ou outro pastor vem dos matos, a pé ou de burrico, com as vasilhas cheias de leite. Na minha frente tenho por pano de fundo um monte denticulado. Cheira-me ao cubro que dá flor amarela, às fúcias e aos zimbros que cobrem os murinhos de pedra solta, e que ao abrir da manhã exalam a primeira respiração, e subo por um vale até chegar à ribeira do Encharro e a um corredor de terra calcinada e negra. Mais dois passos e estou no bordo da Caldeira. Tenho a impressão de que aquele grande lago verde olha para mim como eu olho para ele, fixo e imóvel, no fundo dos montes cortados a pique e revestidos de teiró. A água escorre em fios esbranquiçados pelas fendas dos paredões, sem o mais leve ruído. Não se ouve o canto duma ave nem o grito do pegureiro, o lago parece fascinado e absorto numa grande contemplação. Nem sequer aquela queda na minha frente, por onde a Caldeira Rasa se esvazia, interrompe o silêncio. Lá em baixo a água não tem uma ruga e no céu viaja uma nuvem cuja sombra sobe devagarinho as encostas. Mais para longe ficam outros montes todos rasgados pelas águas invernosas, as pedras do Cabaço, Tabaivos, Pedras d'Alface, o Cruzeiro, o Pico de Sete Rios, solitários, desertos e lavrados de alto a baixo pelos grutões. Só a teiró em moutazinhas cor de cipreste nasce da terra. Só a teiró e a rosmânia, que dá uma baga preta, revestem de escuro as paredes da cratera e descem até à água dum verde mais claro, que talvez nos contemple e nos julgue. Isto é imenso e despovoado, é misterioso. E o silêncio pesa, – só agora interrompido pelo gado alfeiro que anda na engorda, pelos touros que se põem a atitar –aú-aú – sob o côncavo mudo do céu.

13 de Julho

Para ir à Fazenda de Santa Cruz passa-se pela povoação do Monte, no alto do Farrobo, donde o panorama largo vai desde a vila às pedras do Boqueirão, entranhadas em nuvens cinzentas. O caminho desenrola-se à beira-mar, num socalco muito alto, e, numa curva, surge de repente o borrão violeta da arriba, saindo do mar violeta, e envolta em pó violeta. Logo a estradinha se torce e aparece diante de nós um grande monte verde com a ponta da Sé erguida até ao céu: por trás, a escarpa monstruosa da Ponta Ruiva, com duas casinhas penduradas sobre o mar, dum violeta cada vez mais carregado. Nunca vi esta luz violeta, estas gradações de roxo que parecem empoados, nem este extraordinário contraste do verde dos montes e das rochas, cobertos de queiró quase negra, com a atmosfera violeta e o fundo violeta até ao largo.

É novo e estranho – violeta e verde – largo panorama a roxo onde distingo fios de esmeralda de pastos Mas é principalmente roxo; não só nos fundos, lodo no primeiro plano, dum roxo transparente e luminoso como a luz que se extingue – dum roxo que vai da arriba até ao mar e acaba no poente imenso e todo roxo. Através da poalha

distingue-se o campo de erva verde e orvalhada, os penedos donde escorrem os inhames dum verde carregado, até que a neblina se adensa e acaba num borrão. Mistura-se a isto o doirado do sol em poeira doirada que custa a irromper da tinta e esplende enfim em cataratas de fogo sobre o roxo das águas cintilando, enquanto a costa, os montes, a ilha se transforma numa ilha de sonho.

Já se ouve o ruído das águas da Ribeira, já se avista a povoação no panorama de montes e penhascos azulados. A água quase negra dum regato despenha-se de pedra em pedra até às patelas dos moinhos. Uma pontezinha romântica, meio arruinada, reúne vários socalcos e algumas casinhas de pedra solta. A água espadana esbranquiçada ao pé das rodas entre figueiras acoradas. O ar cheira a limonete, que aqui se chama luísa. Subo e olho: logo por trás da aldeia da Fazenda, pálida, numa paisagem que lembra os montes asturianos e Covadonga, se erguem escarpas imensas dum roxo violento e negro contrastando com a meiguice dos campos e o verde-claro dos pastos iluminados por uma luz fria. É o Monte da Vigia, o Pico da Sé envolto em nuvens e o Franciscão, cone perfeito de pedra, aguçado até à extremidade. A fumarada da névoa entra por uma garganta, afasta os cerros para um fundo longínquo e torna ainda mais violeta e mais sólida a arquitectura dos montes. Quando por momentos se adelgaça e esvai, aí torna o grande cenário dos maciços, os píncaros de rochas estranhas, a serra recortada... Só no primeiro plano um monte isolado e mais pequeno não muda de aspecto nem de cor, afastado da região da névoa: conserva-se verde e imóvel, arredondado e verde, solitário e pacífico, enquanto o cone da Sé muda de cor a todos os instantes, levado para as regiões fantásticas do sonho.

Isto parece despovoado. Só encontro uma mulher do campo magra e triste, que se queixa da sua pobreza e diz:

– O homem trabalha e uma mulher cobre os filhinhos com a sua sainha.

Traz uma pequenita pela mão, que se esconde atrás dela.

– É muito mamantona – explica.

Reparo na casinha de lavoura, com a cabana ao lado formada de varas, onde se guardam as espigas de milho em camalhões para secar, na cozinha limpa, com o armário, a que chamam amassaria, o alguidar do pão e o lar. Aqui fabricam a manteiga, o queijo e o crostes.

As terras são alugadas pelos proprietários, que vivem na vila. A lavoura é pequena: o maior trabalho que dá é lavar (regar) uma horta de inhames. O pior é o gado. Quem não possui terras que o sustentem trabalha a terra dos outros em troca de pastos. De Inverno dão aos bois ramas de incenso e folhas secas de milho.

E mais nada me diz esta mulher magra e triste que se despede de mim para a eternidade com esta única palavra:

– Paciência.

A figura não tem nada de atormentado e trágico. É uma mulher inexpressiva e gasta, cujos traços desapareceram para sempre da minha memória – tão gasta como o seixo que, à força de ser rolado, perdeu todas as arestas. Paciência... As figuras horríveis da Vida e do Inferno não são as atormentadas – são aquelas cujos traços se esquecem.

Paciência não! Eu sou um impaciente que não compreendo a paciência diante da desgraça, da escravidão ou da dor. Paciência nem diante do céu!...

Caminho despreocupado pela estrada que vai dar à Ribeira, e de repente a terra falta a meus pés numa fenda aberta até ao mar entre muros a pique. Ao meio deste vale apertado e fundo um cone isolado e perfeito, e dos lados as escarpas verdes carregadas de pinheiros, de castanheiros e de faias. Da grande muralha selvática que tapa o vale, ao longe, despenham-se, de trezentos, de quatrocentos metros de altura, três fitas azuladas

de água, que caem em baixo em silêncio. No outro extremo recorta-se a baía sem uma ruga, e o mar largo reflecte a brancura das nuvens até se confundir com a névoa no horizonte. Isto de repente, lá em baixo, isolado do mundo e perdido no mundo... Parece um sítio onde ninguém pôs os pés depois que os navegadores aqui abordaram – verde-azulado, em catadupas de verde-azulado, com as quedas despenhando-se de toda a altura do paredão entre silêncio e nuvens. É uma paisagem imaculada. Esta água ainda não trabalhou para ninguém: está aí para completar o quadro virgem que os montes parecem contemplar em silêncio. É um sonho verde que ameaça fundir-se na grande nuvem cinzenta que se arrasta nos píncaros – é um sonho que vive numa solidão integral, ele e as névoas que descem devagar e vão submergi-lo. Às vezes descobre-se o sol, mas o sol é um acto brutal de impudor, como o de arrancar um véu e desnudar uma virgem. Aqui só a luz velada, que cheira a água e a brávia, e quase não distingo da flauta mágica que ouço lá para o fundo, desta música das aves que não cessa – rechio, bio – rechio, bio – e que nunca ouvi assim. Chego a confundi-la com a voz da paisagem húmida e verde, da paisagem casta e melancólica, a que só o canto dá vida e cor. As aves ligam e tecem fio a fio a humidade, a névoa constante, o recolhimento, a solidão e o sonho meio adormecido. São a voz da floresta encantada, da floresta submersa e perdida num recanto da ilha. Agora vai desaparecer – vai-se afastando e sorri extenuada, em tons cada vez mais atenuados – e ao morrer ainda canta... São verdes, árvores em borrão – são verdes molhados, quietos e adormecidos. Por vezes um fio de sol doira a névoa a medo, escoá-se, funde-se no cinzento e no verde, reluz, morre diante de mim depois de tocar as folhas escorregadias, as gotas suspensas, o farrapo cinzento que ficou preso das árvores. Só os píncaros emergem ao longe. Desço por um caminho de cabras, por entre castanheiros em atitudes de quadro romântico – entranho-me na humidade verde até ao pontilhão rústico que atravessa a ribeira. Solidão – pingue-que-pingue das gotas que caem – e sob os pés a podridão mole das folhas cheirando a morte.

Outro tom agora – outro tom, no tom primitivo, o das gotas a escorrer das árvores. Afastado e triste, quase tão verde como este verde parado e húmido. Não distingo já o som da cor, o som da luz: tudo se funde no ruído de lágrimas que caem devagarinho no chão, porque as folhas não suportam o peso – tudo se funde na floresta verde e imóvel metida neste buraco formidável onde não há vivalma. Há momentos em que o choro é doirado e transparente – o chuva cai doirado e muito leve, cai em fiapos de aranha – e logo a cor desaparece no cinzento e só fica diante de mim a floresta gotejando, todas as formas dissolvidas, à medida que o vale foge azul e húmido e se converte em som, até que da paisagem casta e encerrada entre montes, da paisagem oculta e inútil, fica só saudade e o ruído de quem não acaba de chorar – de quem chora devagarinho, doirado e cinzento. Não é uma grande dor. Há mesmo nesta tristeza não sei que inocência. É o momento único em que as crianças passam do choro para o riso, que começa a abrir-se-lhes nos olhos entre a água e na face cheia de lágrimas que a gente tem vontade de limpar...

A isto vem juntar-se, à medida que avanço, a música das águas que se despenham lá do alto em grandes fitas azuladas e que parecem imóveis, tão longe ficam, formando, com as centenas de melros que assobiam ao mesmo tempo, a melodia que os faunos escondidos tiram das flautas mágicas – rechio, bio – entre a verdura toda molhada e quieta. Tudo se passa numa luz toldada em que o ruído da água e o canto das aves estremece e se funde no tom verde da paisagem que não bole a escuta enlevada gotejando. Um momento não sei se a água cai em gotas das folhas das árvores ou do bico dos pássaros, e sinto que a música tão distante das grandes quedas de água me entra ao mesmo tempo, à medida que me aproximo, pelos ouvidos e pelos olhos. É a música pastoril e sagrada, a voz da floresta adormecida, o seu sonho musical, que me

extasia juntamente com o ruído das águas, o mais límpido e o mais belo que conheço para esquecer o tempo e a eternidade!...

A ILHA AZUL

16 de Julho

Já vejo a Horta ao fundo da baía limitada por dois morros, o Monte Queimado numa extremidade e na outra o Monte da Espalamaca. É uma cidade de uma só rua, como eles dizem, a branco e cinzento. Alguns conventos, algumas igrejas pesadas, velhas e simpáticas casas de província com varandas de madeira e reixas: às vezes na varanda um postiguinho para a mulher falar ao namoro acocorada no chão. – Cheguei-me ao ralo – dizem as meninas. Calçadinhas desertas e ruas solitárias, atravessadas de quando em quando por um meteoro loiro: são as raparigas americanas do cabo, a galope de cavalo, com os cabelos ao vento. Onde a onde um solar de província com o granel ao lado. É uma terra de gente ilustrada e hospitaleira. Em frente da Horta, o Pico formidável... Do alto do Monte das Moças melhor se vê a baía arredondada e o Monte Queimado que a separa de outra concha mais pequena – o Porto Pim.

O que dá um grande carácter a esta terra é o capote. A gente segue pelas ruas desertas, e, de quando em quando, irrompe dum porta um fantasma negro e disforme, de grande capuz pela cabeça. São quase sempre as velhas que o usam, mas as raparigas, metidas na concha deste vestuário, que pouco varia de ilha para ilha, chegam a comunicar encanto ao capote monstruoso. É um ser delicado e loiro e o contraste realça a figurinha que saltita em passo de ave condenada àquele pesadelo, como certos bichos de aspecto estranho que trazem a carapaça às costas. Começo a achar interesse a este fantástico negrume e resolvo que devia ser o único traje permitido às mulheres açorianas. À saída da missa gosto de ver a fila de penitentes que se escoam pelas ruas... Também me explicam que é uma coisa ao mesmo tempo monstruosa e cómoda: vai-se com ele pela manhã à missa, usam-no as velhas aferradas aos seus hábitos; e uma rapariga pode visitar uma amiga na intimidade, porque está sempre vestida: basta lançá-lo sobre os ombros. Envolve todo o corpo, e, puxando o capuz para a frente, ninguém a conhece. O que uma mulher que use o capote precisa é de andar muito bem calçada, porque tapada, defendida e inexpugnável, só pelos pés se distingue; pelo sapato e pela meia é que se sabe se é bonita a mulher que vai no capote. O capote herda-se, deixa-se em testamento e passa de mães para filhas. O capote numa casa serve às vezes para toda a família. Mulher que precisa de ir à rua de repente, pega nele e sai como está. – Este já foi de minha avó – diz-me uma rapariga. – Era dum pano inglês escuro, dum pano magnífico que dura vidas.

A outra coisa que exerce aqui uma verdadeira fascinação é o Pico – tão longe que a luz o trespassa, tão perto que quer entrar por todas as portas dentro. Na verdade, parece um efeito mágico de luz, um fantasma posto aí de propósito para nos iludir e mais nada. Toma todas as cores: agora está violeta, logo está rubro. A cada momento uma nova transformação. Todo o céu doirado e o Pico roxo. Tarde, e a lua enorme a nascer por trás daquele paredão imenso que chega ao céu. É majestoso e magnético. Está ali presente como um vagalhão que vai desabar sobre o Faial. Esta noite é um sonho: o cone muito nítido emerge de nuvens brancas que o rodeiam e parecem elevá-lo num triunfo ao céu. Às vezes, de Inverno, a neve brilha lá no alto com reflexos de jóias, outras são as nuvens que lhe dão formas extraordinárias. Se eu vivesse aqui, queria uma casa e uma cama onde só visse o Pico. Ele enchia-me a vida.

18 de Julho

Do Cabeço Gordo vê-se toda a ilha à roda: os Flamengos no interior, e no litoral Praia do Almoxarife, Pedro Miguel, Ribeirinha, o Salão – celeiro da ilha dividido em retalhos de cores – Cedros, Praia do Norte, Capelo, Castelo Branco, Feteira, todas entre chás de centeio e trigo e farrapos esverdeados de milho. A propriedade está muito dividida e quase toda nas mãos de remediados. O dinheiro da América tornou estes homens independentes. A propriedade avalia-se por alqueires de terra – duzentas braças quadradas – produzindo, em média, cada uma trinta alqueires de cereal. A casinha limpa e aconchegada tem ao pé a eira redonda de terra calcada, com pedregulhos de lava a circundá-la para o grão não poder fugir; o eirado da cisterna, com o bocal por onde se tira a água sempre caiado de fresco, e a casa de palha colmada para guardar o carro, os arados e às vezes também os bois. A terra dá-lhes a bananeira, o ananás, a laranja, o chá, e produções sucessivas de batatas; nas encostas algum vinho, nos vales trigo e milho. O campo, dum verde sossegado, claro e muito calmo, é dividido em lavouras e pastagens, mas o homem do Faial é muito mais lavrador que pastor.

Vejo passar nas estradas esta gente afadigada, as raparigas com a lata do leite, os homens que regressam do trabalho de chapéu de aba larga, jaleco e varapau, as moças que vem da fonte, vestidas, principalmente no Capelo e na Praia do Norte, com uma saia de lã que elas próprias fabricam, de barras roxas, verdes ou vermelhas, casaquinho curto, lenço na cabeça e chapéu de palha, de copa muito pequena e aba muito larga, afitado de preto. Às vezes partem um cântaro e exclamam: – Mágoas tamanhas!... Riem tão felizes e discretas como o campo, que é meigo. Todos estes retalhos são encantadores com as árvores em mancha, o poço e a casinha. É a terra dividida, é a terra cultivada com amor pelo pequeno proprietário que a ganhou com o suor do seu rosto e a dispôs à sua feição, pequenina e ajeitada. Não é só a luz que lhe dá esta cor – é o trabalho compensado – é cada um no seu bocado de terra bem unido a si, o bocado para que se deita o primeiro olhar ao amanhecer e o último, de despedida, ao ir para a cama quando tudo está regado, sachado e farto. Mas também a luz valoriza a paisagem, a luz que torna a paisagem delicada, pálida, um pouco triste e sem nervos. O carácter de todo este verde, sempre verde, que adormece molhado, é a mansidão e a serenidade.

Vou pela estradinha entre abrigos de faias e moitas de incensos muito verdes, até à freguesia dos Flamengos, junto a uma pontezinha de lava, sobre a ribeira da Conceição. O fio de água corre lá em baixo pelos rodilhões de hidrângeas. É uma terra de lavadeiras, que encontro no caminho com cestos de carga à cabeça, cheios de roupa. Mesmo as casinhas pobres têm persianas e um ar de intimidade e conforto. Alguns moinhos holandeses batem as asas nas colinas. O fumo que sai das cozinhas cheira a incenso. Esta paisagem repousa como um banho morno. Nos campos, os bois deitados na erva olham para a gente, deixando os estorninhos que lhes pousam nas cabeçorras catar-lhes a mosca. Satisfeitos e cal.. mos não bolem – engordam. Aqui não há pardais, mas o estorninho faz com muita competência o papel do pardal. Pousa nos telhados e anda no campo familiarizado com o lavrador. Outras aves alegram as culturas que descem até ao mar – o pombo bravo, o torcaz e o pombo da rocha, mais pequeno, ambos eles cinzentos, o canário, o tentilhão, o melro preto, o pintassilgo, a vinagreira e a lavandeira, que cobriu as pegadas de Nossa Senhora. A ave negreira, a que o povo chama vinagreira e é o pássaro mais pequeno da ilha, canta como um rouxinol. Difere da toutinegra, que tem poupinha preta, em ser escura até ao meio do corpo. Dizem Os rapazes que, quando a toutinegra, que em geral põe seis ovos, chega aos sete, do último sai sempre ave negreira.

Isto já foi muito mais animado e rico. Tudo à volta da Horta e dos Flamengos eram casas, quintas cheias de laranjais, de plantas e flores, a quinta de S. Lourenço, a quinta da Silveira, a quinta dos Dabney, depois abandonadas quando a Inglaterra deixou de comprar Os frutos no Faial indo buscá-los ao Cabo.

Entro ao acaso nalguns destes jardins. Primeiro no do Pilar, erguido ao alto pelo monte, terraço maravilhoso donde se apanha toda a luz do mundo. Jardim ao abandono, com grandes faias de Holanda, tão unidas que ao princípio da tarde já é noite fechada debaixo delas. É daqui que eu gosto de ver as cores que toma o Pico. Espero. É noite quase. Tudo desfalece em violeta, o semicírculo perfeito da bafa, a sombra do Pico lá no fundo e, por trás da cidade pálida, as colinas dum verde-escuro recortadas no céu doirado. No terraço as hortenses desfalecem ao mesmo tempo que a paisagem em volta desfalece. A tarde morre numa tinta tão melancólica que a custo não grito para me deixarem só. É um desmaio de tintas apagadas, de escuridão que não é ainda escuridão, de roxo que a toda a hora se transforma e transe. O vale dos Flamengos adormece em bruma e o Pico não sai dali, como um grande fantasma à minha espera. As cores da terra e do céu entranham-se umas nas outras em tons delicados que vão fundir-se em roxo-escuro, mas que se aguentam diante de mim um momento único, pálidas e exangues, sufocadas... Depois vou a uma casa abandonada, a um jardim ao abandono no Monte Queimado. Nos buracos dos muros crescem parietárias, uma raiz levantou a soleira da porta... O que me interessa nos jardins selvagens é a atitude que tomam as árvores à solta, é o drama secreto, mas feroz, que se passa entre meia dúzia de troncos crescendo em liberdade. Por fim, entro noutro, muito diferente, nos Flamengos. É um velho jardim com ruas de enormes japoneiras. Os troncos torcidos pela poda, as pequenas folhas acamadas, formam sebes impenetráveis e espessas. Está um dia sem sol e o calor surdo pesa mais neste silêncio entranhado entre as árvores metálicas e tristes. No fundo da rua principal fica um pavilhão abandonado. Isto pertenceu talvez a um poeta ou a um contemplativo. O pavilhão cai, nos muros muito altos a era corre em desalinho. Das ruazinhas sempre fechadas e que tomam direcções imprevistas sai um cheirinho a humidade e sepulcro. Enegrece mais a luz subterrânea e verde que só entra pelos interstícios das folhas sem transparência. Este homem a quem não sei o nome e que delineou os caminhos, as rotundas, as salas fechadas de sombra e flor não consentiu no seu jardim senão camélias. Baniu daqui todas as outras flores. Camélias e sombra por toda a parte, camélias admiráveis, brancas, vermelhas, róseas, flores geladas que amarelecem e de que as árvores se despojam devagarinho. Ergueu mais alto os muros, para que só a sombra se ceve nesta carne fria – de mortas, sem expressão.

Este foi o sonho dum homem original... Querem-me dizer o nome, mas eu não quero saber-lhe o nome. Foi o sonho dum homem que passou a vida a plantar camélias, chegando a obter camélias com cheiro enxertadas em magnólias. Terminada a sua obra, morreu. A casa passou para outras mãos, as japoneiras, na humidade da ilha, cresceram e atingiram proporções desmedidas. Se as deixassem cobriam a casa, as ruas, o céu. A falta do dono sente-se no desalinho, nas ervas, no musgo que invadiu o jardim, na melancolia das coisas solitárias. Mas eu gosto mais disto assim... Palpo a fragilidade dos nossos actos, sinto a tristeza da vida efémera, parece-me que todo este jardim de camélias se transformou num cemitério de camélias onde se enterrou o sonho do poeta. O que me vale é que saio e dou logo com o Pico, que é eterno. Encontro-o sempre: ao voltar duma esquina, a sair de casa, ao saltar da cama. Hoje decidi morrer em violeta, mas, antes de morrer, passa por todos os tons do violeta. Desfalece e por fim envolve-se numa nuvem para o não vermos exalar o último suspiro. Desconfio que foi posto ali de propósito e à distância calculada para nos atrair e encantar. Nas noites de luar é um

fantasma branco e imóvel. A gente espera que ele se mexa. Nas noites negras é um fantasma negro e trágico que vai pregar na escuridão. Passo dias a olhar para ele. No dia 19 está escondido por uma nuvem – por a nuvem – que lentamente se descerra, como a cortina dum altar onde se celebra todos os dias um mistério. No dia 26 à tarde corta-o a nuvem cinzenta pelo meio... Devo explicar que todas estas ilhas têm uma nuvem sua, uma nuvem própria, independente das outras nuvens e do céu, e com uma vida à parte no universo. Pode, por exemplo, estar o vento que estiver, vento que arraste todos os farrapos do ar, que a nuvem lá está presente tomando várias formas e feitios. Hoje é branca e pequena. À tarde muda de aspecto, ao mesmo tempo que o Pico muda de cor. Não sei que posição toma a nuvem, que em cima fica azul e na base doirada. Espero a hora de assombro em que esta montanha enorme emerge toda vermelha do mar verde, num céu que empalidece e com a nuvem cor-de-rosa agarrada a um dos flancos. É um espectáculo extraordinário – delicado e extraordinário: a vida da nuvem e a cor da montanha. Na base, manchas roxas – verdura de pinhais, e no alto o barrete vermelho aguçado até a extremidade.

24 de Julho

Sigo pela estrada, quase sempre à beira-mar, que dá volta à ilha. No automóvel tudo desfila como no cine: – Feteira e o seu branco campanário, as tamargueiras à beira do caminho, os campos de milho entre canaviais, e logo as casinhas de Castelo Branco... Quero, mas não posso, fixar um quadrinho que mal distingo: um homem de grandes barbas brancas, guiando duas juntas de bois que calcam o trigo no eirado, e ao pé dele duas raparigas que riem às gargalhadas. Só me fica a impressão alegre dos olhos e a boca do velho – e tudo desaparece na vertigem. Hortenses, figueiras, um ou outro castanheiro – e ao fundo já avança para mim um grande monte – Capelo. Hoje, neste dia turvo, as hortenses parecem mais azuis e mais frescas. É uma estrada de sonho entre sebes intermináveis. E o automóvel corre... Dum lado já surge um grande monte escuro, Cabeço Verde, povoado na base, do outro, o morro de Castelo Branco entrando no mar. Atravesso a cinza dos *mistérios*, sempre por entre elas de hortenses cada vez mais azuis. O homem que teve a ideia de bordar as estradas com estas plantas devia ter uma estátua na ilha. Em nenhum outro lugar elas prosperam melhor: querem luz velada, humidade e calor – estão no seu meio. O seu azul é o azul esmaltado dos Açores nos dias límpidos. Nos dias turvos substituem a cor do céu: são o azul desta terra enevoada e uma das suas maiores belezas. Imaginem o cinzento que se derrete e alastra e torna o céu mais escuro, a atmosfera mais húmida, e sob isto o azul cada vez mais azul, as molhadas de flores dum cor cada vez mais intensa e mais fresca. Há-as por toda a parte: nas estradas formando alas e nos campos formando sebes; servindo para dividir os terrenos e de tapagem aos animais pacíficos. Enchem a terra de exuberância e de azul. E o automóvel segue... Onde vão dar estas estradinhas, orladas de novelões e por onde não passa ninguém? Parecem caminhos de sonho, abertos para jardins encantados. O automóvel voa e eu tenho diante de mim montes que se erguem, doirados, no fundo do horizonte: é a vegetação nova do incenso que parece oiro. Desfilam os *mistérios* cinzentos entre hidrângeas aos montes, cada vez mais hidrângeas, cada vez mais azul entrando-me em jorros pelos olhos. Esta linda estrada do Capelo fica-me para sempre na retina com o alteroso Monte Verde e o Cabeço de Fogo, todo vermelho, ao lado, paisagem estranha de biombo japonês, que se prolonga pela esplanada até Entre Cabeços. Na base do Cabeço Verde mostram-me uma fonte que só destila a custo um fio de água, que nunca aumenta nem diminui. É a fonte dos Namorados. Aqui vêm as raparigas encher os

cântaros, porque os cântaros levam muito tempo a encher... Mas tudo desaparece. A fita trepida e desenrola-se sempre: Norte Pequeno, a povoação mais pobre da ilha, meia dúzia de casebres colmados, e uma rocha enorme, o Costado da Nau, tomando todo o horizonte. Lá está no alto o poleiro da baleia e no fundo o farol esguio, sobre pedras vermelhas e românticas formando arco. Todas as falésias da ilha são estranhas e ameaçam desabar sobre as águas. Torres enormes destacam-se no mar, assaltadas pelas vagas, cujo estrondo mete medo. Rasgam-se cavernas nas paredes talhadas em fatias, dilaceradas e trágicas, com tons amarelos, acinzentados e negros, ou descendo com suavidade até ao mar em campos cultivados para logo adiante reaparecerem colunatas, ogivas, entradas de templos monstruosos, penedos negros e corroídos, boqueirões amarelados de pedra esponjosa. Só os garajaus e os pombos brancos habitam estas arribas atormentadas... Mas o automóvel segue a sua carreira e fica-me nos olhos o veludo da paisagem sob o céu pardo e uniforme, com aquele monte vermelho, ao fundo, que parece vomitar ainda fogo e um bocado de mar dum violeta muito leve. Seis horas. Passamos a Praia do Norte e outra povoação de que não sei o nome, estonteada entre o azul das hidrângeas. As raparigas arrancam flores das sebes e atiram-nos com elas. Agora o automóvel só pára um momento na Ribeira das Cabras, diante dum abismo cortado a pique, de quatrocentos metros de altura. Há lá em baixo um plaino roxo e verde, junto à água avermelhada, cuja cor se harmoniza com o negrume da pedra e o violeta dos montes. É uma coisa parada, uma coisa assombrada, lá para o fundo do despenhadeiro que se espraia em mosto até ao Monte Verde, numa extensão de quilómetros e que me faz estacar de imprevisto pela irrealidade da situação e da cor e pela luz dum poente delicado que morre com uma doença violeta e verde, entre arabescos de ouro e farrapos plúmbeos, magoado, fantástico e febril. A pedra requemada reluz como ardósia ou absorve a claridade como pedra-pomes. A planície roxa, com pinceladas mais escuras, acaba no mar e num fundo de névoa roxa, e toda e¹a esmorece sob a abóbada dorida e fantástica, traçada de raios decorativos.

Na última luz do dia surpreendo de corrida Cedros, Salão, as freguesias ricas da ilha, a Ribeirinha, outro aspecto da estrada sempre azul, cada vez mais azul, sob olaias, fechadas em cima com montes azuis riscados de sebe, ao longe. São enormes, são anainhas e toda a moita só numa flor. São redondas e acoradas; formam paredes e novelos. Irrompem por toda a parte e apanham-se às braçadas. Entrevejo de relance a Praia do Almoxarife, muito branquinha ao pé do mar. Mas de estonteado já não reparo senão no azul que me deslumbra, em todos os tons do azul que me entram pelos olhos, o azul-ferrete das hortenses – o azul que enche a terra e nunca mais acaba e que é talvez o verdadeiro céu dos Açores. De começo não distingo senão uma mancha e acabo por não distinguir senão uma mancha. Uma mancha e frescura. Uma impressão de volúpia e frescura: – tinta imóvel e viva que me atrai. E logo depois da impressão do azul, a maior impressão é a da vida que nos envolve em silêncio e que espera de nós não sei o quê e quer comunicar connosco. Como é possível extrair da terra seca este jorro que nunca mais acaba? Sob a pele que calcamos corre um rio azul inesgotável, que ascende à superfície pelas hastas das plantas? Sinto-me tentado a esfuracar a crosta até encontrar a tinta, que deve formar o núcleo da ilha, e que logo, amanhã, vai explodir pelos vulcões, numa fantasmagoria de azul. Azul puro que se amontoa, sai aos jorros da terra, cerca-nos, espera-nos por todos os cantos, afoga-nos por todos os lados... Eu disse puro, mas creio que me enganei: esta carne delicada exposta nas ribanceiras, nua através dos campos, crescendo à solta pelos atalhos; esta carne que nos circunda e acaba por invadir a ilha e subir ao céu – é voluptuosa e exige de nós deslumbramento e beijos – exige talvez um estupro... Ao mesmo tempo cansa-me... Um sentimento novo pouco e pouco se insinua, deixando-me alheado e confuso. Fico surpreso com o azul e cinzento?

Esperem, esperem... Vejam como esta luz humedecida e vaga se infiltra no azul e o derrete. Azul e cinzento confundem-se. Às vezes as hidrângeas reaparecem e gotejam – ou é o cinzento em gases tão transparentes que deixam ver por trás um fantasma azul e imóvel... De novo a paisagem molhada e triste volta e se queixa, para logo devagarinho se dissolver magoada. O que eu sinto afinal é apreensão ou receio?... É tristeza e cansaço que me vêm mais da exuberância que da cinza desfolhada em silêncio sobre todo este azul frágil. É um sentimento que goteja como o orvalho e ao mesmo tempo me acalma. Falta-me não sei o quê – mas tão longínquo, tão aéreo como a paisagem. É tristeza – mas não chega a magoar-me: a cinza empoeira também os meus sentidos e converte-a logo em saudade.

Ao outro dia atravesso de novo os Flamengos pela estrada municipal, entre casebres e rocas-de-Hércules de floração amarela. A estrada sobe e do alto vejo melhor o côncavo recolhido e verde, Farrobo, Santo Amaro, o largo vale da Praia e Chão Frio, dividido em talhões de milho e centeio – nota de abundância e de paz dum verde sempre fresco e viçoso, sob céu muito azul, o céu esmaltado dos Açores. Mal reparo nas casotas de madeira com matas, sebes arruadas, arcos rústicos de rosinhas-de-toucar, onde os da Horta vão passar os dias no Verão, porque a estrada logo me assombra, toda azul-ferrete. É um muro, dum lado e de outro, de hidrângeas em flor, um muro que nos acompanha e nunca mais nos larga. Às vezes rasga-se diante de mim a amplidão iluminada pelo sol, mas os meus olhos já se não destacam da parede azul que desce do alto em borbotões. Não há uma falha: esta mancha fofa, azul, esplêndida, aperta-nos até ao Cabeço Gordo, que se avista entre bosques de pinheiros, de acácias negras e incensos, subindo a novecentos e cinquenta metros de altura. Um tentilhão canta. Responde-lhe outro, entranhado na carne verde das árvores ou na carne azul das sebes. Calco o chão onde nascem morangos silvestres, cujo aroma inebria, para contemplar o vale de terra gorda e húmida. Verde apagado, verde sempre verde, acabado de borrifar pela chuva coada, dividida em átomos tão leves que fazem parte do ar que se respira – quadros atenuados, passados pelo tempo ou surpreendidos de manhã quando a paisagem acorda. Depois olho o extraordinário Pico irrompendo de entre nuvens magnéticas, que parecem iluminadas por uma luz forjada no seu seio. E entranho-me mais neste azul parado, sob o céu um momento azul e a luz azul. E isto não tem fim. São quilómetros de hortenses carregadas de flor, onde apetece a gente entrar até acabar a estrada e acabar o mundo... Subo até à ermida de S. João. O mato é severo, encostas revestidas de mofedos, de junco de vassoura, de rapa, que dá uma flor roxa, de trevo bravo, de rosmaninho cheio de bagas vermelhas... Tenho diante de mim, dum lado a cratera, com duas léguas de circunferência e trezentos metros de fundo; ao outro, o amplo panorama – mar e terra, montes e vales – O mar e o Pico, um Pico estranho, suspenso no céu e pousado num oceano de nuvens brancas. *Só* cume, mas o cume é uma montanha enorme e esguia, porque, à medida que fomos subindo, o Pico foi crescendo também. Volto-me e a meus pés abre-se o enorme buraco verde-negro revestido de cedros e de urze até ao charco de água choca e lama esverdeada, donde irrompe um cabeço com outra cratera minúscula dum tom acastanhado. O espectáculo é sombrio e belo. Só a caldeira mais pequena, perfeita como miniatura, é uma nota de ternura neste isolamento: parece filha da outra. Está ali a criá-la, sabe Deus para que destinos, naquele buraco ao mesmo tempo poético e feroz. Se arranco os olhos da cratera, encontro a amplidão infinita, o altar majestoso do Pico, as nuvens que ele apanha no céu e a que dá formas imprevisas, e o mar liso até ao horizonte, fechado pela barra roxa de S. Jorge e pela mancha desvanecida da Graciosa. Violeta das águas imóveis, verde-pálido da terra, céu de esmalte por cima... Despeço-me do abismo solitário. Na parede fronteira a sombra negra

e trágica cresce e avança até ao fundo. Recolhe a casa e, cosida com a parede, vai recomençar com a cratera o conciliábu¹o secreto de todas as noites!

A volta na luz da tarde é um assombro. Vejo o Salão e Pedro Miguel, todos azuis de hidrângeas; sigo extasiado pela estrada azul, com o Pico ao fundo e S. Jorge à esquerda formando a enorme baía. É o horizonte de Nápoles mais escuro, a esta hora iluminado por uma luz rica de efeitos. Em baixo colinas, sempre colinas – não como as montanhas solenes das Flores em picos aguçados pelo raio, mas arredondados e mansos. Borbotões de azul despenham-se por todos os lados. O Faial adormece em azul sob o céu de cinza e com o Pico todo violeta ao lado.

À noite não posso dormir; estou encharcado de azul. Vou a pé pela estrada fora sob o luar derretido. Diante de mim abre-se o abismo do mar cheio de estrelas. Nasceu, subiu a lua numa paz extraordinária, apagando o brilho dos diamantes, mas entre os últimos reflexos vibram os fios das vagas quebrando na costa e desaparecendo logo no boqueirão todo negro. Mais luar e o silêncio que espera de nós qualquer comunicação sobrenatural. Olho. Todas as hortenses se puseram brancas, dum branco perfeito, todas as hortenses não desfitam os olhos de mim, quietas e brancas, imóveis e brancas. Avanço com receio. É uma paisagem sem mácula. Os melros enganam-se nestas noites de lua redonda e branca e desatam a cantar, desvairados, O Pico, entontecido, cheio de luz e enorme, inchou e toma todo o horizonte. Escuto... Bem quero surpreender o mistério destas flores que vivem no silêncio húmido e branco. Fecho os olhos. A existência obscura das plantas, que não tiram os olhos de mim, faz-me perder a consciência da própria personalidade; sinto outra vida estonteada, dispersa no mundo e mais lúcida – talvez mais lúcida ainda... Caminho, caminho sempre, entre renques brancos, assombrado pelo espectáculo de brancura e sonho. Uma senhora americana não teve mão em si que não desatasse a beijá-las, transportada... Eu, de mim, não me atrevo.

Tenho agora medo delas, brancas e puras, oferecendo-se desmaiadas ao luar dum branco extraordinário, dum branco mudo onde se sente um reflexo ténue e doirado do sol. Tudo parou; só o melro desvairado canta entre esta brancura virginal. Não se cala até ficar exausto. E quando deixa sair do bico o fio de harmonia, logo outro melro escondido o apanha e ergue, continuando a tecer o arabesco musical sobre a paisagem branca e extática.

O PICO

26 de Julho

Isto que de longe era roxo e diáfano, violeta e rubro, conforme a luz e o tempo, aparece agora, à medida que o barco se aproxima, negro e disforme, requeimado e negro, devorado por todo o fogo do Inferno. É um torresmo. Nunca labareda mais forte derreteu a pedra até cair em pingos e desfazer-se em cisco. É uma imagem a negro e cinzento que me mete medo. Há .por aí buracos e furnas onde a lava formou colunatas e estalactites azuladas, grandes cachos pendentes, derretidos pelo calor e solidificados pelo resfriamento. Esta ilha – a maior dos Açores – é negra até às entranhas, na própria terra, na bagacina das praias, no pó das estradas, nas casas, nos campos divididos e subdivididos por muros de lava, nas igrejinhas das aldeias, requeimadas e tristes, O aspecto é dum grande luto, duma grande desolação. A fuligem caiu sobre a vasta terra e só de quando em quando um grande plaino cinzento, os *mistérios*, sucede ao negrume como a lepra ao incêndio.

Mas o azul é mais azul nos sítios em que um corredor de basalto tem uma saída para a amplidão do mar (sítio da Furna), O esguicho que entra por ali dentro tem uma vida extraordinária. De repente surge também neste inferno um souto verde de castanheiros, um campinho de milho, figueiras redondas e baixinhas, ou irrompe, por trás dum muro calcinado, uma trepadeira lilás. Depois pedra, mais negrume e pedra. Mais desolação e negrume, mais pedra vulcânica e sinistra que dá o chá e o café e todas as culturas tropicais; os frutos do continente, e laranjas e nêspersas mais deliciosas ainda pelo sofrimento, O dragoeiro é enorme e copado, gigantescos os fetos e bambus. Cria-se a oliveira e o castanheiro ao lado do ananás silvestre, que amadurece ao ar livre e enche a horta de perfume. A vinha tem fama no mundo, O vinho branco do Pico, feito de verdejo e criado na lava, é um liquido com um pique amargo, cor de âmbar e que parece fogo. Levantam uma pedra, atiram um punhado de terra para o buraco e a videira deita raízes como pode, abrigada no curral pelos muros e estendida no chão sobre calhaus. Só lhe levantam um pouco as varas quando o cacho está perto de amadurecer. O Pico já deu milhares de pipas de vinho, que exportava quase na totalidade para a Rússia.

As duas estradas que partem da Madalena pelo litoral e abraçam a ilha, acabando uma um pouco adiante de S. Miguel Arcanjo e a outra nas Lajes, servem algumas das freguesias do Pico, quase todas à beira-mar, e todas elas com a sua especialidade: Santa Luzia é a freguesia das figueiras, S. Roque a dos vinhos, Prainha a do milho e do trigo, Santo Amaro, perita na construção de embarcações, trabalha também em esteiras, e o Cais do Pico e as Lajes passam por as duas grandes freguesias da pesca da baleia. Os picarotos são os mais destemidos homens do mar do arquipélago, tismados, secos, graves e leais. Nos altos, no mastro com uma espécie de cesto de gávea, todo o dia um homem, de óculo em punho, vigia o mar e espera a baleia.

Vai-se muito bem pelas estradas no carrinho de duas rodas puxado por uma mula, sobretudo de manhã, quando cai do céu todo forrado o inevitável orvalho, que as plantas, que vivem na secura e no negrume, esperam toda a noite e sorvem com volúpia. O ar do Pico é maravilhoso de finura e graça. Chove e seca logo. Esta pedra porosa absorve a humidade como uma esponja.

Nas subidas o cocheiro salta a terra e fala ao bicho. O mar está espelhado e o céu tão espelhado como o mar, com brancuras de algodão, e nuvens meio adormecidas,

orladas de cinzento. Tudo tão branco e parado que parece que o tempo suspendeu a sua marcha. Olho para o mar, com rastejados de caracol e pedaços brancos iluminados por dentro. Ao longe vai aparecendo e acompanha-me sempre outra ilha, S. Jorge, estirada a todo o comprimento. Já percebi que o que as ilhas têm de mais belo e as completa é a ilha que está em frente – o Corvo, as Flores, Faial, o Pico, o Pico S. Jorge, S. Jorge, a Terceira e a Graciosa...

Cada vez me seduz mais pela estrada fora um campo de milho sachado e arrendado com as hastes direitas e verdes e o quadrinho vulgar das hortas, pela cor de satisfação dos legumes, pelo fio de água reluzindo em conversa com as couves, como se sentisse o benefício que lhes presta: a água parece inteligente e piedosa, e a vinha e o souto, neste grande deserto, entre a pedra devorada, representam o triunfo do homem sobre as forças brutas da natureza. Há sítios que parecem escondidos e receosos entre tanto negrume: aí o verde é ainda mais verde e mais vivos os malvões junto à pedra queimada. Vi duas ou três povoações muito viçosas ao lado de montes tremendos cor de chumbo, e entre todas S. Miguel Arcanjo, que chega a ser voluptuosa depois de tanta tinta negra metida pelos olhos dentro. Sentei-me num quintalório com japoneiras envernizadas de fresco e do tamanho de árvores, num terraço muito alto sobre o mar e sobre o mundo. Aí fiquei horas esquecidas, envolto em poeira azul, absorto no mar cheio de reflexos de ouro, em S. Jorge estendido ao sol, doirado e longínquo, cheio de crateras inofensivas e roxas, abrindo as bocas diante mim, com um pouco de azul lá dentro. Avancei pela estrada, que dá uma volta entre moitas de árvores e hortenses dum azul ainda mais ferrete que as outras, criadas na fuligem duma chaminé; sentei-me à sombra dos castanheiros muito baixos e com uma copa enorme e fui até à trágica *baía dos Mistérios*, silenciosa e cinzenta, abandonada e leprosa, e mais longe até à Prainha, que avistei do alto da estrada, com as suas vinhas e adegas minúsculas, na baía de Canas. A esta paisagem, mesmo quando pretende ser risonha, preside sempre a ideia da destruição e da morte. Há aqui uma angústia que só se tem em Nápoles, num quadro mais voluptuoso e perfeito, com o Vesúvio a fumar no fundo. Estes montes oprimem-me. Esmaga-me esta negra solidão. Procuo o oceano para desabafar: toda a costa, de penhascos negros como carvão, me mete medo. Acabo por regressar ao quintalório com alguns degraus musguentos e o terraço esplêndido. É um sítio para estar calado... Algumas casas sobem ao lado pela ruela íngreme, e numa delas mora um velho baleeiro reformado, de pêra branca armada em leque na cara seca e rapada. É a única nota humana deste dia, o encontro dum marítimo que finda a existência de olhos fixos num passado cada vez mais vivo diante dele. Comprou esta casinha nos rochedos. Ergueu um mastro com um catavento no quintal para acenar aos navios e vai acabar com os olhos turvos presos àquela agitação infinita a que ligou para sempre a existência. E na verdade só há uma coisa mais belo no mundo – o céu; mas esse está muito longe e o mar vive na nossa companhia.

Às seis da tarde regresso ao Cais do Pico, enquanto este torresmo se afunda em mais tristeza e sombra. Não tiro os olhos, não posso, de S. Jorge iluminado pelo último sol, riscado de sombras e quase transparente. Sento-me nos degraus do antigo convento dos franciscanos, com a ilha etérea em frente. O Pico desapareceu, S. Jorge é poeira e sonho, onde distingo algumas crateras escancaradas – uma delas derrubada e toda azul por dentro – e montes inclinados para o mar, até que tudo se dilui em cinzento e mergulha na escuridão. Fica-me a tristeza do anoitecer numa aldeia incaracterística. Sinto que a noite me é hostil. Com a luz que se apaga, todas as sombras se acolhem a este convento deserto, metendo-se pelas portas escancaradas. Remexem ali no claustro. E quase grito de isolamento e de frio...

A noite no Cais do Pico, fiada de casas negras à beira do mar onde bóiam carcaças de baleia, terra que cheira a uma légua, besuntada de fumo e de gordura, aumenta-me a tristeza mortal. Vale-me alguém que se põe a falar na extraordinária festa de S. Marcos, que se faz no Pico, no Faial, no Corvo e nas Flores no dia 25 de Abril... Eu já tinha estado na botica a olhar para os frascos, um a um, já contemplara as casas banais e as figuras banais, já descera ao barracão cheio de postas de gordura onde se destila a baleia – e o meu único pensamento, mais fixo com o cerrar da noite, era fugir, fugir para muito longe destas pequenas terras de província, piores que a cadeia e o degredo, e onde a gente sente pesar-lhe a vulgaridade de todos os dias, o hábito mesquinho de todos os dias, as palavras que se empregam todos os dias –, quando tudo, de repente, se transfigurou diante de meus olhos atónitos, como se espelhos convexos deformassem as figuras apagadas, transformando-as em figuras de espanto e dor, de chacota e dor. Tudo está assolapado, tudo obedece à mesma regra, tudo se subordina às mesmas leis – e no dia de S. Marcos acabam os gestos pautados, as palavras medidas, e vem outro mundo cá para fora, mais grotesco que o entrudo, mais profundo que o entrudo, porque a acção neste dia é representada pelos mortos – painel onde se vêem as fisionomias gastas dos piteiros e atrás delas outras caras em osso que teimam em vir à superfície; folia estranha, onde além do homem há outro homem no tablado, onde os gritos e a chacota da malta pertencem mais aos fantasmas que aos vivos. A irmandade de S. Marcos, só de homens casados, armou um altar com coroa de cornos muito bem ornamentados e um corno maior em evidência no alto. À porta a malta espera e agarra-se ao primeiro que passa na rua lóbrega e que é obrigado a beijar o emblema retorcido.

– Venha beijar o corno, que bem o merece!

– É da confraria este nosso compadre!

E os outros riem-se, e toda a gente se ri, e, se algum protesta e se debate, a chacota aumenta, os risos alvares soam mais alto.

Todas aquelas barrigas que se sacodem parecem maiores, todas aquelas ventas mais largas. Vejo nos olhos daquele diabo gordo uma claridade que não é do vinho... Cuidado!... Esta chufa é talvez sagrada, primeiro porque é secular, depois porque representa o fundo grotesco da humanidade, a maldade assolapada que se ri, a desgraça que faz rir, a farsa que acaba em dor.

Esperem pela noite... A noite sai tudo para a rua com fogaréus, archotes, clamores, e não só as fisionomias a vermelho e a negro tomam outro relevo, como este povo enfumado redobra de proporções e parece maior: todos os fantasmas acudiram à chamada. O homem importante da confraria leva o corno erguido nos ares sob um pálio armado com um lençol e quatro varas, a que se agarram outros tantos piteiros que perderam a noção da realidade... Um à frente bamboa um turíbulo em que se queima a raspa de corno que outro matula lhe oferece da naveta... Agora completem o quadro: a turba violenta e espessa a cair de bêbeda – porque um dos devotos mais ricos do Pico põe neste dia a adega à disposição da irmandade – a mescla de negrume, fumarada e labaredas vermelhas, a vociferação nocturna, o rodilhão de mortos e de vivos que corre as ruelas até encontrar algum desgarrado, que tem por força de beijar, entre risadas, aquele grande emblema conduzido em procissão.

– Este é dos nossos!

– Beija-o outra vez!

E a gritaria atinge o auge quando chegam em frente das casas apontadas a dedo – a malta nessa noite percorre toda a vila. Param. Reclamam o irmão que está lá dentro e que eles entendem que pertence de direito à confraria. – Venha! venha! – Aí surge a mulher, furiosa, que abre de repente o postigo e os cobre de insultos:

– Malandros! O meu homem!... Eu nunca lhe preguei desfeitas – vocês é que o são!...

Redobram os brados, os gritos, a risota, e o delírio cresce. Os archotes empunhados sacodem-se na noite, enfumam e incendeiam os farrapos escuros, que tomam corpo e se agitam e dançam com os seres, fazendo parte da festa. As panças cheias de vinho rebolam-se de prazer.

– Venha cá para fora!

– Viva! viva!

– Ide para as vossas mulheres! Ponham as mãos na cabeça!

Eu já vi isto – melhor que nas quermesses de Rubens, onde homens e mulheres em pêlo se escancaram de riso – nos quadros flamengos do *sabat*, em que o diabo feito bode preside a cenas nocturnas de delírio e velhas feiticeiras chegam pelos ares montadas em cabos de vassoura. Foi lá que me apareceu também um homem extraordinário, que se ria com um riso doloroso – um homem que nunca mais esqueci, um morto a rir-se dos vivos. É o estranho prazer de chafurdar na vasa que leva a besta, todo o ano dentro da regra e da lei, aos excessos de S. Marcos, ou são os primeiros habitantes flamengos da ilha que espreitam pelos olhos dos vivos e os obrigam a gestos seculares?...

Uma pausa. Aquieta-se a canalha. Começa o sermão. Aquele sobe a um muro, a uma pedra, a uma mesa que é puxada para a rua, e toda a multidão espera em volta que aponte os podres ocultos da freguesia. E ele não recua... É um homem bem falante, que demonstra primeiro as vantagens de fazer parte daquela honrada confraria, embora certas pessoas o não queiram confessar... Ninguém lhe escapa. Mas fulano – pergunta – de tanta consideração, que é?...

– É cornudo! – brada num entusiasmo toda a turba.

– Fulano, nosso vizinho e nosso amigo, onde devia estar que o não vejo?

– Aqui!...

E viva! e viva! E o sermão lá segue, até que a canalha, com o toldo, a tripeça e o coro de piteireiros, se esgueira por uma ruela mais escura e a primeira luz da madrugada dissolve o quadro, de que não ficam vestígios, como se pertencesse ao domínio do pesadelo ou do sonho.

E é isto que eu acho mais extraordinário. Acaba sem deixar vestígios e só dura algumas horas. Cumpre-se como um dever – desaparece como uma sombra. Durante algumas horas perderam por arte mágica a noção da realidade. Aquela injúria noutra dia dava uma morte. Nesse dia a loucura e a dor andam de mãos dadas a passear em plena rua.

De manhã tudo está nos seus lugares, cada um retomou os seus hábitos e não se diz uma palavra mais alta. Esta extraordinária galhofa, esta arruaça da noite de S. Marcos, alucinada e violenta, sumiu-se num sopro. Resta a fiada de casas escuras do Cais do Pico, o mar ensanguentado onde bóiam carcaças e o horrível cheiro a gordura que nunca passa... Era uso antigamente nas terras alapardadas da província alguém ir para cima dos montes clamar por um funil os escândalos da vila cheia de terror – Fulano dorme com fulana! – e o eco amplificava o som no côncavo dos vales. Talvez o acto fosse a maneira de corrigir os costumes e de obrigar as mulheres a terem tento na bóia. Mas, aqui, a coisa é outra. Não se trata dum acto individual; é todo o povo que toma parte na festa extraordinária, compenetrado e como quem cumpre um rito³. Ponham

³ O coronel Afonso Chaves publicou um folheto interessantíssimo sobre esta festa, que se realiza nas ilhas em que predominou a colonização flamenga, derivando-a de festas análogas da Flandres:

«Hoje em dia já não é grande o número de localidades onde se celebra esta festa, sendo evidente que o brilhantismo dela depende principalmente dos dirigentes da confraria.

esta cena nas vielas da Flandres e a população desvairada entre archotes e negrumes agitados e entre a população aquele homem que ri – o homem que não pode reprimir o riso de maldade que vem da treva amontoada no fundo da alma humana – o riso que faço por repelir, mas que também ouço cá dentro, como se um estranho parentesco me ligasse a mim e a ele, a mim e ao mal, apesar de todos os esforços para dominar o egoísmo e a animalidade brutal. Apupos, chufas, e a figura que nunca mais esqueço. Tenho feito tudo para a matar, sem o poder conseguir.

O Pico perdi-o. A maravilha em negro e cinzento saída das entranhas do mar, nunca mais, desde que pus os pés em terra, a tornei a ver. Tudo se reduziu a fragmentos, a quadros restritos e recantos de paisagem. Ansioso, rebusco aquela primeira impressão de conjunto e não a encontro. Não a encontro mais? Não se encontra na ascensão que se faz, às duas horas da manhã, da tórrida Madalena ao alto do Pico, com o céu puro e limpo, como são quase sempre as noites dos Açores. Negrume e estrelas. Dois vultos acompanham as bestas, o mestre Narciso e o homem que leva os mantimentos. Meio adormecida, a caravana mergulha no ar gelado da manhã, na amplidão imensa que a envolve e só as patadas das cavalgadas lascam a calçada. É claridade ou poeira que se levanta na frente, quando se toca na região das pastagens, vasta extensão até ao Cabeço Vermelho? Depois de quatro horas de marcha chega-se à Pedra Mole – ermo com mato, urze, queiró e uma florinha dum branco-azulado – e para lá o mar indeciso de névoa leitosa a que a claridade dá acção, fluidez e vida. Um momento parece que se concentra e depois, com a luz aberta, toma o aspecto estranho de mar branco, de nuvens brancas, de mar fofo, que, de quando em quando, se descerra e mostra um pico severo, uma rocha isolada flutuando. Para lá deste oceano vaporoso, mal se distingue outro, todo violeta. Mais perto, nuvens todas brancas e imóveis, de gelo branco, ao norte estendidas como *banquises*, escorrendo fios de água azul pelos interstícios. Nesta grande solidão algodoadada, ergue-se ao longe uma montanha toda branca, e lá de baixo ascende mais fumarada, enquanto o Sol ilumina nos altos os montes escuros. Por momentos o nevoeiro mais denso, que veio de baixo e ascende com o Sol, cada vez mais cerrado, forma um estranho mar unido até ao horizonte, um mundo branco e polar que nos isola do mundo. Imobilidade e frio. Espero, e de repente ouço... — ouves?... Do fundo do abismo branco chega até nós, nesta grande solidão, o tanger dum sino debaixo de água, chamando para a missa.

É talvez na freguesia de S. Mateus, na Candelária, em qualquer das terrinhas submersas na extensão unida e branca. Outro... outro mais longe, tão cristalino e puro que me surpreende e encanta. É um som que dá uma impressão extraordinária de vida, como se os sinos encantados da Atlântida começassem a chamar por nós. Ouves? ouves? – e quase logo a cortina vaporosa se descerra para desvendar toda a paisagem na manhã violeta...

No Pico, há anos, havia um *devoto* que punha os vinhos da sua adega (e era rica) ao dispor dos *Irmãos de S. Marcos*, no dia 25 de Abril, e daí terem então tido grande nomeada as festas daquela ilha, como especialmente por tal causa, ali ou noutra parte, ainda podem vir a ter.

Na Horta, até 1870, as freiras do convento da Glória mandavam no dia de S. Marcos aos membros da colegiada da igreja matriz, antes da hora das ladainhas maiores que se celebram em tal dia, uma bandeja com uma coroa formada por pequenos cornos de alfenim, tendo no centro flores artificiais e um corno maior destinado ao Vigário.

Durante a ladainha, na qual era celebrante o beneficiado mais moderno, que em tal acto estava revestido com pluvial roxo e era precedido por dois cantores, estes, ao entoarem a invocação de S. Marcos, voltavam-se para o celebrante, e faziam-lhe uma reverência, ao que ele correspondia com outra.

Na bandeja, com a oferta das freiras da Glória, vinham sempre uns versos alusivos à festa dos maridos atraídoos. A colegiada agradecia por escrito o presente, e enviava também versos referentes à festa.» *As festas de S. Marcos em algumas ilhas dos Açores e a sua origem provável*, por Francisco Afonso Chaves.

Dorme-se numa furna para ver amanhã o nascer do Sol no alto do Pico. Quem quer, dorme às estrelas. Vamos... O que eu procuro, pela última vez na minha vida, não é o panorama – é a exaltação da vida livre. Acende-se a fogueira, sobre a qual se curvam sombras iluminadas, cheira ao fumo da urze no acampamento em desordem. Tudo adquire um sabor novo, os olhos rebuscam como aos vinte anos os blocos desérticos, o ouvido aguçado recolhe o menor ruído da noite, a vista encontra a acuidade da vida primitiva. Mais, melhor, a alma encontra a plenitude vital na existência selvagem para que fomos criados, e aspira para os cimos. Mais uma vez a luz antes do mergulho definitivo na escuridão! Vamos!... A áspera subida leva outras quatro horas a pé, cortando a direito e calcando pedra dura, até à base da caldeira, coberta de bagaço vermelho e da cheirosa erva de Santa Maria. A vegetação rasteirinha diminui de tamanho: é uma rapinha muito miúda como se a tivessem tosquiado. Lá de dentro da caldeira, que tem trinta metros de fundo, sai o Pico pequeno, de pedra vermelha e queimada. A sua ascensão só é possível pelo lado lés-sueste. A cratera pequena e as fendas deitam um fumo ténue. Dum grande rochedo do lado norte desabam de quando em quando pedregulhos. Faz aqui frio em pleno Verão. Espero toda a claridade para ver o mar e o Pico, o Faial, S. Jorge, a Graciosa, e no fundo a Terceira, quase a desaparecer. E, mais que isto, a sombra imensa e azulada deste grande monte talhada no mar para o lado da freguesia de S. Mateus. É um extraordinário fantasma que ali está presente desde que nasce o Sol até passar uma hora depois de ele aparecer.

Pela estrada sul até às Lajes o aspecto é mais escuro e mais severo, lombadas cor de lousa e terra dividida e retalhada por muros de lava, que nunca mais acabam. Passamos por eiras de fuligem onde o trigo atado aos molhos parece mais doirado, por castanheiros anões que irrompem como manjericos da terra feita de carvão. E de todo este negrume, de tanto negrume que se acumula, resalta de quando em quando o escarlate vivo duma trepadeira ou uma seara de milho alvo, com as espigas já vergadas. Um rapaz no poleiro enxota os pássaros mais atrevidos com a funda. Emerge dum jacto, esguio, de pé, na atitude clássica, e a pedra que sai da funda vai como uma bala até ao bando, que levanta voo, enquanto ele, imóvel e de braço estendido, solta um grito rouco. Saúdam-nos os picarotos do chapéu de palha por cima do lenço e albarcas nos pés, e raparigas de pele acobreada que tiram água dos poços. Os casinhotos escuros são muito limpos por dentro. Nalgumas destas aldeias denegridas vive-se como há trezentos anos, com meia dúzia de ideias e um padre, com os sentimentos do passado e um padre. Pouco e pouco a paisagem transforma-se. Os montes crescem e encontro outra vez o Pico desolado e trágico.

Atravesso o Monte, onde os costumes são tão puros como no Corvo, a Candelária, S. Mateus, que lembra uma terra de mineiros. Montanhas cada vez maiores e de certa altura para cima despidas de vegetação, só arquitectura e tragédia. Rasgam-nos, dilaceram-nos de alto a baixo as grotas, cavadas pelas torrentes. Severidade e negrume, a que de quando em quando sucede o grande plaino cinzento dos *mistérios*. Depois do *mistério* da baía, aparece-me o *mistério* de S. João e o grande *mistério* da Silveira, que nos acompanha e dura quilómetros pela estrada fora, dando à paisagem um aspecto fantástico. É o Pico na sua verdadeira expressão. Cinzento e negro, sempre cinzento e negro, o negro da terra, o negro dos montes cada vez maiores, e o cinzento estranho dos *mistérios*, vastas necrópoles, onde terra e pedra estão sepultadas sobre o mesmo lençol cinzento.

É esta paisagem mineral que dá carácter à ilha magnética. Sumiram-se os retalhos dum verde tenro entre o negro calcinado e vulcânico – mais verde – mais tenro – só resta a desolação imensa. Lembro-me daquela baía – que se chama a *baía do Mistério*,

isolada e cinzenta, morta que espera todos os dias os mortos, as cinzas dos naufragos dispersos no oceano. Só me restam na memória as vastas extensões cadavéricas, devoradas pela lepra e com montes em osso ao fundo.

O *mistério* é o resultado de erupções da base do Pico (*mistério* de S. Jorge, por exemplo) cobertas por um pequeno líquen, a urzela, que se propaga em vastas extensões cinzentas, dando a impressão duma lepra que corrói a terra, dum mundo morto e amortalhado. Sucedem-se os montes cada vez maiores, formando ao lado barreira inacessível, com rasgos cor de chumbo de alto a baixo. Isto não me larga e oprime-me. Acompanha-me o paredão que nenhuma luz é capaz de arrancar ao negrume cada vez mais espesso. Nem uma planta! Só montes, sempre maiores e mais ásperos. A luz é diferente, mais cinzenta, e o fundo tremendo e cor de lousa requemada parece esperar imóvel que este planeta acabe de apodrecer.

Absorvo-me na extraordinária paisagem mineral, no panorama que saiu intacto das entranhas do fogo. Nem um sinal de vida – extensões mortas, calcinadas, inúteis, cuja beleza exterior consiste principalmente na linha, na sólida arquitectura dos montes erguidos até ao céu em pedis severos, na solidão e na cor que os vestem, no esforço de quem despreza todos os pormenores inúteis para mostrar descarnado a Deus o seu sofrimento. Aqui as pedras passaram todas pelo incêndio e assim clamam tisonadas e imóveis. Produto dum parto monstruoso, a ilha foi devorada até ao ponto de fundir. É a dor. É a dor do mundo exposta a nossos olhos, imobilizada diante de nossos olhos – a dor descarnada e solitária, muda e trágica, sem um véu, sem um farrapo, sem um grito. Só dor.

Às chapadas negras sucedem-se as chapadas fúnebres, aos rasgões avermelhados, onde parece que lavra ainda o incêndio, as escórias acabadas de derreter, ao minério de tons azulados e sombrios as fragas em atitude de desespero, os buracos dilacerados até ao íntimo. Não houve piedade, não houve um momento de suspensão naquela tortura imensa e calada: tudo, desde a poeira até à montanha, passou pelo mesmo inferno e ainda fumeja no último estertor.

Não consigo tirar os olhos do panorama tremendo, do panorama que é um pesadelo donde extraio não sei que prazer indefinido. Tudo se despenha em catadupas de pó negro, ou fundido dum só jacto nas paredes lisas e azuladas, negras com arabescos mais escuros que parecem caracteres indecifráveis – petrificadas em cores mais ricas, dum negro cor de sangue, fundidas e entranhando-se umas nas outras até chegarem ao fundo cinzento. Um abismo – um tropel – um campo de destroços. E sobre o caos cinzento.

E isto não nos larga. Chega a impor-se a nossos olhos e fascina-nos a ossatura despida de toda a carne, não pela impressão de monstruoso ou de atormentado, mas pela beleza intelectual, pela beleza superior e grave que é a das almas.

É aqui que a luz dos Açores atinge talvez a perfeição. Nada que a distraia – só o mesmo tom no vasto quadro feito com a mesma cor, variada até ao infinito em *nuances* delicadas. Sobre o cinzento do *mistério* paira o cinzento absorto do céu – sobre a pedraria escorre o cinzento das nuvens. Ao longe o paredão imenso realça a severidade do panorama excepcional. Todas as pedras que a cadeia de ferro vomitou foram cobertas de cinza, que amortalhou este mundo espectral. É uma paisagem abstracta, é uma paisagem morta. Não é só a cor do céu, que é a mesma de todas as ilhas – é a cor da pedra –, é um vago sentimento de terror – é o cadáver que se conservou intacto e que criou bolor. Não há uma deformação. Ao contrário. Há uma beleza nova que preciso encontrar – mas depois de encontrada nunca mais nos larga...

Para lá, muito para longe, superfícies dum cinzento muito mais escuro e campos só de pedra com flores cor de mosto – tudo parado, quieto, imobilizado. Não se ouve o

pio duma ave, não se vê reluzir o fio dum regato. O mundo morreu todo cinzento. A própria luz esquisita desfalece. E sempre nos acompanha ao lado o monte tétrico, que vomitou esta lava em cachão, que parece ferver coberta de cinzento. Debalde se caminha dum e de outro lado da estrada: o *mistério* persegue-nos em silêncio. Às vezes as pedras têm o feitiço de vagas, dum mar encapelado que petrificou em cinzento com espumas à tona. A urzela avança sempre, cobre tudo, montes, pedras, ferro, taludes da estrada, ficando tudo da mesma cor e na mesma uniformidade. É uma das coisas mais belas que conheço no mundo – a visão dum planeta onde seres e coisas foram comidos do pó, deixando vogar para sempre no éter o fantasma cinzento e mudo. Esta visão acompanha-nos e persegue-nos até às Lajes, perdida na base dum monte tão espesso que mete medo. Já agora ninguém me tira dos olhos este extraordinário Pico, a duas cores, cinzento e negro, e presidindo, como uma grande figura no meio do oceano, a todo o arquipélago dos Açores.

Casinhas negras aglomeradas, uma grande solidão e uma grande tristeza. A costa forma baía, fechada dum lado por um desconforme penedo. Lajes é a terra dos baleiros – seis armações, duzentas pessoas empregadas na pesca. As montanhas cercam-na e impelem-na para o mar. A casa do vigia fica lá no alto, num moinho abandonado, num sítio que se chama a Terra da Forca... Tudo aqui cheira a baleia e está besuntado de baleia, tudo o que se come sabe a baleia, que é derretida em grandes caldeirões para lhe extraírem o óleo. Pergunto:

– Mas vocês não sentem isto? este cheiro horrível?

– Este cheiro, cheira-nos sempre bem. É sinal de dinheiro. Nem reparo na ermidinha, que foi a primeira, dizem, que se fundou na ilha. Estaco com surpresa no meio da povoação diante duma catedral gótica por concluir, erguendo pelos ares a ossada negra feita de lava. Um padre realizou neste ermo uma construção desproporcionada para a terra – todo o sonho é desproporcionado – e isolada entre montes. Ergueu-lhe sobre fortes alicerces as muralhas enormes até lá acima. Todo o dia lhe viam a sotaina agitada no alto, a ajudar os pedreiros como um pedreiro – ou – ou – oupa – empurrando as lascas negras. Pediu dinheiro a toda a gente, aos da baleia, aos da América, aos ricos, aos pobres, para realizar aquela massa em ogivas abertas, onde toda a povoação ficaria sumida num canto. Gastou o seu e o alheio. Trabalhou como um negro. Não teve durante toda a sua vida outra ideia, outra ambição nem outro interesse. E quando aquilo chegou lá acima, prestes a concluir-se, morreu de repente – e a catedral ficou para sempre naquele ponto abandonada e desabitada, sem telhado, carcaça morta e negra erguida em frente do mar, e separada da terra por montes espessos que ameaçam submergi-la. Moram lá as aves marinhas... Aquilo foi um sonho e nenhum sonho se chega a concluir – o sonho não cabe no mundo.

Agora completo o quadro: com os montes, hirtos e negros por trás, neste fundo extraordinário, neste panorama dilacerado, parto duma imaginação estranha, parado e cinzento, é que fica bem aquela vida dum dia e duma noite, o cortejo grotesco de fantasmas vociferando de porta em porta, com as bocas escancaradas de riso. Esta ilha negra e disforme apoderou-se dos meus sentidos. Tudo o que a princípio me repelia, o negrume, o fogo que a devora, o *mistério*, tudo me seduz agora. O Pico é a mais bela, a mais extraordinária ilha dos Açores, duma beleza que só a ela lhe pertence, duma cor admirável e com um estranho poder de atracção. É mais que uma ilha – é uma estátua erguida até ao céu e moldada pelo fogo – é outro Adamastor como o do cabo das Tormentas.

Apago todas as tintas do quadro: só quero o Pico diante de mim, negro e

dramático, roído da cinza que há-de acabar por devorar seres e coisas, deixando-o a prumo no céu, com a carcaça da catedral ao abandono na praia...

A PESCA DA BALEIA

Lá de cima do poleiro o vigia ergueu-se de salto, deu sinal de baleia à vista com o búzio e todos Os homens desataram a correr para as canoas. Nas Lajes, noutra dia, saía o enterro dum baleeiro morto no mar, quando do Alto da Forca anunciaram o bicho. Ia tudo compungido – ia a mulher compungida e os pescadores compungidos, o padre, o sacrista, a cruz e a caldeira – iam aqueles homens rudes e tisonados em passo de caso grave e fatos de ver a Deus – e logo a marcha compassada parou instantaneamente e mudaram instantaneamente de atitude: ficou só o padre com o latim engasgado e o caixão no meio da rua, e os outros, enrodilhados, levaram o sacristão, de abalada, até à praia. Baleia! baleia!... Deixam um casamento ou um enterro em meio, um contrato ou uma penhora, as testemunhas e a justiça, e correm desesperados a arrear à baleia. No Cais do Pico e nas Lajes ninguém se afasta da praia. Estão sempre à espera do sinal e com o ouvido à escuta, os homens nos campos, as mulheres nos casebres. E enquanto falam, comem ou trabalham, lá no fundo remói sempre a mesma preocupação. São tão apaixonados que até este cheiro horrível, que faz náuseas e que se entranha na comida e no fato, lhes cheira sempre bem.

– Baleia! baleia!

E toda a população acode aos barcos. Vejo daqui a fiada de casas à beira da estrada, o cais de embarque com o gorduroso barracão de madeira, tudo negro, enfumado e fétido, e por toda a parte, nas pedras escorregadias e na água azul, vértebras, carcaças boiando e restos ensanguentados que cheiram a podre que tresandam.

– Nosso Senhor vá com eles!

– Nosso Senhor lha dê sem perigo! – dizem as mulheres.

– O pão do meu José vai na canoa – grita outra, debruçada para os homens que empurram o barco a toda a pressa.

– E aquela canoa não larga?

– Está à espera do trancador.

Já um grupo de velhos, com a mão enconchada sobre os olhos, espreita para o largo, a ver se descobre os esguichos de vapor que o bicho resfolga.

O mar desmaia, mais etéreo que o céu, diluindo pouco e pouco no azul o doirado das nuvens. Uma luz difusa estremece no arrepio da superfície. É uma manhã delicada – um pedaço de céu azul-claro que se não distingue do mar azul-claro. Ao fundo vapores esparsos, à direita flocozinhos brancos por cima de S. Jorge, e para o largo pastadas grossas e imóveis que a primeira luz da manhã ilumina. Acolá um farrapo de névoa embrulhou-se na água dum azul quase cinzento e não a larga: o Faial, a distância, é uma mancha transparente, e o Pico passa a meus olhos por diferentes gradações, desde o azul nascido ao violeta. Névoas prendem-se aos calhaus negros, aos montes dramáticos, ou derretem-se de repente na água em rápidos chuveiros. No céu há um azul entre as nuvens tão ensaboado que mal se distingue, um azul entre nuvens azuis estendidas, com interstícios mais claros, e logo por cima pequenos estratos amontoados... Mas tudo isto desvanecido, tudo isto através da neblina quase a desaparecer. É uma manhã para se respirar, devagarinho. O mar é ainda neblina, o céu todo neblina; só anda algum azul misturado ao branco e alguma luz que se coa pelas nuvens...

A canoa voga suspensa na atmosfera e outras lá vão adiante à força de remos. Duas içaram as velas... Um barco destes é quase um móvel, ao mesmo tempo delicado e resistente, muito bem construído de tábuas leves de cedro, pregadas com cavilhas de

bronze sobre as cavernas de carvalho americano – esguio como um peixe e leve com uma casca, para escorregar sobre as águas. Metem-lhe dentro sete homens, o arpão e a lança, para atacar um bicho cuja massa pode ser avaliada em cem toneladas, e que, depois de ferido, se vira às vezes contra as canoas e até contra navios do seu tamanho. Ainda a semana passada um cachalote reduziu um barco a cisco e matou três homens, pondo-se de pé no mar com a boca aberta cheia de dentes de palmo⁴. O que vale é que a baleia é um bicho muito tímido. Pode, com o leque da cauda, cobrir e abafar uma canoa – e tudo a assusta. São poucas as que atacam, mesmo depois de feridas; mas há machos solitários que chegam a atrever-se com navios maiores do que eles, metendo-os no fundo à fochada. As baleias velhas isolam-se pela dificuldade em encontrar pasto que lhes chegue: mastigam no mar incessantemente como bois a pastar na erva. As novas viajam em grupos de vinte e trinta. É um espectáculo majestoso encontrar pela manhã um bando de baleias, resfolgando pelas ventas – é um espectáculo do princípio do mundo... Um pouco de neblina – mar azul!... Lá vão com o dorso de fora e lançando de quando em quando um esguicho de água vaporizada. De repente, quase ao mesmo tempo, mostram os rabos e mergulham, emergindo mais longe os lombos luzidios a escorrer... E uma coisa que faz parar o coração, é um quadro imenso e duma frescura extraordinária.

Pastam. Seguem sempre a mesma rota à procura das carnes gelatinosas que devoram; dos cefalópodes, lulas e polvos, que se lhes pegam e as sugam, entre braços que as envolvem e açoitam, sempre mastigando coisas esbranquiçadas a escorrer-lhes da boca. São os grandes devoradores dos monstros que na água glauca esperam a presa como sacos coroados de tentáculos, moles e horríveis, movendo à volta da mitra a coroa de répteis.

Isoladas ou em grupos, seguem a sua rota até à África, regressando pelo mesmo caminho. Esperam-nas os baleeiros e perseguem-nas, chegando a ponto de serem escassas no arquipélago e só reaparecendo depois que os americanos abandonaram a pesca, e os óleos minerais substituíram o óleo animal, que é empregado hoje nos instrumentos de precisão. Nos últimos tempos voltaram muitos cachalotes aos Açores: num dia vi cinco na baía do Porto Pim, no Faial, cinco bichos de ferro zincado, barbatana curta e grossa e cauda horizontal apartada ao meio como a cauda da andorinha. Pus-me a olhar para aqueles monstros desconformes e maciços, de cabeçorra quadrangular, que é o terço do corpo e onde não há nada que preste. Na baleia não é a barriga que é maior e mais grossa – é a cabeça; daí para baixo vai arredondando e diminuindo até à cauda, horizontal, enorme e luzidia. Os olhos pequeninos é preciso procurá-los, porque mal se distinguem da pele, e infelizmente para elas, estão colocados de forma que só vêem para os lados. Os baleeiros chegam-se facilmente pela cauda – a questão é não fazer barulho – porque têm o ouvido muito fino e ouvem pela pele: sentem a grande distância: qualquer ruído insólito as perturba, ficando a tremer de susto, até que se lembram de fugir. Na frente da cabeça ficam os buracos para resfolgar: ali não entra arpão, a pele é muito dura; e por baixo abre a queixada em forma de bico com grandes dentes, que, quando fecha a boca, entram em cavidades da maxila superior.

Este bicho inocente e estúpido quase sempre dorme ou digere à tona de água, inerte como um saco cheio... Só depois que lhe vi abrir a cabeça, melancia preta desconforme e toda de branco rosado pelo lado de dentro, é que compreendi bem a baleia. Debalde lhe procurei o miolo. No lugar dos miolos tem um líquido, espermacete, que dá doze a quinze barris do melhor óleo. Nem é preciso fervê-lo: está pronto a servir nos tanques do casco. Por isso se deixa apanhar...

⁴ A baleia não tem dentes – os cachalotes têm dentes na maxila inferior. A baleia vive nas regiões circumpolares e os cachalotes em águas tépidas, procurando as rochas escarpadas.

Os baleeiros sabem logo se é grande ou pequena pelo tempo que demora à superfície das águas; a espécie a que pertence, porque as há que só respiram por uma venta. Conhecem quando vai mergulhar, porque mostram primeiro a enorme cauda agitando-a fora da água; e se são pequenas, porque andam em bandos e aos saltos, tal é a sua agilidade. Contam que a mãe, acompanhada pelo filho, que nasce logo com quatro ou cinco metros de comprido, é mais fácil de subjugar, chegando o ambaque (baleia preta) a deixar-se matar quando lhe apanham o pequeno: basta feri-lo ao pé do rabo e puxá-lo para o bote. A mãe já não o larga e prefere, se não pode fugir com ele metido debaixo da asa, que a acabem às lançadas. Quer dizer: esta coisa monstruosa e zincada, com óleo na cabeça, não só come e digere, não só dorme e digere – é capaz de ternura e sacrifício.

Creio que hoje só os barcos dos Açores a caçam pelo processo primitivo, que é muito mais perigoso. Os americanos usam um canhão especial e ainda não há muito que grande número de barcos se ausentavam das costas da América por largos períodos, navegando pelo Norte do Chile ou nas regiões circumpolares, onde a baleia encontra o pasto de que se nutre no mar cheio de organismos infinitamente pequenos, no mar só alimento, em formação como as nebulosas. A baleia é apanhada, suspensa, cortada e derretida em grandes caldeirões que fumegam a bordo. Essa avantesma besuntada, fedorenta e ressumando óleo, todo o dia navega, vomita fumo, e cheira que tolhe, e mais se parece com um açougue ambulante que com um barco. Tudo lá dentro é pegajoso e escorregadio. Os ganchorros levantam pedaços de baleia, metendo-os nos caldeirões, onde fervem e refervem. À volta agitam-se homens engordurados até à alma, entre labaredas, bando de aventureiros de toda a espécie, equipagem de acaso, malaios e chineses, escorregadios como o navio, caranguejola que vai correndo todos os mares onde se encontra a baleia. No alto dos mastros, em duas barricas, os vigias incessantemente a procuram na água com óculos, enquanto outros mexem e remexem os caldeirões, ou, em tábuas amarradas ao costado, cortam, içam, despedaçam as banhas do bicho.

E isto nunca mais cessa: o navio enche o mar de fedor e de sangue e lá dentro a caterva derrete sem cessar, mergulhada em fumaceira, que o vento não dispersa – não pode – ou persegue sempre, matando sempre, como se a sua missão fosse sujar a grande pureza do oceano. O fumo pesado e gordo envolve o navio ensanguentado, que se destaca na manhã delicada ou no poente todo de oiro. E mesmo de noite, sob a maravilha das estrelas, aquilo vermelheja e arde, queimando carne e fumegando sempre. E cheira cada vez pior...

O mar cinzento com espaços lisos dum cinzento doirado reflectindo a cor das nuvens, e ao fundo, quase tocando o céu, uma grande superfície toda azul... Vem o bando por aí abaixo num azul que é azul e acção. Vêm todas do oceano glacial como se viessem da fonte da vida. E sentem a felicidade inconsciente da frescura que as rodeia, da água azul nascendo em jorros sobre jorros, que lhes comunica energia, vibrando todas com ela. Não têm uma arte, uma filosofia, um negócio a tratar. Vivem pela pele, vivem com a água que vive. Vêm aos saltos unidas e cortando o grande mar, nas manhãs brumosas, nas tardes de oiro, imensas como o universo e todas de oiro, nos dias de tempestade, que se fizeram para dançar à tona das ondas furando o cachão branco e vivo – outro cachão ao longe – ou nas tardes de mar calmo, criadas de propósito para boiar e dormir, no oceano e no mundo todo azul, que também adormece e repousa. Um bicho isolado bóia. Dorme ou digere. Parece um penedo escuro à flor das águas... Um ah! Estamos nas primeiras horas da vida. A claridade espelha-se e escorre no dorso escuro e molhado. O barco aproxima-se sem ruído, o arpoador à proa, com o arpão

erguido e seguro nas duas mãos, firme nos pés e na atitude de arremesso. É um ferro com setenta e cinco centímetros e dois metros de cabo. Ao lado, no barco, vai a lança, que é maior, para acabar este monstro do tamanho dum prédio. Mas o homem impressiona-me ainda mais que a baleia: é tremendo, de pé, minúsculo, com a vida no olhar e nas mãos. No barco está tudo caído e ansioso, ninguém diz palavra inútil: homens, barco, arpoador e arpão, tudo tem o mesmo corpo e a mesma alma. São sete, dominados pela acção, trespassados pelo ar e por este cheiro que penetra pela boca e pelos poros, gerador de energia – é um ser único, só nervos e vontade, à caça do monstro e com uma ponta de perigo que seduz – sem falar do negócio, que é excelente. Todos ganham: uma baleia dá muito óleo e o óleo dá muito dinheiro. Às vezes dá âmbar. Mas há principalmente a necessidade de matar, de lutar (numa vida que é mais monótona do que em qualquer outra parte – duas vezes monótona pelo mar que os circunda e pelos montes que os entaipam), de vencer as contrariedades e os perigos – sentimento com raízes no mais profundo da alma humana.

São sete couros secos, decididos, e alguns deles lavrados pelas rugas e com brancas na cabeça, e o trancador mola de aço pronta a distender-se, concentrando toda a energia no olhar e nos músculos. Esperam – ele o momento de lançar o arpão, os outros o de afastarem a canoa no mesmo impulso combinado. É um momento único.

Já outras canoas se aproximam... Mas, antes que lhe tirem a baleia, o trancador lança o ferro. O bicho tem um momento de hesitação e surpresa, como o touro quando lhe cravam as bandarilhas, o que permite ao barco desviar-se num golpe de remos, antes de ser abafado na cauda ou envolvido no redemoinho das águas. Não há um segundo de dúvida ou um movimento falso. A baleia mergulha entre vagas, com o risco de os arrastar para o fundo, e leva-os, numa velocidade de expresso, pelo mar fora, porque aquela grande massa é duma agilidade espantosa. – Larga! larga! larga a manilha! ... – E lá vão no curso, entre as águas rasgadas, no grande sulco aberto com violência, tomando tento na linha.

As outras canoas ficam a ver navios. Às vezes há balbúrdia: todos os barcos querem trancar a mesma baleia e dirigem-se-lhe pela cauda, pela cabeça, pelos lados; já tem acontecido arremeterem às cegas sobre o bicho, encalharem-lhe no lombo e meterem-lhe o arpão na cabeça. Outras vezes um trancador impaciente, vendo fugir-lhe a presa, atira o ferro por cima do barco que está mais perto da baleia para a roubar. É o que eles chamam trancar para quebrar.

– Larga! larga!

A baleia mergulhou. Corre agora a linha de manilha americana, muito bem enrolada dentro de duas selhas, e os homens, pálidos e imóveis, com o coração do tamanho duma pulga, esperam. A baleia pode desaparecer durante vinte minutos. Um deles tem nas mãos, para se não cortar, um pano chamado nepa, por onde a corda passa e pelo moirão, pau saliente à proa, que chega a fazer fumo com o atrito. Às vezes a linha acaba-se quando a baleia mete muito para o fundo. Se está outro barco perto, fornece-lhe mais linha, senão a baleia perde-se: têm de cortar a manilha ou são arrastados para o abismo.

– Lá vai a arça! – exclamam.

A arça é o fim da linha, e é com pena que eles a vêem acabar-se. Passam a ponta de mão em mão, até ao último tripulante, que só a larga com desespero.

– Lá vai a arça!

Pior é quando a baleia, ferida, se atira ao barco. Deita-lhe a boca e dilacera-o, voltando-se depois para os homens, de boca aberta como as feras. No outro dia, as canoas que assistiam a este drama queriam lancear o bicho enfurecido, mas os outros, nadando, berravam da água:

– Ó homens, não avancem, que ela mata-nos aqui a todos!

Em geral a baleia mergulha, vem à tona antes que se acabe a linha, e o que ela mostra primeiro é o focinho, para resfolgar. Aproximam-se e dão-lhe uma lançada ao pé da asa para a sangrarem. Mergulha, reaparece, esgotam-na e têm-na certa quando começa a esguichar sangue pelas ventas. Que visão de espanto entra nesse momento naquela cabeçorra? Há baleias que conseguem escapar e não esquecem – meses depois atiram-se aos baleeiros. Dão-lhe mais lançadas numa vozearia de triunfo. – É nossa! é nossa!... –Do corpo, dos pulmões, do coração, saem jorros vermelhos. Vomita. Encarniçam-se os homens. Então aquela grande massa oscila, adorna e morre numa pasta de sangue...

Do alto do monte o vigia tem guiado a canoa, acendendo fogueiras para os dirigir com o fumo – para a direita, para a esquerda, para o largo – até encontrarem o bicho, e toda a população em terra seguiu ansiosa o espectáculo.

– Já arrearam as velas!

– Trancou a baleia! trancou a baleia!

– Foi o mestre Francisco que trancou a baleia.

– Ai, se foi o meu homem que trancou a baleia, é hoje um dia de S. Pedro!

E o grito corre de casa em casa pela povoação.

– Trancou a baleia! trancou a baleia!

Falta o pior; falta trazer o bicho para terra, o que leva horas, leva o dia. Às vezes as canoas são arrastadas para muito longe e é preciso puxar a baleia a reboque para a costa. E segue o resto: falta decepá-la, cortar-lhe a manta em pedaços para derreter nas caldeiras. Compõe-se a canoa, leva-se ao ferreiro o arpão todo torcido. Os cais escorregam besuntados, o barracão deita um fumo pegajoso e fétido; no mar bóiam carcaças podres; por toda a parte há ossos de baleia e tripas informes. Lá de dentro, da cozinha infernal, saem baforadas, clarões e fumaceira. As povoações tresandam a gordura, porque até o fogo das caldeiras se alimenta com vértebras e torresmos de baleia. A gente passa e vê uma cabeçorra escura aberta a machado ou um monstro estendido com homens em cima, que o retalham com o ferro largo encabado num pau, enquanto outros, cheios de gordura e de sangue, remexem nos intestinos, onde às vezes se encontra uma fortuna. Duma que vi morta no Cais do Pico tinham retirado trinta quilos de massa escura, âmbar, que valia muitos contos de réis. Por toda a parte vasilhas enebadas, barris de óleo, montões de ossos, resíduos de lenha e toucinho branco cortado em bocados. Um guindaste tira da água um enorme pedaço de baleia. Mais cheiro, mais fumo, naquele açougue monstruoso. Mais fartum... Os homens mal se distinguem, lá no fundo do barracão imundo, remexendo com grandes colheres nos caldeirões, e outros carregam mantas de banha a escorrer gordura. Clarões vermelhos e azulados (é o óleo que arde e a carne que rechina) iluminam figuras estranhas. Até o mar está escarlate.

Verde e negro, verde e cinzento, entre torresmos negros. Vida prodigiosa de névoas, clarões vagos e esparsos, tintas delicadas que se entranham umas nas outras, e às vezes um pedaço de mar azul-cinzento que me prende e fascina. Mas não me sai dos olhos a posta gorda de carniça e o cheiro a fartum não me larga o nariz, nem aquele navio besuntado que corre o mar, deixando um rasto de fumo e de sangue...

HOMENS E BARCOS

Os homens são excelentes. Nem só no Corvo não há crimes – os crimes são raros nas outras ilhas. É talvez o isolamento. – Ponham – dizem – um comboio que ligue as ilhas com o continente e verão como há todos os dias crimes. Não há crimes porque os criminosos não podem fugir. – Não é assim. Os homens do Pico são os homens mais sãos que conheço. Vejo-os diante de mim como torres e um olhar que não engana. E os das Flores e do Corvo?... É talvez da raça, da vida isolada e simples, do trabalho e do contacto permanente com o mar e a terra. Pelo que pude observar, têm um grande amor de independência. Emigram para comprar alguns campos e acabam lavradores. Quase toda a gente sabe ler no Corvo e no Faial. Há menos analfabetos que no continente. Reparem na gente do campo, na limpeza das casas e na situação da mulher, que é tratada com respeito e ternura. Algumas trabalham na lavoura, mas quase todas bordam. Quantas vezes vi nas estradas (Leiria, etc.) em dias de mercado este espectáculo deprimente: o homem a cavalo e ao lado a pobre mulher a pé, descalça, acompanhando o trote da alimária em passo miudinho!... Deu-lhe a vida e os filhos e olha para ele com ternura. Isto não é possível nos Açores: a raça é outra ou o respeito pela mulher veio da América, para onde emigram quase todos?

Alguns destes homens são tipos extraordinários, os baleeiros do Corvo por exemplo, a meia dúzia de velhos que ainda restam, ao mesmo tempo infantis e solenes, de pêra grisalha em forma de leque na cara toda rapada. Parecem-se como irmãos, falam com gravidade. Expressam inocência e dor. Vinham as baleeiras buscá-los ao Corvo e às Flores e levavam-nos por largos anos ou para sempre...

O Banzeca (Flores) é um velho desdentado e alegre, com olhos maliciosos e pisqueiros na cara de fuinha, que passou a vida correndo mares e acaba em terra com saudades do perigo que lá vai. É um tipo com a língua salgada como a água do mar.

– Fui sempre terraço (pescador) e quanto ganhei quanto comi. Minha vida na América, para onde fui moço, foi sempre na pesca do bacalhau... A gente sai no fim de Abril e larga para os bancos num iate que leva capitão e cozinheiro, cinco botes e dois homens para cada bote, tudo gente do diabo, pretos e chineses, portugueses e sei lá – o mundo!... Só o capitão é americano. O navio leva sal, isca e mantimentos, mas é preciso ter um estômago de ferro para se viver lá dentro. Cheira a tudo que é mau – a bacalhau e a podre, e pega-se à gente como visco. São seis dias, com vento escasso, de viagem da América ao mar de nevoeiro. E não se vê mais nada senão nevoeiro, nevoeiro, nevoeiro... De quando em quando a névoa sobe como fumo e aparece uma ilha toda branca, uma ilha de neve que anda pelo mar direita à gente. Os navios ancoram a cinco milhas uns dos outros, iates, galeras, barcos, todos com os topos arreados, por causa do mau tempo, que às vezes mete medo. Então começa a pesca. Levantamo-nos às três horas da manhã (lá tanto faz ser dia como noite, é tudo um) e depois de comer armam-se os botes para a pesca, dois homens em cada um, e procura-se o peixe onde ele bate. Se não dá, muda-se de sítio e larga-se o ferro. Ao meio-dia, nos dias mais claros, o navio levanta um farrapo no topo do mastro e outros tocam o sino – sinal de jantar. E depois de jantar volta-se para a pesca, de pé no barco, com duas linhas em cada mão, sueste na cabeça, casacos e calças oleados e grandes botas nos pés – sempre sobre o banco do peixe e os barcos a curta distância uns dos outros. Às vezes é um falatório pegado de barco para barco, mas trabalhando sempre. Trabalha-se até à meia-noite, e os que regressam da pesca caem logo num sono profundo até às três da madrugada, hora a que o capitão grita: – Olá, tudo a pé! – Trabalham os da pesca e trabalham os de bordo, rapazes *verdes* (são os que embarcam pela primeira vez) e que escalam, escalam

infatigavelmente, com grandes facas na mão, cortando a cabeça aos peixes, abrindo-os e passando-os ao vizinho, que lhes tira as tripas e separa o fígado. Logo outro atira o peixe pela escotilha ao porão, onde é salgado e metido em barris. Só aos domingos se descansa. E nunca ninguém está doente... Ardem as mãos doridas pela linha e salgadas pela água, a humidade trespassa-nos de lés a lés, o cheiro mete-se no corpo e na alma – mas tudo corre bem: a fome é devoradora, o estômago de ferro.

Durante muitas horas falou da sua vida nos bancos e eu vi o nevoeiro espesso no mar calmo, os pequenos barcos perdidos na cerração, guiando-se às apalpadelas pela buzina de bordo, e aquelas névoas estranhas que vêm do pólo. E senti a humidade entranhada na roupa e nos corpos, dentro dos navios que cheiram a salmoura e à exalação das roupas que secam ao pé dos fogões. Assisti à vida monótona e perdida no mar; ao regresso dos barcos despejando os peixes no tombadilho, até que a barafunda aumenta e todos lavam, todos escalam e salgam pela noite fora e se acaba o sal e se enche o iate. Pescas miraculosas às vezes, pescas em que só as duas linhas das selhas – que se largam no mar e se recolhem à noite – chegam às vezes a encher três *douros*, que é o nome próprio destas pequenas embarcações.

– E a tripulação era boa?

– Nos navios em que andei eram quase todos portugueses, menos o capitão e o piloto. Às vezes nos barcos, enquanto pescávamos, fazíamos um destampatório sobre as moças da nossa terra, sobre casos dos Açores, e até às vezes falávamos naquele navio de bacalhau que foi metido a pique por outro, morrendo toda a gente, e que de quando em quando se descobre durante um momento na névoa, com a companhia sempre a pescar e a cumprir o seu fadário. Tínhamos medo... São histórias que lá contam. Outras vezes víamos o nevoeiro transformar-se em coisa viva, em aves muito pequeninas, que São aos milhares, em asas que mexiam e remexiam naquela frescura insondável, chiando entre a névoa. De noite são os cagarros que falam uns com outros. E, mesmo na cerração mais profunda, a alegria dos bichos é frenética, principalmente a dum as aves todas pretas e do tamanho de estorninhos, que voam e cham, que voam e cham à roda da gente num espanto, tantas e tão bastas como as areias do mar, e a que chamamos alminhas do mestre.

Outros, como este rapagão do Pico, uma jóia de rapaz, alto, seco e alegre, que caminhou para a América aos dezassete anos, vão para a cavala e só regressam para casar. É sempre a mesma vida. Embarcou num iate, pescou dias atrás de dias com redes na costa da América. A cavala é aberta, salgada e metida em barris. Às vezes vão vendê-la fresca a Boston.

– Foi também um irmão meu na minha companhia que está ainda para os bancos. Andou na baleia quatro anos e volta agora também para casar.

É este que me fala dum mar extraordinário, dum mar que é água e alimento ao mesmo tempo, dum mar como leite, de que se sustentam peixes aos cardumes, peixes unidos uns aos outros formando uma esteira quase compacta, sobre a qual se cevam milhares de aves enchendo o escuro de palpitação e de gritos.

Muitos homens passaram a vida sempre no mar e ignoram tudo do mundo. Chega a ser difícil entendê-los. Um velho baleeiro do Corvo teimava em me contar um grande drama – o que mais o interessara durante a existência – mas que eu nunca cheguei a entender, porque não tinha princípio nem fim:

– Estávamos à cavala fresca. Tínhamos a luz acesa e estávamos na lida de aviar o peixe, quando veio um navio arriba da gente, bateu na proa e agarrou-nos o ferro. Quebrou-nos o pica-peixe. E fomos para descaldear o ferro e desviar-nos... E vimos outro navio correndo à proa, que mareou para outra banda. Já nos faltava a comida. Içámos uma bandeira a meio mastro, mas a galera...

– Que galera?

– A galera francesa não se importou e correu sempre no seu ponto...

– Ah!...

Calou-se e eu fiquei a olhar para ele, e ele, de olhos ingênuos e cheios de entusiasmo, a olhar para mim, muito Contente.

– Ah, sim!...

Quase todos os homens, e até as mulheres, emigram para a América, e os que não emigram é porque não podem fugir. Se a América abrisse largamente as portas, os Açores despovoavam-se. Já faltam braços para cultivar as ilhas... Há-os que se fazem horticultores nas Bermudas, como este velho que regressa e embarca comigo no mesmo paquete (*Britânia*) e que me conta toda a sua vida, pondo-se logo de cócoras, que é a maneira habitual de trabalhar no seu ofício, para descrever no convés, com o dedo, os canteiros de cebola, de salsa e de couves lombardas com que abastece o mercado de Nova Iorque.

Que série de imagens trago na cabeça! Vejo diante de mim o porto de Nova Iorque de há quase um século – o porto dos desgraçados e dos ideólogos, o porto dos emigrantes de todo o mundo. – A América! – E dia e noite os barcos a descarregarem cargas humanas. Vejo pelos olhos dos emigrantes o *rancho*, a vida livre a galope na planície sem fim, e quadros que já não existem: o espectáculo alucinante do fogo que prepara a terra para receber o primeiro grão. Perto, corre o grande rio virgem que incha e transborda, ainda sem limites definidos, como nos primeiros dias da Criação – e ao lado ergue-se a casa rústica de lavoura, defendida pelo muro de grossos troncos enegrecidos. Desfila – contado por outro – a caterva de aventureiros, de baleeiros desertores, de canacas e bandidos – e a carreada de transportes atravessando milhares de léguas, e que chega por mar depois de seguir por planícies, savanas, desertos de cactos candelabros, como se o mundo desabitado não tivesse fim. Ouvi a este a descrição das primeiras plantações de arroz e indigo nas margens do Sacramento, e, pela boca do Petinga, que tem um século, reduzido a pele e osso, mas cujo olhar ainda faísca – cheguei a entrever a arremetida para o oiro da Califórnia (1841) – quando S. Francisco tremeu até aos fundamentos, as cidades marcharam em peso, e de todo o mundo a corja se pôs a caminho desabando sobre a América. – O oiro!... – A tromba humana dirigia-se de Nova Inglaterra para os portos ou preparava-se para atravessar o continente. De todos os pontos do globo embarcavam turbas para a Terra Prometida do oiro. Dum dia para o outro, S. Francisco passou a ser uma das primeiras capitais do mundo. Para enriquecer bastava partir e comprar uma caçarola e um cesto onde se lavasse a areia. Tudo se atropela na minha memória, os homens e os quadros, as pequenas telas e os grandes cenários, quando os emigrantes me contavam a sua vida rude de aventuras...

É um gosto falar com eles quando são espertos. Quase todos têm que contar, porque quase todos andaram fugidos por esse mundo para se livrarem do serviço militar. São antigos marinheiros aposentados, como o velho capitão Fidalgo das Lajes, que, aos oitenta anos, sentado no quadradinho da janela, não tira os olhos das águas, com saudades cada vez maiores, e que há-de morrer, diz ele, de olhos postos no mar; é este marítimo alto e seco como uma trave, que envelhece no campo sobre a rocha, na terra que comprou com águias americanas e que ele próprio cultivava com extremos de cuidado, tão reluzente o quintal como o convés. Um conta que aos sete anos, estando a tomar banho na praia da Horta, um barco da baleeira americana, que tinha vindo a refrescos, o agarrou levando-o para bordo. Ninguém viu. A mãe chorou, e a família julgou-o comido por tubarão ou albafar. Por lá viveu muito tempo, só voltando ao Faial aos vinte anos, quando já não sabia falar português nem conhecia ninguém. Por algumas reminiscências foi ter a casa. Ninguém sabia quem era. Outros se sumiram no vasto

mundo:

– Duma vez fui parar à costa da ilha do Príncipe no navio em que era contra-mestre. Vi lá no alto uma capelinha. O sino, que estava pendurado num ramo de laranjeira, começou a tocar. – Vamos a terra... – Desembarquei e subi. Estava a conversar com o padre, quando dei com um homem de grandes barbas que conheci pelos olhos. – Pois és tu, João?! – Era um desaparecido há muitos anos do Faial. – Sou eu. – Volta comigo no navio para a nossa terra. Todos supõem que és morto. – Isso volto eu! Aqui tenho que comer e que beber. Estou casado com o estafermo duma preta mas não me falta nada. Se voltasse para o Faial tinha que trabalhar para comer. – E não houve convencê-lo. Deu-me um abraço e lá ficou. Nunca mais nos vimos.

Outros andavam na baleia e foram parar às ilhas Fidji para a aguada. É um largo côncavo com uma cadeia de montanhas vermelhas ao fundo e coqueiros, casuarinas e acácias bordando a beira-mar. De quando em quando caem chuviços grossos activando o cheiro das grandes flores gordas que exalam no perfume o último suspiro. As noites são prodigiosas de desfalecimento e calma. O pandano entontece. Todos se sentem quebrados naquele clima tropical. O rei mandou-lhes mulheres para bordo, quantas mulheres quiseram, mulheres cor de cobre, grandes e fortes, que dançavam em grupos, representando a pesca, a sementeira, a colheita, ou pequenos dramas campestres e marítimos, acabando por se entregar com os beijos arreganhados de volúpia. Por lá se demoraram perto de um mês. Cada um tinha três, quatro, cinco mulheres. Apesar dos gritos do capitão, não havia maneira de desamarrá-los dali. Quando tiveram, enfim, de partir, os homens, de cansados, não podiam largar o pano e as mulheres em terra desataram num choro convulso...

Conheci nas Lajes o Experiente, tipo curioso que faz canoas e anda em compita com outro a ver quem constrói melhor e mais seguro, e na Madalena os extraordinários Chatinhas, o filho, grande pescador diante do Eterno, que conta peripécias de mar, e o pai, de argola na orelha, como todos os antigos marítimos, encarquilhado, de cara rapada e seca como um arenque – quando se ri enche-a de hieróglifos – casado com a tia Anica, excelente cozinheira de toda a qualidade de peixe. Mestre Chatinha é pescador e filósofo:

– A gente na vida deve jogar sempre pelo seguro. Eu cá não faço nada sem consultar primeiro minha mulher. Ouço sempre aquela santa. Noutro dia tinha de fazer um barco, estava irresoluto, fui ter com ela e perguntei-lhe: – o mulher, faço um barco ou uma canoa?

– Pois faz o que quiseres.

– Isso sei eu! Mas sempre quero saber a tua opinião.

– Eu dessas coisas não percebo nada.

– Mas responde ao que te pergunto: faço um barco ou uma canoa?

– Pois já que teimas, acho que deves fazer uma canoa.

– Fiz um barco – já sabe. Porque a gente deve consultar sempre as mulheres – para fazer o contrário do que elas dizem.

Nas Flores a pesca do alto, duma abundância extraordinária, é quase sempre à linha ou à cana – pesca de varão. O peixe levam-no para casa ou trocam-no por milho. Também usam nas Flores e no Corvo a agulheira, a barqueira, a entorta, o entralhe, a gorazeira, a enxalavara e a tarrafa, como em geral em quase todas as ilhas. O grande pescador é o da baleia, com excepção de S. Miguel, onde há um bairro inteiro de pescadores de bacalhau e várias povoações, entre elas Mosteiro, com um morro aguçado por trás, casinhas agrupadas e moinhos trabalhando à beira-mar – gente que se emprega toda na pesca do alto. Vão com rede para chicharro, linhas e caniço até ao mar da

Ferraria, ao Matoso, à Ponta da Bretanha, e vendem o peixe pelas povoações mais próximas. Para os pescadores do Pico o melhor mar é o banco da Princesa, mas há também o baixio de S. Mateus, a restinga de S. Jorge, o mar Velho, o mar Novo e o mar de Fora, que dão muito peixe. Antes da descoberta do Príncipe de Mônaco, o mar mais piscoso era o da Ponta Negra até à Ponta do Hospital. As bogas apanham-se com a enxalavara, a cavala à cana e agulheira, a enxova, a dourada e o írio a pau e alinhavões. A isca prepara-se soborralhando o peixe e picando-o depois à faca. Na Terceira há também duas grandes povoações de pescadores do largo, a Praia da Vitória e S. Mateus, algumas casinhas e um abrigo formado por rochas vulcânicas. Pesca-se à linha e em barcos que levam de cinco a seis tripulantes, o congro, a abrótia, a moreia, a lagosta, a cavala com um anzol mais pequeno, e a sardinha com a rede que se chama cercado e que se arrasta para a terra até meter a pesca debaixo dos varais. Vão ao mar do Nordeste, ao mar da Prata, ao Cabeço de Esquiola, ao Baixio, aos Aregos, aos Palheiros, ao Invés, ao mar Novo, saindo à meia-noite e chegando a cento e cinquenta braças e às vezes, como no Cacete, a quinhentas braças de profundidade. São trinta barcos. Os homens levam como mantimentos a saca com pães, a talha de água e peixe. Às vezes o mar obriga-os a arribar aos Biscoitos – explica-me este tipo ruivo e tostado a quem pergunto:

– Como se guiam no mar?

– A gente estando no nordeste e começando-se a cerrar a terra, a gente marca-se por a vaga, porque, a gente estando fora do Queimado, é sempre a mesma, ainda que ventando...

– Mas com mau tempo?

– Se a vaga nova desfaz a vaga velha, a gente não somos vivos – o que quer dizer que o temporal seria tanto que não se aguentariam na canoa.

Nunca vi tantos e tão lindos peixes. Em todo o arquipélago se pesca o rocaz vermelho, sarapintado de escuro com grandes barbatanas delicadas como asas, a magnífica abrótia, de duas qualidades, a negra da costa e outra, mais esverdeada, o albarfar, albacora, o budião, o bonito, o besugo, a bicuda, a boca-negra, o carapau, a cavala, o congro, a dourada, a enxova, o enxarêu, o goraz, a garoupa, o írio, a mugem, a moreia, o peixe-rei, o pargo, a serra, a sardinha, o sargo, a trombeta, etc. Só o banco da Princesa Alice daria que comer a um império.

Lavradores do mar e lavradores da terra, porque quase todos eles cultivam um chão e pescam para comer. Se os pescadores emigram nas baleeiras, os lavradores vão trabalhar para os ranchos da América.

Quase todos são felizes, quase todos cultivam uma terra que lhes pertence. Os da Graciosa exportam milho e trabalham com diligência, fartos nos seus campos e nas suas vinhas, não se deixando submeter a abusos. Há anos, quando um senhorio de Lisboa quis aumentar as rendas, não as pagaram. Foi lá a tropa – não pagaram senão o que era justo. Nunca vi campos tão bem tratados, entre os dois montes redondos com a povoação branca no centro, um dos montes amarelo com a giesta em flor e o outro dum verde tão tenro que escorre pela encosta abaixo. É uma ilha ilustre e literária. Dela fala Chateaubriand nas *Memórias* e nas *Revoluções Antigas*, e Garrett habitou numa destas casinhas, no tempo da expedição de D. Pedro. Em S. Jorge, a ilha trágica, vale a pena ouvir a voz do pastor, a queixa baixinha do homem mais desgraçado dos Açores. Nesta terra de grandes proprietários, que alugam as pastagens por certo número de canadas de leite, há sítios que pagam por ano quinhentas canadas de leite por cada vaca e outros menos. Os pastores levam o leite à fábrica de manteiga, e no fim do ano pagam em dinheiro ao senhorio. Quanto mais caro for o leite, pior para o pastor, que tem fixo no

arrendamento o número de canadas. Vivem em povoados e de manhã e de tarde vão aos baldios ordenhar as vacas.

Este que me fala é um tipo anegrestado e maciço, de rabiça na cabeça, capuz de abas caídas sobre as orelhas e capa até ao joelho.

– Vossa senhoria como vai e mais a sua obrigação? (família).

Estaco diante da figura primitiva e pergunto-lhe pela mulher.

– Anda muito somenos, porque teve há dias uma família (filho).

Está à espera dum dos filhos para ir buscar água para o gado:

– Coma (quando) ele vier...

Todos os dias tem de acarretar água, às vezes de muito longe, para dar de beber aos bichos; todos os dias, acompanhado da mulher e dos filhos, vai enchequeirar ou mugir o leite e levá-lo à fábrica.

É uma figura desamparada, isolada e triste naquele ermo triste. Toda a ilha, desde que o vi, me pareceu funesta... Explica-me que na força do leite as vacas são ordenhadas duas vezes por dia; depois, fim de Julho, faltam os pastos, e os bichos começam a arrear do leite. Levam-nos então para a Rocha, onde invernam com eles, para que os pastos descansados possam dar melhor erva no Verão. Todos enxabiados (molhados) esperam que a má estação passe, para recomeçarem a mesma vida monótona. Estes homens ao desamparo têm no seu isolamento e na sua pobreza explorada qualquer coisa de misterioso.

Reparo com pasmo que este pastor me fala da sua vida com indiferença, plantado diante de mim como um tronco. É um bruto, mas foram os outros que o reduziram à condição de bruto. As coisas mais duras di-las com a mesma cara de estanho. O isolamento comunicou-lhe a mudez, e a dureza da queiró o negrume que o reveste. Lavou-o o vento e a chuva.

Devo dizer que a ilha é magnética e só metade duma ilha, cortada a pique, e dum lado rocha negra. Ficou toda em comprimento e de má catadura. Tinham-me falado dos seus pastores selvagens, dos seus pais-avós, embrulhados nos capuzes e vivendo em promiscuidade, e eu olhava aquele paredão sem uma falha como se ele escondesse um segredo...

Ilha fúnebre, a não ser talvez o lado norte, mais selvático: – da Urzelina à Costa do Rosário, toda rocha; do lado sul, da Urzelina à ponta dos Rosais, pedra inteiriça; e no interior ondulação monótona. Sobe-se e outra ondulação aparece diante de nós, dividida em retalhos por queiró quase negra. Pastagens, pastagens... Terra triste, impressão severa. Lá de cima do Terreiro da Marcela vê-se o mar cheio de nebulosidades, de tons azuis, de clarões vagos boiando sobre as águas, de grandes espaços ilimitados, e, sob o céu forrado de cinzento, adivinham-se, perdidas na bruma, a Terceira no fundo, o Pico em frente e a Graciosa hesitante como uma aparição que começa a materializar-se. Desço e sigo pela estrada que dá a volta à ilha: no horizonte há já um risco de carmim muito vivo entre nuvens. Dum ponto, o Miradouro, entrevejo a larga chá à beira-mar, fértil em culturas, que se estendem, até à Urzelina, e a povoação entre o Morro e o Pico dos Loiros, com o seu portozinho circular. Falam-me do Norte pitoresco, mas tudo perdeu para mim o interesse desde que topei com o pastor. Só ouço a sua voz de escravo...

– Andemos por aí, por uma banda e outra, a entreter a vida... Levemos o mais do tempo a carrear água para os bichos beberem.

– E o leite?

– Deixe-me dizer... O leite é para o senhorio, e se as vacas o não dão, temos de o pagar na mesma e pelo preço que a fábrica quiser. O que pode ficar ao pastor, que vive pobre numa rautilha (casa velha), é alguma criação muito mal criada, porque é preciso

tirar o leite à mãe para o levar à fábrica. Acontece que às vezes morrem os bezerros – boei-credo-andar! –; acontece também que no fim do ano, para a gente se remediar, tem de vender uma vaca para pagar a renda. Nunca, nunca se ganha para pagar ao senhorio. Isto está em termos de não se poder viver!

Nunca vi diante de mim figura tão inexpressiva. Não foi o isolamento que a criou: mais que o abandono, criou-a o desprezo pela criatura humana. O sentimento diante dela, terra e só terra, não é piedade – é medo, como se pela primeira vez se me deparasse um homem diferente, mais perto do animal que os outros homens. Ninguém se aproxima deste escravo na solidão do mar e da pastagem. O que tenho é vontade de fugir, medo que isto se pegue. Lá fica ao abandono de bicho, e de longe ainda o vejo parado e imóvel como se fosse de pedra – onde a dor não entra e, se entra, em pedra se converte logo.

Onde se lida de perto com o povo é nos barcos de cabotagem que fazem o tráfego entre as ilhas. Para passar o canal do Corvo para as Flores meto-me num chaveco de velhas tábuas com velas triangulares, seguras por duas cordas, uma à proa, que se chama *burro*, e outra, a escota, na mão do cabo-de-mar. Para içar a vela, OS homens agarram-se à *urraca*, puxando-a até que o mestre de repente grita, por causa do vento: – Repica! repica! – para eles atravessarem a verga, a que lá chamam vara. E lá vamos na caranguejola... A travessia tanto leva três horas como onze, conforme o vento, as águas, as lufadas que se levantam de repente no meio do canal, quase sempre agitado pelo Gulf Stream. No fundo do barco reparo na lança, atirada para ali a esmo, e pergunto para que é. – Para matar o tubarão, que às vezes se atreve a saltar dentro do barco. – Agacho-me logo a um canto ao pé das mulheres enrodilhadas, de sacos, de dois porcos, dum novilho com as pernas atadas, duma grande caixa, e dum molho de gente que aproveitou a ocasião para ir às Flores. E não tiro os olhos do mar. É costume, a meio do canal, com a vela panda, os marinheiros descobrirem-se e rezarem a coroa a Nossa Senhora. A oração leva tempo, e a gente tem tempo de observar as fisionomias graves, onde a vida imprimiu a sua história, a dos velhos, enrugados e secos, são como peros; a do mestre Hilário, tisonada, de olhos negros e espertos; os olhos azuis e pêlo ruivo do Cabo-do-Mar, que olha as ondas de alto e dirige a manobra; as das moças, inocentes como bichos encostadas umas às outras. – Padre-Nosso pelos mortos! – É a coroa que vai no fim. – Padre-Nosso pelos que têm morrido neste canal! – Padre-Nosso para que Deus nos leve a porto de salvamento! – Eu rezo também, com um olho na lança e outro na geringonça a desfazer-se em tábuas velhas, carregada de gente até à borda: – Pela alma dos que morreram neste canal – pela minha alma!... – Mas já as Flores além se vão articulando, com pináculos negros no alto. O mar está violeta, a ilha verde e o céu cinzento...

Do Faial para o Pico tanto se vai de gasolina como de barco. O barco é esplêndido, mas o gasolina também tem sua graça. Há-os grandes, que levam sessenta passageiros, há-os mais pequenos, que levam de doze a quinze e que aguentam muito temporal. Um, enrodilhado no ciclone, já foi parar à Terceira, escapando o único tripulante, que teimou em se deixar ficar lá dentro, mesmo depois de parada a máquina, agarrado às tábuas com desespero de naufrago. A gente vai dentro da cabina, com janelinhas quadradas, fiada dum lado, fiada do outro: se olha para fora, tem o mar ali à mão, azul e sempre presente; se quer, fala aos passageiros, de fisionomia rude, gente do povo, mulheres do Pico, de xale pela cabeça puxado para a frente, tapando-lhes a testa como monjas, aos homens de albarcas e chapéu de palha. que vão à feira carregados de sacos e cabazes, que metem debaixo dos bancos. O Pico não passa sem o Faial, onde compra o milho e o trigo, e o Faial sem o Pico, que lhe fornece o vinho, a lenha e as frutas. Mas mais interessante é o barco, com a tripulação de vinte e tantos homens,

mestre e contra-mestre, que todos os dias faz carreira entre as duas ilhas, a horas mais ou menos certas, carregando bois, pipas de vinho e toda a espécie de carga que lhe metem lá dentro. Faz-se esta navegação para a Madalena, Calhau, Cais do Pico e Prainha do Norte. São grandes embarcações grosseiras, de bancos mal faceados, muitas cordas e moitões, mas largam as duas velas, metem a borda na água e voam por esse mar, abrindo como um arado grandes sulcos nas águas.

O pior vento para as velas é o oeste-sueste, e o leste, de que dizem: – Vento leste não dá nada que preste – mas hoje está nordeste fresco e sem sacadas, a que lá chamam vento geral. Sento-me à popa e ponho-me a olhar para tudo isto: para o mestre, que é um rapaz, para o contra-mestre, velho de oitenta anos, de cara engelhada e forte como uma trave, sentado ao pé de mim e que me diz o seu nome, José Faria; para os tremendos rapagões do Pico, tisonados como negros; para as mulheres, aninhadas no fundo da caverna; para os cesteiros e negociantes das diferentes freguesias do Pico, que vieram mercadejar e regressam a casa. Todos eles usam na cabeça o chapéu de palha de bordo revirado e fita preta e albarcas nos pés – um pedaço de sola grossa, segura por tiras de couro, uma presa aos dedos e a outra dando a volta ao tornozelo.

– Vai à orça. A escota na mão – recomenda o mestre, de pé e ao leme, ao velho, que é seu pai e que segura a corda. Quando há mau tempo ou vento fresco, o homem da escota nunca a larga da mão e o mestre, junto do aparelho grande, faz-lhe de lá sinais. Não trocam palavra. Regulam-se por gestos.

– Vai à orça!

Chamam latinas a estas duas grandes velas triangulares, cheias de remendos como o vestido dos mendigos – à da proa, maior, traquete, e vela à mais pequena. Quando o mestre manda: – Arrear grande – refere-se sempre à vela mais pequena.

Chego-me mais para o velho, que tem uma boca fresca e dentes brancos de rapaz. Há mais de cinquenta anos que faz a escala do Pico, sempre em mangas de camisa e com o peito à mostra, tanto de Verão como de Inverno. E tem Oitenta.

– Tenho-as passado boas.. - Duma vez, quem vinha mandando era o Francisco da Ritinha, que mora na casa do canto. Disse-lhe: – Acautela-te, olha que a maré vai a vento. – Não fez caso, vimos a morte... Já aqui trabalhámos cinco horas sem conseguirmos chegar a meio do canal com vento és-sueste. Tivemos de voltar para trás.

– Como arranja o senhor a estar assim forte como um moço?

– Eu lhe dou a receita... Casar tarde, enviivar cedo, não comer salgado nem azedo, nem ser aprofiaheiro.

Gemem as escotas e o mastro na carlinga. Estamos perto dos ilhéus da Madalena, grandes penedos vermelhos, quase ao pé do Pico. Às vezes a proa ergue-se, cai, bate no mar, e a espuma branca salta em rolos. Dois minutos e saímos.

Iates comunicam com a Ribeira, Santo Amaro, Cais do Pico, com S. Jorge, Graciosa e Terceira. Entre as Flores e Corvo é mais sério – o canal mete medo: ainda não há muito tempo que desapareceu um iate, tripulação e tudo. Mas o negócio tenta e vão lá com cal e telha. De Angra para Ponta Delgada carregam tabaco e carga geral, e de Ponta Delgada para as outras ilhas, madeira e louça da Lagoa. Transportam milho, telha e púcaros de barro de Santa Maria, barcos como este iate que tenho na minha frente, chamado *Espírito Santo*, com um mestre e sete tripulantes. E também de Ponta Delgada saem outros, na época própria, com duas latinas, cheios de fruta.

Meu Deus, como eu vejo tudo! Ficam-me os olhos nos carreirinhos que não sei aonde vão ter e por onde passa um homem com o burro e a carga; ficam-me os olhos presos a certos sítios e a certas casas onde me apetecia viver escondido não só a minha vida mas todas as outras vidas. E fica-me a alma nestes barcos de todos os feitios que chegam e partem... Para onde? para onde?... Sei lá para onde! Para sítios que nunca vi –

para a cor e para a luz. Má raios partam os intrujões que nos levam para carreiras de artifício – e, com eles, os advogados, nos fundos dos escritórios com a papelosa inútil, os escrivães nos seus covis, os militares com penas na cabeça e chanfalho ao lado, e a tropa-fandanga das chancelarias!... Oh! quem me dera ser patrão dum barco e ir de ilha em ilha abicar aos portos, de barrete azul adebruado de vermelho na cabeça e a mão no leme, com a minha carregação de damascos aos montões, damascos maduros a estalar de sumo, que incensariam o cais e que venderia o cento a tostão, preço antigo!... Que prazer navegar logo ao princípio da noite com as velas todas, aproveitando o vento terral e sob a palpitação das estrelas! ou ao fim da tarde, a quilha rasgando na água a estrada real toda de oiro desde o horizonte até bordo. O mar está como mel!... De dia, entre os canais vão surgindo as ilhas, desdobrando-se e articulando-se os cabos e as saliências da costa. Se é no canal de S. Jorge, vê-se o Faial ao longe, montanha achatada desprendendo-se do Pico, quando se chega ao meio, e S. Jorge muito comprida, verde-claro, verde-escuro já para trás com a nuvem agarrada nos altos. Do outro lado o Pico sai da água todo azul, duma água onde o azul se mistura ao cinzento com ondulações quase doiradas. Às vezes, o tempo muda, o vento ronda, as vagas cinzentas, com a crista cheia de espuma, avançam do Sul: cai sobre o mar uma poeira cor das nuvens, e lá para o fundo a cerração aumenta sobre as ondas cada vez mais altas... Mas eu não tenho medo: é neste barco à vela que sinto comigo a alma de meus avós. Não há nada para mim que valha certas horas sobre o mar, velas cheias, sentindo a pancada da onda no costado da embarcação – sensação de calma e de exaltação ao mesmo tempo, de vida simples e sem limites. O ar vivo dilata-me o peito, a vaga desfaz-se à superfície em pequenos turbilhões de espuma que parecem flores. Como nos velhos engenhos primitivos, como nas primeiras tentativas para dominar a natureza, tudo aqui está ainda empregado com inexperiência e simplicidade. Sente-se o que se sente nas grandes esculturas, a mão e os dedos do estatuário, que as impregnaram de vida. Sente-se a mão e a ama. Nos moinhos toscos, nas rodas de tirar água dos rios, há hesitação e a falta de qualquer coisa, que lhes dá mais humanidade que às máquinas perfeitas: quase sempre rangem, gemem – sofrem como nós. E esta dor, esta imperfeição, é para mim um encanto a mais. Aqui, os mastros são grosseiros, as velas remendadas e de bocados como os trapos dos mendigos. Encontram-se cordas e cabos por toda a parte. Para caminhar, não há máquina – temos de contar com o vento: se não estiver de feição, a viagem eterniza-se. Temos de contar com Deus: a todos os momentos nos sentimos na sua mão. O homem faz tudo quanto lhe era possível, Ele agora que faça o resto.

Olho. À medida que a terra se vai afastando, todo o azul desmaia. Pequenas ondas aumentam de volume e o vento cresce. Uma lufada. Qualquer coisa de ferro geme. Depois é a madeira que geme também de dor, trespassada pela mesma agitação que passou no ar. Todo o barco a sente de popa a proa, erguendo-se para tornar a cair na água que escuma. A vela bate e enche-se, arredondando a pança. Ao largo, o espaço, vazio como o céu, cintila de pedraria, e diante de mim a costa negra e abrupta desliza mais rapidamente. A minha vontade é deitar a mão ao leme. Por pouco não dou ordens, engrossando a voz:

– Olhem essa escota, rapazes! ... Orça! orça agora!

AS SETE CIDADES E AS FURNAS

30 de Julho

Tenho diante de mim a escarpa com um campanário perdido, ondulações e moinhos, um grande monte azulado ao longo e um espraiado que termina com colinazinhas quase do mesmo tamanho formando biombo. Meia hora depois entro em Ponta Delgada e no seu porto artificial. É uma pequena cidade irregular e alegre, estendida à beira-mar, com as colinas verdes ao fundo: na rua passa de quando em quando um fantasma disforme de capote de muita roda. Nesta paisagem verde e calma, com um céu de mata-borrão por cima, prende-me os olhos aquele monte violeta com a Lagoa na base...

Ruas asseadas, um largo, uma linda igreja e jardins maravilhosos – o de Jácome Correia, ordenado e prático, com grandes árvores de sonho e lá no fundo, ao pé do palácio, sebes de tomates e renques de batatas sulfatadas; o de António Borges, com um vaie de plantas rendilhadas, onde a gente mergulha em luz verde e atenuada, numa luz de podridão, por entre aquela família de fetos que brotam dum tapete orvalhado de musgo. Cheira a terra e a húmido. E a imobilidade em que se desenvolvem estes seres admiráveis e delicados, de folhas em pluma, altos ou minúsculos, miniaturas perfeitas e não excedendo o tamanho de líquenes, faz-me baixar o tom da voz. Melhor: a luz verde e o silêncio glauco onde só penetra um raio de sol que vem de cima e escorre como um fio de aranha a reluzir iluminando um ponto do chão, obrigam-me a suspender os passos para não interromper um conciliábulo que suponho extraordinário. Demoro-me mais no de José do Canto, dum verde cerrado e magnético. Árvores que infundem respeito, com furnas e cavernas nos troncos, árvores cenográficas, cheias de força e amplidão ou transparentes e frágeis como vidro – pedaço dos trópicos transportado por mágica para Ponta Delgada, e que eu, se tivesse tempo, me deitaria a explorar, a modo de floresta virgem. Conservo dos jardins da cidade a impressão dum calor abafado, mornaço, duma sombra fechada, dum silêncio religioso e dum passarinho a cantar... Esta solidão com árvores abandonadas (eu ando sempre na ponta dos pés dentro dos grandes jardins, porque comunica logo comigo uma alma estranha ali encantada e presente) fixou-se-me para o resto da vida. As casas são sempre as mesmas casas, os homens os mesmos homens de toda a parte. Os jardins não. Nem os jardins nem o convento da Esperança, de que também não esqueço mais a torre enorme e maciça, construída para a eternidade, e as janelas tão gradeadas que metem medo. Mais forte, mais pesado que uma prisão, oprime o peito e tira o ar. Esta impressão talvez a sentisse Antero, porque foi aqui, num banco encostado à muralha, que, depois de olhar para todos os lados sem poder fugir, se libertou da vida.

Mas há nesta ilha duas coisas maravilhosas: as Furnas e as Sete Cidades. Quase tenho medo de falar duma paisagem que hoje, mais que nunca, me parece irreal...

1 de Agosto

Sigo por Feteiras, Ribeira da Candelária, Lomba da Cruz, e meto a caminho da Cumieira, ora entra grotilhões subindo a lomba do monte, ora pelas ribanceiras que enquadram as culturas lá do fundo, prolongadas até ao mar – terra dividida, rasgada, gretada de aluviões. Sobre o mar desmaiado, que contrasta com o aveludado escuro da terra, passeiam farrapos delicados de nuvens – sinal de calma.

– Para cima, custa – diz o homem que me acompanha – para baixo, até a cabra manca faz viage...

Mais dois passos e chegamos ao vértice em que se descobrem de repente as Sete Cidades escondidas entre montes. É o ponto mais alto da Cumieira: tenho os lagos a meus pés, e, se me volto, o amplo panorama que abrange grande parte da ilha, mar, céu e costa, luz e irreabilidade.

O mar, em toda a amplidão, forma um plano em ângulo agudo com o plano verde da terra – e parece que vai desabar sobre ela. Na minha frente entreabre-se um abismo que nos atrai para fora da vida, para regiões inesperadas de sonho. A convulsão, a brutalidade e o fogo levantaram até ao céu grandes paredes vulcânicas, dispondo no fundo do caos alguns campinhos meigos e dois lagos, um inteiramente verde, outro inteiramente azul, separados por um fio de terra e quietos, adormecidos, cismáticos. As forças desencadeadas chegaram a este resultado: – um pouco de azul, um pouco de verde, ternura e idílio... Paredes cortadas a pique, carregadas de árvores, que se despenham de cima até abaixo, acabam na água ou em pequenas chás de milho, que a luz das ilhas envolve numa frialdade casta e imóvel...

Um ah de assombro, um sentimento novo, um vago sentimento de surpresa... Pela primeira vez na minha vida não sei descrever o que vejo e o que sinto. Conheço os lagos voluptuosos de Itália e os lagos adormecidos da Escócia: o lago das Sete Cidades não se parece com nenhum que tenha visto. Existe ou sonhei esta água parada, esta grande cova selvática empoadada de roxo, com aquela serenidade a ferros lá no fundo? esta beleza estranha que não nos larga e nos contempla ao mesmo passo que a contemplamos?

O carácter da paisagem é delicado e oculto. Embora a gente veja o campanário e as casas minúsculas no fundo da enorme cratera, duvida, e chega a supor que a vara dum mágico fez parar o tempo, e aquilo se conserva encantado entre montes desmedidos e brutos que o guardam prisioneiro. O tempo passa, os homens passam; só ali tudo está suspenso, na atitude fixa no momento do prodígio. Na solidão mágica não se ouve cantar um pássaro, a água não boia, as flores não boiam. Tudo se mostra na amplidão da cratera aberta para o céu e num grande silêncio estarrecido. Tão pouca tinta! Um quadro feito de emoção; um quadro em que o verde não chega a ser verde, em que o azul é névoa, e um sopro o pó roxo suspenso no ar, puro hálito da paisagem arfando. Três riscos muito leves para fixar o encanto, como se fosse possível, só com sentimento e quase nada de cor, fazer uma obra-prima. Reparo que há efectivamente uns carreiros perdidos por entre os montes para descer lá abaixo. Mas eu não me atrevo! tenho medo de que ao aproximar-me a visão se desvaneça no ar!

Começo a reparar em pormenores: dum lado a lava abriu sulcos na encosta, lavrada de alto abaixo. Sombras de nuvens viajam sobre as águas e entranham-se em poeira verde num lago, e no outro em poeira azul, ao mesmo tempo que o verde das escarpas se derrete pouco e pouco nas águas.. A todos os minutos a luz transforma as muralhas espessas, os contrafortes temerosos, que abrigam e escondem no seu seio com ar trágico – e ao mesmo tempo se revêem nas águas tranquilas – aquelas duas jóias transparentes, uma de cada cor, e ambas tolhidas de pasmo. Um momento tudo gelou, afastado e sonâmbulo, visto através dum vidro, e logo o pó roxo se apodera do verde, as grandes sombras dos vales enegrecem e a paisagem flutua em nevoazinha azul como um fantasma ao passar para outra vida – alma que ascende desaparecendo no ar. Estendo as mãos...

Eu já vi isto, e não foi no lume, onde costumo ver o outro mundo. Um dia de Inverno pegou-se-me nos vidros a geada em arabescos delicados, em teias de aranha fiadas pelas mãos castas da noite, e, no romper da manhã muito pura, aqueceu-a e

doirou-a o sol pálido. Era um nada frágil e inútil, que me encheu de espanto e de sonho; era a mais bela das paisagens e das jóias, reflectida na vidraça, e que logo desapareceu do universo. Desconfio que as Sete Cidades é também a alma duma paisagem. As grandes paisagens que morrem a alguma parte hão-de ir ter... Deus colocou-a aqui, dedicada e virgem, no fundo desta cratera tremenda, entre o fogo e o caos; rodeou-a de solidão e de montes; pôs-lhe à volta, para a defender, o mar. Mas sente-se que tem saudades e tenta quebrar o encanto: envolta em névoa ligeira, sonha, flutua e queda-se um pouco triste: quer ser ainda mais aérea – vai estremecer, desaparecendo no éter...

É por isto que eu lhe sinto não sei o quê de estranho. Pertence à vida espiritual – é um fantasma de paisagem. As tintas são ténues e trespasadas de sentimento, a vida suspenso e extática. Ali deve estar a princesa encantada da lenda, em que tanto ouço falar, escondida no fundo das águas, emergindo nas noites túmidas de lua para tomar posse do seu reino...

O sentimento da realidade só o retomo na volta, a meio caminho, no Areal, ao pé duma fonte cheia de frescura, entre araucárias, criptomérias, plátanos e fetos enormes. É um fio gelado e delicioso que nasce duma pedra escondida entre musgos.

4 de Agosto

A ilha de S. Miguel é toda mais ou menos montanhosa, com algumas grandes entumescências. As regiões oriental e ocidental são as mais altas; Pico da Vara 1:105 metros e 949 na Lagoa do Fogo; 847 metros no Pico das Éguas, etc. O intervalo de Ponta Delgada à Ribeira Grande, que forma o centro, é coberto por cones vulcânicos de pequena altitude. Da Povoação para nordeste toda a terra é revolvida, vales profundos, ravinas admiráveis e situações imprevistas que lembram uma pequena Suíça perdida no mar. Mas em geral pode dizer-se que a parte mais baixa é a beira-oceano, distribuindo-se os montes, de preferência, por o centro.

A terra está bem aproveitada; até os *biscoitos* – restos de lava – produzem lenha. O ananás cultiva-se nas partes fundas, em terrenos abrigados; o chá em terras mais altas e mais húmidas, e o milho em todos os vales.

Percorro as estradas de automóvel para ver alguns aspectos do campo. O homem vive com certo desafogo. Nas igrejas humildes e nas casas térreas o chão é coberto de caruma, para as mulheres se sentarem. A gente entra e fica logo seduzida: cheira a pinheiro, a sol e a monte, e tudo reluz de limpeza. Fora erguem-se os granéis com quatro pernas caiadas de branco, o cafuão – colmado onde seca o milho e que serve de arrumo e muitas vezes de habitação, ou o toldo, aos manchos amarelos, que é a quantidade de espigas que a mão pode abranger –, quadrinho familiar e rústico da pequena lavoura, que Deus abençoou e onde tudo está nos seus sítios desde que a vida é vida. Sente-se que a mulher é feliz: no Norte, trabalha com o homem na cultura do tabaco, colhendo as folhas e empacotando-as; na Bretanha, é lavradora afamada; no Sul, entrega-se de preferência a trabalhos caseiros – fiando a lã e o linho. Já é raro o lavrador que usa a carapuça com a copa que lhe cobria a cabeça e abrigava a testa, e o rebuço caindo-lhe pelos ombros. Só talvez se encontre este costume nos Arrifes, onde os hábitos perduram.

Campo cheio de aves onde até os passarinhos parecem felizes – a estrelinha ou galinha de Nossa Senhora, que se chama na Terceira ferifolha e que tem uma estrela na cabeça para a assinalar, a ave mais pequena de S. Miguel; a atrevida alvéola, que persegue o milhafre e o pica debaixo da asa; o canário da terra, o melro preto, o tonto cinzento. Só um bicho ruim deita o pescoço esguio fora dos muros velhos e espreita – a

doninha, ou comadrinha.

Esta terra abençoada produz tudo; dá nos sítios ricos o café, o amendoim, o ananás, dá o chá, e por toda a parte os frutos do continente. Corri a ver as culturas do chá e do ananás, que desconhecia, e fiquei surpreendido com aqueles pomares aninhos dispostos em renques pelas colinas fora. De quando em quando uma acácia molucana dá a sombra que esta variedade de camélia exige. Pelo meio das moitas bandos de raparigas apanham folhas tenras, deitando-as para um pequeno cesto enfiado no braço. A planta, assim constantemente sacrificada de Maio até Setembro, e que teima em respigar e viver, deita mais rebentos e mais folhas, que se vão colhendo sempre. O melhor chá dos Açores, delicado e aromático, tomei-o na Gorriana, na casa fidalga do senhor Jaime Hintze, toda ao rés-do-chão e caiada de amarelo, entre o bulício alegre da vida rústica, num lar que a bondade de sua esposa santifica. A cultura do ananás fui vê-la à Fajã de Baixo, às grandes estufas envidraçadas da ilustre açoriana D. Alice Moderno. Este fruto delicioso, cujas folhas parecem de zinco, é colhido em verde para o transporte, mas se esperam que amadureça na estufa exala um aroma que faz crescer a água na boca. Com calor persistente e constante humidade, com fumo quando vai deitar flor, obtém-se, do toco negro e mirrado que é a raiz, um enorme e delicioso morango. Pouco me interessam as grandes estufas baixas, onde crescem em fitas regulares, na terra virgem que é preciso mudar muitas vezes, alguns milhares de pés. O que me interessaria era ir, exausto, pela floresta tropical, num dia de calor, e deparar-se-me uma família de ananases maduros...

Os aspectos da terra que vou percorrendo variam sempre diante dos meus olhos. Ora são campos de milho e beterraba, divididos por sebes vivas de canas – sempre os mesmos campos, sempre as mesmas canas em terras baixas de cultura (estrada de Ponta Delgada a Mosteiro); ora colinas, pinheirais e escarpas, a que se sucede o panorama variado da costa.

No caminho das Furnas, ao lado de negrilhos perfilados ou sob a ramada dos plátanos formando dóceis transparentes e vivos com mãos-cheias de ouro, encontro os carros com terra virgem para as estufas. As casinhas caiadas de amarelo, a principio pegadas umas às outras, rareiam à medida que fugimos. Só nos acompanha, sempre lá para o fundo, uma fila de cabeços que parecem empolas. Em todos os quintais, vidros brancos de estufas. Reina o ananás. De quando em quando uma ou outra casa de amplo portão, pátio fidalgo e janelas do século XVIII. A estrada sobe, a estrada desce, e a vegetação é cada vez mais impetuosa e forte. Já ao longe reluz uma brancura – Ribeira Grande. O panorama alarga-se, mas as nuvens começam a forrar o céu e o cheiro da humidade a entrar-me pelas ventas. Todo este ar lavado e amplo se emborralha. O calor amolece. Mais um lanço de estrada que sobe, e tenho diante de mim a rica planície da Ribeira Grande, largo quadro de tons variados, desde o loiro do trigo até ao verde-escuro do milho. Ao fundo, a toda a largura do céu, uma nuvem recortada e imóvel, estendida como um toldo, deixa um feixe de sol iluminar o oceano, enquanto o campo se conserva envolto em claridade esbranquiçada e magnética até à linha cinzenta dos montes. Para o outro lado no horizonte tudo se afunda em nuvens aglomeradas. Eu já vi esta paisagem gorda, farta e plana, com a mesma luz e a mesma terra rica de água e húmus, em qualquer parte que não sei, tudo atabafado em névoa que adormece os ruídos e até a cor atenua... É largo, verde, forte e tem ao mesmo tempo alguma coisa de excitante, como se a aragem corresse em fios de nervos sobre as culturas. A vasta campina eléctrica estremece com a sombra que não tem peso e vai vergando as hastes dos centeios e dos trigos... Mas o automóvel segue e a outra volta brusca da estrada é o mar que se avista entre pinheiros azulados descendo até Santa Iria. Mais alguns

quilómetros e o aspecto muda na Ladeira Velha, trecho da costa recortada e verde ou diluída em névoa, largo panorama de sombras, de tintas atenuadas, de neblinas listadas de verde-dodrado, indistinto até ao roxo vaporoso, até ao verde-escuro lá para a beira da água. Uma série de cabos, de reentrâncias, de pedras, se adivinham sob o céu cinzento atravessado de claridades, forrado de névoas, através das quais se sente latejar o Sol. Vê-se o mar liso e roxo com um monte coberto de pinheiros ao lado. Vê-se o prédio de José do Canto em Porto Formoso, onde se pesca a baleia. S. Brás: mando parar o automóvel para descobrir terra e céu, como do alto da montanha onde o Diabo tentou Jesus.

Há aqui, sobre tudo, um tom que eu quero notar, porque nunca o vi assim em parte alguma: o cinzento graduado até ao infinito, o cinzento destes dias de sol e névoa misturados, que só pertence aos Açores, onde a terra toma todas as *nuances* do cinzento, desde o cinzento-roxo ao cinzento cor de chumbo, com cinzentos-claros mais afastados. Cinzento composto de névoa e sol, que paira sobre a larga paisagem humedecida. Cinzento mais próximo que se pega às árvores e que varia constantemente de cor, desde a cor pérola ao laivo quase doirado, conforme as distâncias, a aragem, as nuvens que correm e se afastam, transformando a todas as horas o quadro e fazendo da planície uma larga cena movimentada onde estão sempre a aparecer novos motivos de decoração.

Não é o mesmo dos outros sítios. É mais rico. Nesta vasta planície cultivada, o cinzento adquire outra vida, outros tons e outra variedade. Às vezes revolve-se em fios trespassados de luz. É quase nada, é um sopro que esmorece e logo aumenta e se derrete sobre a campina, toldando-a e enriquecendo-a. Nunca como aqui o vi tão movimentado e fundido no ambiente, tão cheio de efeitos e assimilando as cores até ao ponto de as afastar um pouco, avivando-as ai mesmo tempo. Delicado e vago, sonhador. Triste, é certo, mas possuindo um encanto esquisito de Primavera que não chega a abrir.

É uma luz que me acaricia, uma série de cinzentos que entram uns nos outros e desmaiam, apanham não sei que claridade e ficam absortos e quietos, ou criam nova vida e recomeçam uma gama de tons que fariam o desespero dum pintor, porque a paisagem a esta luz extraordinária ganha sombras, variedade e frescura que os pincéis não sabem reproduzir... É a última vez que o vejo e dele me despeço para sempre. Devo dizer que já me cansa um pouco e que anseio por outra luz... Começo a ter saudades do velho muro do meu quintal, tostado do sol, onde se criam as sardónicas, os líquenes amarelos e rosados, e até as pedras. amadurecem como as uvas!...

6 de Agosto

Atravesso a Chada das Furnas, região desolada, até se me deparar pela frente o espinhaço disforme da serra do Trigo. Desço as Pedras do Galego e abre-se diante de mim, entre contrafortes temerosos, o esplêndido vale das Furnas. É uma bacia rodeada de montes – o Pico do Bode, a Lagoa Seca, o Pico de Ferro, o Pico do Cavaleiro. No fundo da cratera, casinhas escondidas na verdura e um grande contraste entre os contrafortes cor de lousa e alguns campinhos de milho muito tenro por onde apetece passar a mão, acariciando-os; entre a bacia cheia de árvores e de água, com o vulcão canalizado e reduzido a alguns penachos de fumo, que saem de muros redondos de resguardo, e as grandes serras que ele vomitou e produziu. Agora, está ali só para nos dar alguma inquietação – para a volúpia ser maior... Sobre a crosta que calcamos, e que terá alguns metros de espessura, o inferno, naturalmente, continua: hasta escavar na terra com a ponta da bengala para abrir uma chaminé.

Este calor e esta humidade constantes explicam os jactos impetuosos de verdura

em massas de prodígio. As árvores crescem à nossa vista, O que noutros sítios leva séculos a desenvolver-se, faz-se aqui em alguns anos – mas o que noutros sítios dura séculos, acaba aqui num instante, farto de deitar raízes, de atirar pernadas pelos ares, de se desentranhar em folhas e flores. Todas as árvores pegam de estaca. As fruteiras sobem, produzem camadas de fruto e acabam rapidamente. Calor e humidade. A terra, aquecida pelo sol, abrigada pelas montanhas e regada por veios de água quente subterrânea, que vão desaguar no lago, produz inhames de largas folhas dum verde quase negro, e milho da altura de dois homens. Passo por uma rua: os buxos são do tamanho de árvores; a água cai, faz mover as rodas dos moinhos, rega os campos e embebe as raízes das araucárias, das bananeiras, dos bambus, grossos como troncos. É um recanto de floresta tropical? Não; é um pequeno jardim. Este excesso paga-se de algum modo. A exuberância, quando é assim impetuosa, fica a dois dedos da destruição. O ritmo da vida acelerou-se. E é por isso, talvez, que entre a vegetação extraordinária me persegue a ideia da morte. Ponho-me a cismar que por baixo dos meus pés o vulcão continua a cozinhar a fogo brando não sei que estranho refogado, deitando o excesso de vapor pelas caldeiras, às vezes numa fumaceira que mete medo. Há ocasiões em que aquele inferno se aplaca. Espreito a água a ferver dentro das panelas que se chamam a caldeira Murada, a caldeira de Pêro Botelho, a caldeira do Esguicho, que salpica, e outras mais. São quatro maiores e alguns buracos, que borbulham gases ou cospem jactos de lama. Uma delas, a caldeira de Polme, escarra com ar trágico uma poeira acinzentada que sai lá do fundo em estertores. Mas por toda a parte a água ferve em cachão. O ar está impregnado de gás carbónico e de enxofre. Cheira. As águas frias misturam-se às águas quentes, à flor da terra ou por subterrâneos, vindas à tona pela boca dos poços ou brotando em gorgolejos pelas fontes de todas as qualidades e para todas as doenças – férreas e azedas, geladas ou ferventes, salobras e radioactivas – para o fígado, para os olhos, para o estômago, para o reumatismo, numa prodigalidade e numa mistura que talvez as prejudique...

Eis a origem deste luxo de verdura. O cedro azulado é indígena, a faia é indígena, o ailanto é pouco mais... Todas as outras árvores são importadas e dão-se como na sua própria casa ou melhor ainda. Calor, não sei que atmosfera magnética, um Inverno em que chove sempre, arrastando o húmus das montanhas e misturando-o aos elementos químicos que fertilizam o solo, fazem que dentro deste circo majestoso a vida dos vegetais seja prodigiosa. Alguns parques de maravilha, algumas casinhas caiadas de branco, duas ou três com aspecto fidalgo – e uma falsa tranquilidade, o ar de quem faz isto com espalhafato para nos iludir e atordoar – talvez para nos apanhar desprevenidos... Mas eu, tranquilo, é que não durmo em cima do vulcão... E também não ficava muito tempo ao pé destes seres mudos e enormes, destes colossos que me encham de apreensão. Lembro sempre, e tenho-a diante de mim, aquela floresta de Daudet que acaba por devorar uma vila. Há aqui gigantes diante dos quais a gente hesita e que nos arrastam para o desconhecido. Ponho-me em comunicação com eles e não os entendo. Evidentemente, eu não tenho medo duma árvore quando me habituo à sua companhia. Nem tenho medo de todas as árvores. Mas quando me são desconhecidas, quando tomam estas proporções, quando formam florestas enredadas, quando, à noite, se põem a murmurar umas com as outras – a minha vontade é fugir. Até as formas que as plantas tomam nos jardins não são deste mundo. Ainda há pouco encontrei uma, cheia de flores vermelhas, já minha conhecida de outra vida misteriosa... Deparam-se-me caminhos que me tomam lânguido e cismático, e só dias depois de estar nas Furnas é que me atrevo a entrar nos parques na ponta dos pés – nos parques António Borges, Albano da Ponte, Marquês da Praia, Beatriz do Canto e José do Canto.

Verde, verde parado e imóvel que se reflecte nas águas chocas dos lagos, em

verdes mais sombrios – na água com pústulas e limos – num arripio que as arranca à sua imobilidade hierárquica. São gigantescos negrilhos, carvalhos estendendo por toda a parte os braços musculosos, chorões que se debruçam e mergulham os fios nervosos na quietação do lago, renques de fetos abrindo no ar a cauda de rendas. Um regato passa pelo meio do parque, cortando-o de vozes e murmúrios. Entranho-me nos troncos, ouvindo a areia ranger sob os pés; quedo-me junto da poça cor de ferrugem; meto pelo carreiro que vai abrir numa rua de palmeiras com a flor a meio do tronco em forma de candelabro, e repouso nas sombras fechadas, onde não penetra o sol, ouvindo os pássaros cantar... Tenho diante de mim outro lago serpentino com fios verdes de plantas estendidas à superfície como cabelos. Nesta água que reflecte o azul das hidrângeas, as linhas dos fetos com minúcia, os troncos erguidos em colunas, os efeitos de luz são extraordinários. Bebe todos os tons, reproduz todas as cores... Os podres criam à tona uma película azul, através da qual reluzem jóias, as folhas espelham-se uma a uma no vidro, o céu é representado no meio por um estilhaço imóvel, e lá em baixo o verde-rã decompõe-se a ponto de cheirar. A libelinha fugaz cintila e desaparece, e ao fundo dum caminho coberto de folhas, camada sobre camada, a chapada forte do sol reluz entre o negrume como no fundo dum poço. Tomo a ponte de pedra, ao pé de grandes árvores derrocadas. Ao lado do talude rompem camadas de fetos silvestres e um jacto de fetos arbóreos.

Vou ver a Povoação, e os quadros que se sucedem são diferentes. A estrada sobe em lacetes entre árvores que lançam raízes nos alicerces da serra do Trigo. Plátanos enormes, eucaliptos, acácias. Um vale selvático ao lado, e defronte um monte e um contraforte a pique. Isto tem o ar de floresta, onde só se encontra, de quando em quando, uma serração de madeira, que enche todo o caminho de cheiro a resina. E, à medida que o automóvel segue, redemoinham os fundos e as matas, modificam-se os vales, deslocam-se os montes cheios de verdura, que passam por mim e desaparecem. Nem tenho tempo de ver os frescos novelões que revestem os taludes nem aquela garganta apertada que abre para Os fundos. Mas posso focar um grupo de homens que deita abaixo uma árvore, uma mulher que passa com o taleigo para a fornada, o movimento pitoresco do caminho... Paredões alargam-se e estreitam-se no mesmo instante. Subimos sempre... De repente, por um rasgão descubro o mar azul entre escarpas verdes. Logo a estrada começa a descer e logo reaparecem as culturas, os campos de milho, as eiras doiradas com a palha debulhada. É neste ponto da estrada que se dá de cara com a Povoação – série de lombas paralelas lá em baixo, cada uma com sua fiada de casinhas brancas, a Lomba do Carro, a Lomba do Botão, a Lomba do Pomar, a do Alcaide, etc., em linhas iguais, traçadas à régua, cultivadas e verdes. Por trás, a serra, o Pico da Vara e o Lavaçal. Dum lado, o mar que entra pela terra dentro por um chanfre brutal da costa. O que completa a beleza deste grande panorama de trabalho e de luz é a colaboração do oceano e da serra. Respira-se a amplidão com alegria: o peito enche-se quando se sai dos vales, onde os contrafortes nos esmagam. Aqui do alto vêm-se os bois, as eiras, os grupos em azáfama, os pormenores familiares e rústicos, tudo muito pequenino, em miniatura, como nos quadros flamengos primitivos. Uma família descansa ao pé da porta; mais longe, um lavrador junge os bois ao carro... A impressão é de paz e abundância. Tudo parece que não custou esforço, a cultura retalhada até aos morros e os milharais, viçosos e fartos, que por toda a parte se vêm crescer. A Povoação é o celeiro da ilha.

Regresso às Furnas para ir ao parque de José do Canto. Alguns quilómetros por outra estradinha que corre pelos jardins e chego à vista da grande lagoa das Furnas, verde entre pinheirais verdes que se despenham lá do alto e estacam ao pé de água. Ao

fundo, a capela gótica e a casa de José do Canto; por trás, a grande mata, onde tudo cresce à larga, segundo a sua última vontade. A capela não me interessa. Nunca me interessaram os monumentos funerários. Ao contrário, a falta de humildade e compreensão da natureza e da vida irritam-me sempre. Basta que os mortos mandem o que já mandam nos vivos. Imporem-se-nos até à consumação dos séculos, lá me parece demais... Ainda bem que o parque esmaga tudo – o parque que foi o sonho deste homem que proibiu que lhe tocassem até à terceira geração. Não o podam. Até há pouco, nem a lenha que caía era apanhada do chão. E isto entendo eu. Que sonho para levar para o sepulcro! A Primavera sentia-a ao pé de mim. O Outono sentia-o mesmo reduzido a pó. E a luta da floresta revolvendo-se, crescendo, avançando, sem poder com o peso dos ramos. Não lhes toquem! Somente, eu queria ficar mais perto das raízes...

O que toma aqui importância são as grandes massas, as árvores que bracejam e se agarram umas às outras com desespero, o negrume fechado e o fio que vem de cima, poisa e mancha de oiro a terra. Uma caverna. Um corredor escuro e ao fundo a luminosidade do oiro esbatido. Entra-se num grande subterrâneo onde a luz, através das copas cerradas, mal se coa. Árvores tropicais, árvores de todos os climas e de todos os países, o ficus, o metrosidus, a camélia, e variedades de palmeiras vivem numa meia-sombra lívida. As azáleas são enormes, e há sítios em que o parque é inextricável como uma floresta virgem. Liames entrelaçam-se nos fundos opacos e incógnitos. Cheira à humidade das selvas e o homem sente-se talvez mais afim dos seres pacíficos e verdes que crescem segundo as leis benéficas da natureza, aceitando a vida e não discutindo a vida. É o exemplo que elas me dão e eu não aceito... Meto-me com emoção num vale de fetos por uma ruazinha verde, podre, misteriosa... Há-os de todas as qualidades e feitios. Dou uma volta e subo para lhes ver de alto as folhas delicadas. São plantas femininas, cheias de sensibilidade e nervos. De cima descobrem-se os montões de verdura e os seus vestidos esplêndidos, que mal se analisam à luz graduada por a camada das folhas, o verde-escuro, o verde luminoso, o verde trespassado de sol, o verde que estremece. Mas o verde é demasiado. Só o verde enche o mundo como se o mundo pertencesse aos vegetais. O sentimento é de fadiga e chega a faltar a respiração. Esta majestade impõe-se. A árvore toma uma importância exagerada. Parece que é dela o reino deste mundo e do outro. Eu amo-as – mas aqui exigem de mim uma adoração perpétua. Colaboremos, se queres. Dá-me sombra, troca comigo as tuas impressões, mas deixa-me, por favor, entrever a arquitectura do globo. De quando em quando tenho vontade de abrir um rasgão a machado para dar com o céu. Isto não é um parque ordenado – é uma selva. De repente, encontro-me perdido no bosque junto de árvores tombadas, a cem léguas do mundo, ou numa clareira cheia de sol com pomares aninhos onde as fruteiras bracejam ao acaso. Todo o chio está coberto de maçãs e de limas. É um desbarato. Em volta cheira a fruta que consola.

Suponham a morraça e a Primavera nestes parques. Imaginem as árvores despidas e por baixo as azáleas e os rododendros cheios de flor. Sente-se o impulso, ouve-se o nascer das folhas, o gorgolejo das cores e o ruído precipitado do subterrâneo ascendendo para a luz. Mas a verdadeira Primavera, aqui, é o Outono, em que cada árvore parece uma flor gigantesca e as Furnas tomam cores de outro mundo quimérico. Amo os Outonos desfalecidos, os chuveiros peneirados, quando as folhas se desprendem uma a uma. É um fim de vida leve e cheio de saudade que acaba devagarinho... Estes Outonos são diferentes – são apoteoses, são deslumbramentos; outra força que não aceita a morte e se agarra com desespero à vida. Exalta-se numa agonia que não acaba. Assim como a vida foi um prodígio de fecundidade, nos últimos dias todas as árvores reclamam, todas as árvores protestam... Alguns destes gigantes erguem-se no ar todos vermelhos, e os plátanos em tochas de oiro fundidas. Há-os que

se destacam ensanguentados da grande massa do fundo; há-os que se despem pouco e pouco, cor de ferrugem, morrendo, decompondo-se aos gritos. Vêm-se bronzes extraordinários e oiro – rosa – carmim – enquanto outros ainda resistem quase verdes e no paroxismo da morte. Cores mais passadas – amarelos ao mesmo tempo, esverdeados e doirados, *nuanças* impossíveis de corrosivos e ácido. E com isto uma melancolia amortecida e um cheiro a cemitério que fermenta. O chão é um rico tapete que se calca com receio. O Outono, feérico, é talvez a mais bela estação das Furnas, falsa e iludindo os sentidos, intoxicada e ao mesmo tempo maravilhosa. É uma doença metálica. Antes da morte, todas as árvores, como todas as mulheres, teimam em resistir e carregam a epiderme, já pronta para o sepulcro, de sais de cobre, de sais opulentos e variados – sem poderem esconder a hora terrível do desespero e da velhice.

Já gosto de ver escurecer entre estas manchas de verdura, onde a custo se distinguem ainda, por entre as folhas, algumas nesgas de claridade. Olho para os montes cada vez mais temerosos e mais negros. Olho para o alto e o alto parece um crivo por onde passa a última luz enquanto no fundo a Sombra se aconchega para passar a noite. Começa a ouvir-se falar mais alto a água. À medida que as montanhas cresceram, a povoação tornou-se mais pequenina, acabando por desaparecer. As caldeiras vomitam penachos de fumo. Na cerração em que as massas redobram de proporções e de negrume, cada vez mais indistintas e escuras, apenas uma ou outra estrelinha consegue luzir, atravessar as folhas e chegar até nós. Só uma coisa enche o mundo e fala cada vez mais alto: o ruído das águas, a voz das fontes desabando em jorro, a voz das fontes pequenas caindo em fio, todas as vozes juntas, mas que eu distingo uma a uma, desde a voz do regato que se quebra nos seixos, desde a queda no açude, até ao referver da água em cachão, e que formam uma toada que refresca e encanta a noite solitária nas Furnas.

O ATLÂNTICO AÇORIANO

Este oceano tem uma fisionomia concentrada e séria. Sai-se de manhã com o mar chão, regressa-se à tarde com o mar revolto e escuro. Quando menos se espera, levanta-se ventania, e de quinze de Agosto em diante pode aparecer o ciclone. O canal do Faial para o Corvo é perigoso e o do Corvo para as Flores está quase sempre de má catadura. Vão lá, às vezes, pequenas embarcações, iates e escunas, mas já têm desaparecido, sem mais se saber dos barcos nem dos homens. O canal entre o Pico e S. Jorge é mais profundo e por isso mesmo mais calmo. Há por aqui crateras escondidas sob as águas, e a lava vem de quando em quando à superfície, se não é uma ilha inteira que aparece e desaparece logo. Ao carácter destas águas, sujeitas a cóleras súbitas, junta-se o da terra, que treme quase todos os dias (Faial), pondo os corações em sobressalto, o da fantasmagoria, produzida pelas costas vulcânicas, pela luz que hesita, pára, transforma-se, desvendando um píncaro, rochas dramáticas e terras que não existem e são o efeito mágico da própria claridade envolta em neblina. Graça, delicadeza, rosados entranham-se no mar cinzento e que por isso mesmo se afigura maior: nuvens ascendem como fumo das crateras; juntam-se os cúmulos, por onde passam raios bíblicos de sol; luz molhada, luz coada por farrapos, por névoas que se criam inesperadamente produzindo efeitos singulares... Mas uma suspeita paira sempre no nosso espírito... Às vezes, com o mar calmo e céu limpo, ali num pedaço de água entre os ilhéus da Madalena e o Pico, começa a crescer a vaga sem razão aparente. O canal em volta está liso como um espelho. Atendam... Céu azul, mar chão – e tempestade certa, muitas vezes longínqua, que vem repercutir-se, não se sabe porquê, naquele ponto da ilha. A ventania irrompe dum cabo quando menos se espera, e arrebatada as velas, apanhando a pequena embarcação e atirando-a – já tem sucedido – até às costas do Algarve.

Seis meses de Inverno, seis meses de mau tempo, dizem os marítimos deste oceano misterioso que talvez esconda a Atlântida. Nos Açores, a Primavera não existe, por causa dos icebergues, que vêm muitas vezes até distâncias relativamente curtas das Flores. Ao mesmo tempo, o Gulf Stream aquece e modifica a temperatura, exercendo uma grande influência na atmosfera e nas águas: aconteceu-me meter a mão no mar e achá-lo tépido como sangue. Aqui só há uma estação admirável – Junho, Julho e Agosto. Nos outros meses, os montes estão quase sempre envoltos nos seus capelos de névoa. O capelo do Pico, barrete muito bem feito de nuvens esbranquiçadas, que ele coloca de quando em quando na cabeça, é barómetro infalível – chuva no Verão ou mau tempo no Inverno. E se a nuvem da Prainha se estende ao sul da montanha, com o capelo lá em cima, é certo grande temporal. As costas são aqui e ali cortadas a pique por um machado fantástico. Quem olha, sonha nas tremendas manifestações que deram nascimento às cavidades, às sombras, a negrumes e a muralhas de trezentos a quatrocentos metros de altura – lavas traquíticas ou basálticas, tufos, ponces, escórias. A rocha calcinada mostra-nos que passou por ali a labareda.

O Atlântico açoriano, na expressão de Reclus, atinge profundidades de quatro mil metros. Do Pico a S. Jorge, dezassete quilómetros, as sondas têm acusado mil e trezentos metros. Quando este mar embravece, vagalhões como montanhas despedaçam-se com fúria nas falésias maciças, ecoam nas grutas e ribombam com um estrondo que apavora. No Corvo atingem a povoação e o cemitério, que está a dezenas de metros acima do nível das águas, e vão acordar os mortos. A pequena ilha estremece, abalada nos seus fundamentos. Do alto, os homens, transidos, vêem Os navios afundarem-se na espuma sem lhes poderem valer. Ainda não há três anos que dois vapores desapareceram no abismo, pedindo inutilmente socorro: a telegrafia sem fios

não funcionava – e não funciona ainda.

«Um turbilhão mais ou menos circular – segundo o príncipe de Mônaco –, e que se forma no novo hemisfério, sobe o Atlântico na região do Equador, marcha para o noroeste, varre ou costeia as Antilhas e o Sul dos Estados Unidos, obliqua até ao nordeste, desabando no espaço que separa a Terra Nova da Inglaterra.» Os grandes ciclones vêm, efectivamente, da América, mas nos Açores, que estão quase no centro das curvas traçadas pelas deslocações das perturbações atmosféricas nascidas no Atlântico, também se geram, diz Mascart, essas enormes tempestades com velocidades que variam de cinco milhas a vinte e duas milhas por hora.

Giram as ventanias desencadeadas, movendo-se sempre, da direita para a esquerda, à volta do eixo central, único ponto sem vento mas onde vagas enormes, vindas de todas as direcções, se entrecrocavam, erguendo-se até ao céu. A embarcação corre no fundo do vale vitroso, cavado entre montanhas, quando não mete a proa no estrepitoso desabar da espuma.

Essa coisa monstruosa revela uma vida própria, uma inteligência, uma astúcia como se nela pairasse o espírito do mal. Enorme e desgrenhada, persegue com intenção o barco por entre clamores desesperados e apupos, atirando-lhe farrapos negros por todos os lados. De quando em quando um grito, um grito mais alto de ser vivo e desconforme, ou um choque que abala todo o navio. Os homens olham fascinados o monstro imenso e negro, vivo e negro, e esperam. Esperam a vida ou a morte. Esperam-na no segundo que decorre; esperam-na na pausa da catástrofe – e outra vez o ciclone se enovela à volta daquelas tábuas e desencadeia todas as fúrias que traz consigo e as atira todas juntas e a rebramir ao mesmo tempo, a rasgar-se de cólera ao mesmo tempo, enquanto as ondas, em choques sucessivos, arremetem. Angústia, pavor – e o monstro sempre à volta, sempre à volta, procurando levá-los para um ponto que é o abismo. Fugir só pela tangente – fugir ou morrer, enquanto o clamor das ondas, que sobem até ao ar para caírem entre espumas refervendo, aumenta e ameaça meter no fundo aquela caranguejola que se atreve a lutar e a vencer. Espasmos de raiva impotente para se seguir outro assalto formidável.

Às vezes, a catástrofe assume extraordinário esplendor; outras, paira no céu o terror baço e suspenso. As velas não resistem e despedaçam-se, e tudo parece acabar no mundo. A noite é o inferno, a noite é trágica. Já o céu, atormentado, se fixa em abóbada de cobre e as vagas ascendem cada vez maiores e mais negras. Noite. Noite cheia de montanhas fosforescentes, de onde saem gritos que invectivam o navio e jactos de espuma que o encham de cuspo. Como não há duas tempestades que se pareçam – cada ciclone tem a sua personalidade – outras vezes os marinheiros distinguem, movendo-se até ao horizonte no circo de lava, bocas abertas mostrando os dentes, ou na luz magnética e nas voltas que se aproximam e ameaçam subvertê-los, figuras trágicas e braços estendidos que tentam agarrar os homens amarrados aos mastros. São talvez cetáceos atraídos do fundo do mar; são talvez náufragos que apelam para os vivos...

E nesse momento o que pensam os marinheiros? – O que pensam!? Obedecem, se podem, ao comando, ou olham, num estupor, o negrume absoluto e total desencadeado, olham-no como a morte, ligados aos mastros, sem uma ideia no crânio diante da catástrofe que redemoinha e grita. O que se passa não sei descrevê-lo. É muita coisa ao mesmo tempo – e principalmente a voz, o ecoar multiplicado que tenho nos ouvidos e chega a não se ouvir. É a impressão de nos sentirmos ser menos que nada nas entranhas do monstro enovelado, do monstro vivo que se põe a gritar de dor no meio do oceano e que segue a sua rota rasgando-se e dilacerando-se. E pouco mais. A incoerência... Durante dois dias vivi fincado a uma tábua, molhado da cabeça aos pés, e sem poder tirar os olhos daquele inferno. Há-os que fazem gestos maquinais, há-os que perdem a

noção da existência e não pensam nem vêem: só ouvem a voz tremenda, a voz que sai do fundo espesso, a voz do vento e das massas de água negra desabando, e que nunca mais se calam. Sempre! sempre! Não como uma sucessão de clamores – mas só clamor ecoando no Atlântico e no mundo. As águas varrem o navio. Há ainda alguém que se aguenta ao leme – empedrado e impondo a sua vontade ao caos?... Eu só via – via sempre diante de mim as formas do negrume – farrapos voando, agitação, coisas desconexas avançando e recuando, pastas mais escuras entranhando-se umas nas outras, vagas sobre vagas fantásticas, esvurmadas pela cólera, arremessando e envolvendo-se em escorrências azuladas, e jactos de fósforo nas cristas... E mais nada, perdida a noção do dia e da noite naquele mundo fantástico. Também os há, embora isto pareça inexplicável, que dormem de pé, sonâmbulos, que dormem com os olhos abertos e vítreos, e inteiriçados como se já estivessem mortos. Eu só retive a sensação do negrume que parecia sofrer tanto como eu e que desatava aos gritos de aflição de entre a treva condensada, cuspidos-nos dor e negrume – sempre em corrúpio, e lavando-nos, já transfigurados e sem corpos, para o eterno movimento universal – redemoinhando sempre, redemoinhando por toda a eternidade... Nunca pude reproduzir isto em palavras ordenadas. Sentia-me outro homem noutra universidade, chegando a perder o medo da morte para me concentrar na visão daquele mundo novo – sempre a rodar num clamor, na espiral que chega ao céu e ao fundo do abismo, sempre a clamar o sofrimento das coisas mudas, que nunca se queixaram, e encontram enfim voz para gritar. E o que nos salva é o clamor, e o monstro ter voz, gritando sempre e berrando sempre. Imagine-se o redemoinho mudo a girar, desmedido e negro, impalpável como um fantasma!

Esta coisa obstina-se em uivos pelo mar fora, procurando em vão um pensamento e uma alma. Ao mesmo tempo que corre quase lentamente, gira sobre si mesma, desvairada, em velocidades extraordinárias, aspirando pela chaminé, que tem às vezes centenas de quilómetros de diâmetro, o vento e as vagas, e atirando com elas para o céu. Produto de que acaso? de que correntes atmosféricas? Produto, diz Rovel – e eu creio-o – de radiações dos astros sobre a Terra, dum espírito maléfico que segue trajectórias que é possível desenhar de antemão com minúcia, vociferando no mar a sua dor e caindo sobre a Terra com um tremendo poder de destruição.

O que está lá em baixo, nas grandes profundidades deste mar estranho – do mar dos ciclones, onde se geram também as levadias e talvez a *houle*, vagalhão misterioso que vai caminhando e crescendo até desabar de repente num dia sereno e de sol nas costas de Marrocos? «Se dermos crédito à geologia, é incontestável que nesse ponto do Atlântico, três milhões de séculos antes da aparição do homem histórico, se estendiam vastas terras continentais, formando ponte entre a Europa e a América do Norte, entre a África e a América do Sul, e que desapareceram sob as águas do Atlântico.» A Atlântida devia englobar uma parte do mar das Antilhas, o mar dos Sargaços, os arquipélagos da Madeira, dos Açores e Cabo Verde. Segundo as indicações do sábio naturalista Luís Germain, baseadas no estudo da fauna fóssil e viva, estas terras, com as Canárias, faziam parte da Atlântida de Platão. Daí partiu há doze mil anos a civilização que colonizou as ilhas do Atlântico e parte da América, o México. Cataclismos espantosos, erupções vulcânicas formidáveis, grandes tremores de terra, ocasionam a subida do mar, que engoliu tudo e sumiu tudo no fundo – deixando onde e onde alguns píncaros isolados.

O que está hoje ao certo lá em baixo não é uma civilização morta, é uma maravilha viva. Sabemo-lo pelos estudos organizados por Edmond Perrier, pelo príncipe de Mónaco e pelos seus colaboradores Richard e Joubin, «que nos revelaram a existência de seres que alumiam a noite dos fundos com os seus maravilhosos aparelhos fotogénios. A quatro mil e a cinco mil metros encontram-se verdadeiras florestas ani-

mais – umbelulárias, górgones, que, sob excitações variadas, emitem fogos violetas, azuis, vermelho-laranja». Uma górgone, na ponte do navio, deitou uma luz tão viva que se podia ler a seis metros de distância. Estrelas do mar luminosas, peixes fantásticos, polvos, cujos aparelhos de iluminação atingem uma perfeição extraordinária, dispendo de lentilhas e reflectores e mudando de cor à vontade do animal para emitirem irradiações. Esta *luz fria* é um fenómeno de química e luminescência. Melhor ainda, e mais extraordinário: o príncipe de Mónaco descobriu no mar dos Açores verdadeiros fantasmas que só revelam a sua presença pelo deslocamento das águas. Possuem os órgãos e sistemas necessários à vida e não deixam traço da sua passagem. É à noite que o mar se me afigura mais extraordinário. Ascendem dos fundos os crustáceos, cobertos de armaduras transparentes, e os gelatinosos, que vogam ao lume de água devorando e devorando-se. Pelas largas avenidas do oceano bóiam monstros com crânio humano e cabelos que são tentáculos, e através de cemitérios de lama arrastam-se seres fosforescentes e polvos com ventosas de tal forma aderentes que é mais fácil cortar-lhes os braços do que arrancá-las. Alguns criam nas ventosas lâminas e anzóis que prendem e rasgam ou envolvem a presa metendo-a num saco. Vem-lhe o ódio, a carniça, o desespero à pele e às vezes na geração entrelam-se em estertores, ventosa a ventosa, como se fosse preciso sofrer para criar.

Que tenho eu com esta vida que me perturba e fascina?... É sobretudo o olhar dos monstros –olhos azuis, olhos verdes, olhos dum fogo extraordinário, inteligentes e dominadores –que me paralisa. Há-os de seis metros de comprimento. Alguns chegam a sair da água e a arrastar-se nas costas à procura da presa. Se não fossem as baleias, ventres insaciáveis e fomes nunca satisfeitas de carnes gelatinosas, conterem-nos nos seus limites, devorariam o mar e talvez se atrevessem com a terra...

Mais baixo, mais fundo, a vasa sem relevo, a vasa donde emergem esqueletos de navios naufragados, máquinas enlizadas no pó cor de cimento, formado de todos os destroços e que cobre as grandes profundidades que se supunham mortas. É aí que se gera a vida. O mar é a vida – mas o mar é também a imagem da realidade ou do Inferno, que é tudo a mesma coisa. Mais alto nadam peixes de formas monstruosas e desencadeiam-se forças brutas. Vislumbram-se bocas desdentadas, enormes, redondas, feitas para sugar, e ventres enormes que precisam encher-se. Todas as formas e todos os feitios: a jamanta, avejão negro e voraz, estendida como um manto, o raião ou tremelga, que fulmina quem lhe toca, a esguia tintureira, o albarfar, o extravagante peixe-lua, com duas barbatanas verticais, uma para cima e outra para baixo, a toninha, com um grande bico aguçado, o peixe soprador, que no Algarve se chama tamboril, o aguilhão, com a espada sempre desembainhada na boca, o insaciável tubarão, com o peixe agarrador, seu comensal, fincado no queixo por uma ventosa, o peixe-porco, que incha quando o tiram da água e que se esvazia para mergulhar, as mantas formidáveis de pequenos peixes, do charro que nas manhãs puras borbulha e ferve à tona da água. Todos os pescadores nos falam dos peixes, contando coisas extraordinárias, sobretudo do merraxo, melraxo e rinquim, como chamam no Faial e no Pico ao tubarão. Um homem tisonado e seco, primo dos Chatinhas, conta:

– Meu irmão Manuel foi num barco, e eu noutra, para a pesca. Manuel caminhou para diante para fazer peixe para a canastra e deu com um rilheiro de chicharos. Foi para lhe meter o enxalavar, mas eram tantos os tubarões que o puxou para fora, para não ficar sem ele. Viu à volta todas aquelas bocas abertas e quis fugir, mas os merraxos pegaram à verdascada ao barco, que lhe botaram um pedaço de quilha fora. Viu-se perdido – cada vez as bocas eram mais e mais sôfregas avançando para a borda. Bem os espetava com um pau para se ver livre deles para fora. Era aquele mar cheio de merraxos... Manuel içou bandeira a pedir socorro...

– Onde foi isso?

– Fora do pesqueiro Norte, na costa do Salão. Sempre que há muito chicharro ou muito sangue de baleia, os merraxos acodem logo ao engodo. Então...

Então descreve uma cena que eu não sei reproduzir, toda bocas vorazes e peles escorregadias, atropelando-se no mar, saindo do mar, imagem viva da voracidade e do Inferno. Peles e bocas, peles em delírio, deslocando-se, escorregando, afundando-se e ascendendo enrodilhadas umas nas outras e na água remexida, na água só bocas e olhares tremendos de voracidade e de cólera.

– Cheguei ao pé dele e perguntei-lhe pelo charro e ele respondeu-me que o que queria era ver-se livre dos tubarões que andavam sobre o rilheiro. Reparei e vi tanta cabeça que não me atrevi a meter o enxalavar. Era medonho o que se passava na água. Ao cimo não se via senão um levante de peles e de bocas. Veio um grande albafar e botou a boca ao merraxo, levando-o atravessado nos dentes. Veio uma albacória e deu tamanha trombada na canoa que Manuel caiu na caverna e andou dias sem poder trabalhar... Vimo-nos ali todos perdidos e o levante foi tão grande que as canoas de S. Jorge e do Faial chegaram a arrear, pensando que era baleia... Senhor, quando um ou dois bichos daqueles se metem debaixo da embarcação, estragam tudo!

Raias e tremelgas, dum tamanho desmedido, também investem com os barcos, e se um homem cai ao mar, envolvem-no no manto viscoso e arrastam-no para o fundo. O Desembate conta que, pescando numa chata com a poita no fundo, qualquer peixe se lhe enrodilhou na corda e arrastou o barco que nem um vapor a toda a velocidade. Ia morrendo... Outro, apanhou-o um albafar que pesava de seis a sete toneladas: só o fígado deu dois barris de azeite. É peixe de grandes profundidades, que às vezes atinge dez toneladas e de que os pescadores distinguem duas qualidades – albafar manso e albafar bravo. Outros têm surpreendido a luta do aguilhão com o tubarão. O aguilhão, peixe comprido, azul-claro, com a cabeça esguia, ataca o monstro, que se deita de lado, vigiando-o, e, quando o sente perto, corta-lhe a cauda, vencendo sempre.

– Estavam guerreando quando nós arpoámos o aguilhão. Pois o merraxo atirou-se ao barco como uma fera...

Se há uma imagem viva do Inferno, é o mar, onde os peixes se devoram, numa luta sem tréguas – os pequenos e os grandes, os monstros, que esperam a presa sem bulir, com olhos esbranquiçados e fixos, e os que, para comer, são açoutados, dilacerados, rasgados pelos tentáculos e pelos sugadouros das vítimas. Há peixes devorados por parasitas, há-os que se introduzem dentro de outro e não o largam sem o devorarem inteiramente, deixando-lhes apenas a pele. Todas as fantasias e todos os dramas de pavor são possíveis no mar, chegando a admitir-se hoje a possibilidade da serpente que devorava navios.

Por cima disto, o céu azul e a planície azul, que não deixam pensar na tragédia de que nos separam meia dúzia de tábuas. Saltam as toninhas aos bandos e os peixes-voadores, que fogem ao inimigo que os persegue, bóiam à superfície grandes tartarugas escuras e às vezes vêem-se ao longe, como num quadro primitivo, os esguichos da baleia e encontra-se um bicho singular que segue toda a vida uma tábua que caiu ao mar, como quem cumpre um destino. Nunca mais a larga. É o peixe-lua, acompanhado dum bando de pequenos peixes, que, quando tiram do mar a tábua e o seu guia, preferem todos deixar-se agarrar e morrer a abandoná-lo. A tábua era o destino para eles. Acaba-se-lhes o destino naquele infinito amargo... Quando os baleeiros das Lajes do Pico descobrem no mar os botos ou moleiros, maiores que toninhas, de cabeça romba e corpo acinzentado, oferecem-se uma mortandade e uma tourada.

Descem O Atlântico e entram pelo Mediterrâneo em bandos de centenas e milhares, sempre unidos como irmãos e uns atrás dos outros. Onde um mete o focinho,

todos metem o focinho, se um dá à costa, todos dão à costa e morrem.

Aquela água que gira em lâminas e torrentes de vidro azul, de azul-verde, de verde profundo, redemoinhando umas sobre as outras, aquela água é talvez um corpo com uma vida que não compreendemos, e que os sustenta e ampara no seio materno. Água vital e magnética, que os conduz e os leva no rodilhão do azul e sem lhe sentirem o peso. O ar sustenta-nos, mas o ar não nos ergue, não tem a variedade, a ternura do oceano, que é outra mãe, menos delicada mas mais forte e mais fecunda.

– Aí estão os botos!

Toda a população, excitada, acode à praia. Atiram-se para dentro dos barcos num alarido ou apanham pedras e atam-nas a cordas para chapinharem na água e atemorizarem o boto, que é muito tímido. Os do mar, nos barcos, cercam-nos pouco e pouco, assobiando-lhes, e pouco e pouco os empurram para a costa, até os poderem fechar em roda com grandes redes que largam entre os ilhéus da Carreira e Palmeirim. Então, ecoa o grito da chacina. O mulhério de terra, a gente dos barcos, atira pedras sobre o bando, que já não pode fugir e se desorienta, remexendo-se no espaço restrito, descobrindo o lombo e as barbatanas dorsais ou batendo em sacões com os rabos na água. Aumentam os assobios – a gritaria aumenta. Juntam-se os barcos grandes e pequenos. Aperta-se o cerco – vai começar a matança... Mulheres, homens, rapazes, agitam arpões e chuços, lanças e bicheiros. Ah!... Os botos atiram-se, inquietos, pelas pedras, depois de tentarem safar-se para o mar. Já correm ao lume de água laivos gordos de sangue, entre peles e caudas agitadas na poça revolvida.

A volta, a excitação cresce e os risos, os gritos que saem das bocas abertas – o alarido, as palmas da gente que se mete na água para melhor matar. Um grupo lança cordas e puxa os bichos para si. Rapazes esperam nos penedos com facas na mão. Gemem os botos arrastados pela costa – gemem como homens na agonia. A água é um charco de sangue entre rochas decorativas. Redemoinhos de cores e gestos, gritos alucinados de fúria e de prazer, últimos estertores na água cada vez mais sangrenta.

Um ou outro que pode escapar nem tenta safar-se – volta, para que o acabem ali ao pé dos mortos. O delírio sanguinário atingiu o auge. A festa acabou em variadas peripécias de movimento – o divertimento acabou. Aquela mortandade foi inútil. Quando muito, se usa às vezes o óleo destes bichos derretidos para alimentar a candeia.

Nos recantos, nos buracos, nas cavidades e nas grutas fervilha a vida. A gruta dos Enxaréus (Flores) abre para o mar a grande boca negra. Pedra, abóbada escura, estriada de branco com relevos bordados a preto. Pesa-lhe em cima uma montanha; em baixo, na água dum azul carregado, nadam milhares de enxaréus. Naquele refúgio encontram-se às vezes mais peixes que água, tornando-a quase compacta. Na caverna de pedraria trágica, que parece a entrada do Inferno de Dante, repercute-se o eco das vozes num tom que põe medo. No Boquedrão, da mesma ilha – pedra cinzenta corroída e esverdeada na base –, a água encharca e no fundo lívido vêem-se os peixes em aquário, sombras que reluzem e desaparecem entre algas doiradas flutuando no vaivém das ondas. São aos milhares os pequenos peixes cor de velho cobre, a gudião, a castanha e o rocaz, todo vermelho, o burro e outros maiores e com os ventres mais claros. Ao pé dos penedos atormentados, o azul parece tinta de escrever. Passo horas estendido na rocha a olhar para a água cristalina, donde emergem pedaços de barro vermelho que reflectem os movimentos do azul. Encontram-se noutras rochas, na Caveira, por exemplo, as cracas, pedras com musgo (dentro está o marisco), calhaus informes com um verme que sabe delicadamente a mar. Há, no Corvo, *mouras*, caranguejos pretos da cor da rocha preta, e aos pés dos restos de estátua informe e mutilada que aponta a América, tubarões, às centenas, enovelando-se e mostrando o ventre esbranquiçado. Quem vai de barco, vê no fundo um galeão com os cobres reluzindo e fantasmas que passam e repassam, ao

mesmo tempo que as vagas se sucedem no alto.

Em mil sítios do Pico a água entra e fica parada. Fora, o rumor das ondas que nos deixa sonâmbulos. Ninguém: só água nos charcos, e tão transparente que se distingue perfeitamente o fundo, leve e translúcida como ar, e lá em baixo mantas de pequenos peixes, espinhosos e com bicos, e outros que parecem aves aos bandos. No banco da Princesa Alice, que fica a trinta milhas do Varadouro, e que tem a profundidade de vinte braças, pequena se a compararmos às grandes profundidades do mar dos Açores, a abrótia, o congro, e todos os peixes que não habitam os grandes fundos, são em quantidades extraordinárias.

Apetece fazer do barco uma habitação, correr os portos e as angras, viver em contacto permanente com esta vida inesgotável e fecunda. Procurar um chanfro para lançar a âncora, ir a terra só para a aguada. E nunca mais! nunca mais parar! Viver! viver ao ar livre, deitar ferro ao abrigo duma rocha que sai da água toda vermelha – dum vermelho que tremeluz na água azul – ou descobrir no portozinho com meia dúzia de casas uma taberna que tem o segredo da caldeirada de peixes ou da preparação das saborosas cracas, que cheiram a mar e sabem a mar! Dormir, quando o mar desfalece e as velas caem, sob o chuveiro de estrelas picando a água e embalado como no regaço materno!

Nasce o Sol. No alto, a delicadeza, a beleza, a alegria das azes, das gaivotas, a que os rapazes das Flores chamam pessarocas, atirando-lhes pedras quando elas grasnam – eh! eh!...

*Passaroca louca,
O teu pai morreu,
Tua avó chorou!...*

Os cagarros toda a noite palram e levam o dia pousados no mar, em bandos enormes, sobre o cardume do chicharro. O delicado garajau cinzento e branco com a cabeça preta, que vem na Primavera e emigra para a África em Outubro e Novembro, e a gaivinha, que gosta da tormenta e aparece de Inverno, enchem o azul de revoadas e a vida de encanto. Nos penedos da Madalena é que é ver criar, voar, viver o delicado garajau. São duas grandes rochas vermelhas no meio do mar – o ilhéu deitado e o ilhéu de pé. Têm ali os ninhos e levantam voos extraordinários, enchendo tudo de penas. Esta ave frágil, depois de criar os filhos, sentindo o Inverno próximo, mas ainda com bom tempo, reúne-se em bandos que vêm dos penedos e das outras ilhas, e todas juntas levantam voo, procurando melhores climas. Se fica alguma, morre. Mas há, entre todas estas variedades, uma avezinha que me interessou e seduziu. Debruçado sobre a popa do vapor, vi-as, pouco maiores que andorinhas, todas pretas e com uma pinta branca ao pé do rabo, passar e repassar em bando pela água remexida da hélice, pela água esbranquiçada de sabão, mergulharem, levantarem, voltarem ao redemoinho. E isto sempre, sempre, a poder de asas e no alto mar, muito longe da terra. São as pardelas, que nunca deixam de acompanhar a hélice, procurando o alimento na água revolvida e acompanhando o vapor pelos sítios mais arredados do oceano Atlântico. Os marinheiros, que nunca as vêem pousadas, e quando olham as encontram sempre voando na esteira do barco, dizem que fazem o ninho debaixo da asa. Este frenesi, este bater de asas, esta fragilidade incansável na solidão tremenda do oceano, deram-me uma impressão de vida e de frescura extraordinária, como se eu visse estes bichos, nados e criados no mar, saírem das suas entranhas.

VISÃO DA MADEIRA

13 de Agosto

Nunca mais me esqueceu a manhã virginal da Madeira, e as cores que iam do cinzento ao doirado, do doirado ao azul-indigo – nem a montanha entreaberta saindo do mar diante de mim, a escorrer azul e verde...

Levanto-me a bordo, à procura da luz – de outra luz em que fui nascido e criado e de que começo a sentir cada vez mais a falta. Anseio por a tornar a ver, a luz sem nuvens, a luz doirada, a luz pura e viva. Mas o dia está ainda nublado: as mesmas nuvens, talvez mais leves, em pequenos toques delicados de pincel, e no mar pálido bóiam riscos esbranquiçados. Quatro da tarde: – suponho que vejo lá para o fundo, sobre as ondulações da vaga, uma faixa de outro azul – do azul que se respira. Como despedida, caem ligeiros chuviscos. Para os Açores continuam a amontoar-se nuvens mais escuras: – correm todas, atraídas para as ilhas, como quem tem um destino a cumprir...

Ao fim da tarde começa a erguer-se diante de mim uma coisa azulada e indistinta com uma grande nuvem cinzenta acachapada em cima. O sol que bate nos altos ilumina o cone dum monte e esguicha de entre as névoas sobre a extremidade dum morro quase negro. Já se distinguem as nodosidades disformes da terra e paredões, envoltos em fumaça que entra em rolos pelas fendas abertas da pedra; destacam-se, com majestade, do horizonte plúmbeo. Acentua-se a dureza, as chapadas, as ravinas, os cortes perpendiculares e cor de ferro, adivinha-se o drama que deve ter sido este parto, cheio de convulsões e de desmoronamentos, quando o grande cataclismo dilacerou e desmembrou o continente submerso, deixando patentes, neste resto, feridas que ainda hoje sangram. E nos bocados de cisco, que por acaso caíram e alastraram à beira-mar, agarraram-se meia dúzia de casinhas que têm por pano de fundo a massa espessa erguida logo pelo lado de trás. Seis horas: – tudo avança e se impõe em roxo, com riscos verdes de culturas e cumes doirados de montanhas; para o norte fixou-se uma aglomeração de pastas solenes que escondem a terra.

E a costa caminha, direito a mim, cada vez mais violenta e mais negra. Mete medo. Mal se distinguem as florestas nos altos enevoados, e os vales profundos por onde a água no Inverno deve cair em torrentes. O navio segue encostado à falésia, que deste lado da ilha não tem fundo, mostrando-nos a Madeira cortada por um machado que a abriu de lés a lés, atirando com a outra parte para o fundo do mar. É um bronze severo e trágico, que contrasta com a entrada do Funchal e a outra costa da ilha. Vou olhando para as povoações – Jardim do Mar, Paul do Mar, agarradas às muralhas, onde só distingo escorrências de zinavre. Só o homem! só o homem é que se atreve a cultivar socialcos abertos a fogo na perpendicularidade da falésia! (Vamos tão perto de terra que ouço os galos cantar.) Madalena do Mar, esmagada entre dois morros, que se reflectem em negro no veludo da água, Ponta do Sol e Cabo Girão, que a noite torna mais espesso e maior... Todo este panorama, na cinza do crepúsculo, recortado em negro num céu cor de chumbo, transformado pelas nuvens que baixam ainda mais, e desdobrando-se em sucessivos recortes sobre a tinta parada das águas, assume proporções extraordinárias. Já mal distingo a terra até à ponta desmedida da Cruz, por trás da qual nos espera o porto de abrigo. A cada momento que passa, mais alto e mais escuro se me afigura o paredão que nos intercepta o mundo. Só há uma vaga claridade para o lado do mar; o resto é negrume alcantilado e monstruoso colaborando com a espessura da névoa e o

indistinto da noite. Uma luzinha se acende na imensa solidão e na mancha cada vez mais opaca. É o homem, subvertido, duas vezes isolado entre a montanha e o mar. É uma alma. E essa pequenina luz humilde chega a ser para mim extraordinária de grandeza: é uma estrela que me faz cismar.

14 de Agosto

De manhã acordo em terra. Abro a janela e entra-me pela janela dentro o cheiro a trufa. Corro tudo no primeiro momento as velas animadas, as ruazinhas calçadas de seixos ensebados, onde deslizam carros de bois sem rodas, pintados de amarelo, com toldos frescos e cortinas de ramagem apartadas ao meio. Olho para as casas brancas e amarelas, de beirais caiados de vermelho e gelosias pintadas de verde, que dão ao Funchal um carácter familiar e íntimo. Tudo me surpreende: o calor, a luz forte, o jardim com fetos e um grande jacarandá de flores roxas, arbustos penetrados de satisfação, que na imobilidade e no silêncio vão desfolhando sobre a terra e deixando um charco rubro em roda. Uma gota de água cai ali para o fundo sobre outra água imobilizada. O ar é um perfume gordo. Sento-me sob os grandes plátanos que nos recebem ao desembarcar do porto – mancha impenetrável e deliciosa. Subo: um largo irregular e depois a igreja, grande cofre de sândalo com doirados e incrustações em madre-pérola. Lá dentro cheira a incenso e a madeira preciosa; cá fora, por cima dos telhados, descobre-se sempre a carcaça denegrida da serra. Vou ao mercado – o mercado atrai-me: pequenino, com duas ou três árvores e uma fonte, todo ele transborda de fruta como um cesto cheio – cachos de bananas amarelas, alcofas de vindima a deitar fora, com damascos, figos pretos sumarentos e entreabertos, a destilar sumo. Toda a fruta aqui é deliciosa e a banana deixa na boca um perfume persistente para o resto da vida. Ao som da fonte de mármore que reluz em fios com uma Leda no alto agarrada ao seu voluptuoso cisne, isto forma um quadrinho todo em manchas coloridas, com sol às mãos-cheias por cima. À primeira vista, confunde: tem a gente de colocar-se a distância, como nas pochadas, para distinguir as uvas doiradas, as papaias, o vermelho dos tomates, as araras e as aves exóticas penduradas nos troncos, e sob os toldos, entre guinchos de macacos de S. Tomé e o falatório cantado do povo da Madeira, as mulheres de lenço branco na cabeça e botas de cano alto e rebuço, que preparam farnéis para a festa do Monte, os homens tismados e secos, as inglesas de cabelo curto, vestidas de branco, cortadas pelo mesmo padrão que a Inglaterra agora fabrica e exporta para todo o mundo. A vista falha e perturba-se, o cheiro entontece. É preciso meter o pincel para aqueles fundos para dar as sombras roxas com muito azul, o verde-negro das couves, o quadro estonteante orvalhado pela fonte. Reparem como a própria sombra é luminosa e palpita. Com ela palpita o doirado das bananas, o amarelo dos melões, o vermelhão intenso das malaguetas enfiadas em rosário. E se um cesto sai da sombra para a luz, então os frutos faíscam, ardem e adquirem transparências extraordinárias. E a água cai aos pingos, a refrescar o quadro, misturada com sol reluzindo, que pincela aqui, pincela ali, por entre as árvores.

Mas para ver a cidade e os subúrbios em conjunto sobe-se ao Pico de Barcelos. À medida que me afasto do centro, vão aparecendo casinhas isoladas entre jardins, e as largas folhas das bananeiras, ainda em botão roxo ou onde pende já todo o regime amadurecido. Lá do alto descobre-se enfim o majestoso anfiteatro. É uma grande concha, que termina dum lado no Pico do Garajau e do outro na Ponta de Santa Cruz, com o fundo de serra ondulado. Os vales e as linhas dos talvegues vêm lá de cima rasgados pelos enxurros sobre um leito de pedras em estilhaços, escorregadias e

azuladas. Isto escuro, plúmbeo, porque o céu forra-se de nuvens que envolvem os montes.

Para o espectáculo completo é preciso escolher a manhã, a tarde, ou os dias puros de Inverno, porque o céu da Madeira anda quase sempre nublado, correndo a fumaceira pela barreira imensa que toma todo o horizonte do lado da terra e desce até ao mar em rampa retalhada de culturas e povoada de casinhas que se vão aproximando e apinhando ao chegarem à cidade branca e sensual. Tudo que se avista, à excepção dos cumes denegridos, foi dividido em hortas, em poios de cana muito verdes, em quintalejos de rama, donde irrompem tufos de bananeira, numa amplidão que entontece e deslumbra. São léguas de fertilidade, de jardins, de campos e culturas, que nos impõem o recolhimento e o silêncio. À direita, a serra estende-se até Câmara dos Lobos. Só depois que me afaço – os olhos afoaram-se-me em azul – é que distingo os riscos violetas das encostas, as vivendas lá no alto entre vinhas e pomares, os prédios rústicos pendurados na rocha e agarrados à montanha, aberta ao meio por um rasgão violento e romântico. O carácter desta paisagem bem o procuro... Atrai-nos por todos os sentidos e só tem um desejo – amolecer-nos e decompor-nos... Espreito os jardins dos palácios, onde tudo se conserva alinhado e correcto, e as casinhas rústicas, que são o meu enlevo. Passo e entrevejo um banco. Às vezes basta um muro caiado com meia dúzia de vasos e flores – para ter uma sensação de encanto que não encontro aqui. Falta uma pontinha de melancolia, aquela alma de certos recantos portugueses que, com dois campinhos, uma igreja, um pinheiral e um sopro de erva, nos comunicam uma impressão deliciosa de repouso e saudade. Faltam-me as manhãs enevoadas e pálidas, os dias loiros e desconsolados com algumas sardas. Esta paisagem não se contenta com duas ou três árvores, o ar fino e pouco azul derretido: é exigente e pesada. É materialista e devassa. Ao mesmo tempo é bela.

As palavras pouco exprimem nestes casos: o principal na Madeira é a luz que cria e tanto amadurece o panorama como os frutos, porque a única imagem que encontro para este conjunto é a dum fruto maduro que tomou pouco a pouco, com os vagares de quem não tem mais que fazer, as cores do Sol, as da manhã e do poente, e que chegou a um estado perfeito que delicia e perfuma ao mesmo tempo. A terra emerge da tinta azul com os tons quentes do ananás, que é o morango dos trópicos – paraíso sem frio nem calor, a que se ajunta ainda o sabor dos vinhos bebidos aos golos e cuja transparência se avalia através do vidro erguendo-o para a luz. A luz! dar a luz, seria tudo, mas só um pintor encontra este doirado – azul diluído que envolve toda a paisagem deitada a nossos pés como as mulheres que oferecem os seios duros com impudor e inocência ao mesmo tempo. As próprias árvores que irrompem de todos os lados – estranha vegetação tropical misturada com todas as outras: ciprestes, cactos, plantas envernizadas, entre grupos de pinheiros mansos e grandes seres imóveis e fortes, estendendo a ramaria sobre as ruas, são de carne. Aprendi na escola aquela santa história dos três remos da Natureza – mas aqui as árvores, vigorosas e duma verdura gorda, pertencem sem dúvida nenhuma ao reino animal.

15 de Agosto

Todas as noites não pude pregar olho. Duas, três horas sem dormir. Na rua passam guitarras e rodam automóveis com mulheres. A noite é uma volúpia e o ar deste clima tropical uma carícia logo que desaparece o Sol. De manhã bato para a serra.

O Funchal para o Sul a costa é quase sempre cortada a prumo: Santa Cruz, e lá no

alto o Senhor da Serra; uma fenda enorme por onde entra o mar – Machico, e logo o Caniçal à beira de água e o relevo caprichoso da Ponta de S. Lourenço. Para lá do cabo começa a costa norte, a parte mais selvática, mais verde e talvez a mais bela desta ilha tão variada e decorativa. Ao fim da tarde os morros formidáveis, vistos de bordo, sucedem-se num cenário espesso, que se desenrola em manchas escuras, com um resto de fuligem de sol pegada àquela imensidade, que nessa hora ainda parece mais vasta. A Madeira é um maciço de serras cortadas a pique na costa oeste, descendo até ao mar na costa norte e mais cultivado nos vales e gargantas inundados pelas águas.

O interior da ilha é montanha em osso, com excepção do Paul da Serra. A parte onde se fazem as culturas ricas, a mais agasalhada e onde não cai neve, a que eles chamam folheto, é o Sul, que produz a cana no litoral e a vinha nas encostas. No Curral das Freiras – cordilheira central – curioso vale de erupção, ravina enorme apertada entre vertentes alcantiladas, com profundidades que metem medo e que vão até oitocentos metros, deparam-se povoaçõezinhas perdidas, o Livramento, a Fajã Escura, o Curral, etc. Este sitio revolvido e dilacerado explica talvez a formação da ilha, onde se encontram mais vestígios de crateras, com indícios de erupções relativamente recentes, nos charcos do porto Moniz, na Caniça, no Caniçal, etc.

Desfilam ainda diante de mim as gargantas apertadas, só sombra, e uma encosta iluminada a toda a luz – profundas vertentes alcantiladas, num rasgo a prumo – cerros pedregosos gerados pela erupção, a ribeira que escorre no sopé dos picos Ruivo e Canário – aldeiazinhas tão isoladas no alto de morros – o Pico da Figueira, o Curral, a Fajã Escura – barrancos formando o leito de torrentes – terrenos desolados e pedregosos, por onde deve andar o diabo em dias de vento. Depois, outra vez a paisagem se modifica: os montes figuram castelos arruinados e ferozes da Idade Média. É outra a vegetação – loureiros e o til nos fundos onde encharca a humidade. Desolação e surpresa, contrastes, amplos cenários de serra e mar, como no alto do Senhor da Serra, onde os pulmões são pequenos para se encherem daquela atmosfera perfumada. Agora o sítio triste entre penedia negra, e cheirando a peixe, da Câmara dos Lobos, logo algumas aldeias, à beira de pequenos retalhos cultivados, com molhos de lenha secando à porta das choupanas. Às vezes um açude para a rega, a greta donde escorre a água, e lá para o fundo o abismo, com um espigão tremendo ao lado, que faz sombra e pavor: há sítios destes no Curral onde o sol só entra durante cinco ou seis horas por dia.

Percorro as estradas e os caminhos à primeira luz ou à tarde, quando o Sol se afunda atrás dos montes, aureolando-os. Surpreendo os recantos, as casas enegrecidas das aldeias, a vida rural e a vida marítima e as culturas variadas, porque na Madeira todos os climas são possíveis, desde o do Norte, cheio de frio, até ao tropical – e recolho uma variedade de quadrinhos que só eles formariam um volume compacto...

Para viajar no interior da Madeira só há dois processos cómodos – o da rede suspensa por uma vara às costas de dois homens, que caminham apegando-se a paus, e o carro de bois. Mas a rede faz sono, o carro é melhor. Assente em travessas de madeira, os cursões, este lindo meio de transporte tem dois sofás de verga forrados de paninho com pequenas flores azuis e é protegido do sol e da chuva pelo toldo com cortinas. Ao lado vai o homem, de aguilhão em punho, que fala aos bois, e à frente um pequeno bojeiro. É o meio mais original de correr as ruas e as estradas, e ao mesmo tempo o mais rápido, porque os bois trotam e galopam quando é necessário. Sem a brutalidade inexpressiva da máquina nem a rapidez estúpida do automóvel, o carro do Funchal, que nos permite ver e comentar, dá-me a impressão de que voga e de que regressámos aos tempos primitivos e heróicos – é conjuntamente carro e barca.

Lá vamos pela calçada, subindo sempre entre castanheiros altos como torres. O

castanheiro é uma árvore prodigiosa. Sempre que os encontro, estremeço e paro. Castanheiros e água que corre, água que salta e vem ao nosso encontro pela calçada abaixo e nunca mais nos deixa até lá acima, regando ora uma, ora outra quinta, distribuída por canais – água que vem da serra e todas as manhãs dá os bons-dias casa a casa: – olá, olá, olá! – fala a todas as árvores e presta novo viço às flores exaustas. Castanheiros e palmeiras agitam no ar as comas delicadas. Cheira-me tanto a fruta que espreiro para dentro das casinhas impenetráveis: só distingo manchas coloridas de flores e pomares de rainhas-cláudias, que o sol amadurece e trespassa. Um muro dum e de outro lado. E isto ainda não basta: gelosias ciumentas tornam ainda mais cerradas e poéticas as habitações solitárias. Que se passa ali dentro? Um grande amor ou um grande sonho? Isto fez-se para se viver isolado com uma mulher e volúpia, entre as paredes das quintas sumptuosas, donde a verdura trasborda, e até nos casebres, tão ricos como palácios. Duns e de outros se assiste ao espectáculo extraordinário do mar e da serra, num cenário luxurioso e sensual. É um panorama que lembra carne viva; é um panorama, Éden de volúpia, que nos entra pelos olhos e pelo nariz ao mesmo tempo. As ramadas baixinhas, vergando ao peso dos cachos, oferecem-nos as telas doiradas, a folha esguia da cana sobre as leiras, a bananeira atira-nos os cachos amadurecidos ao sol vivo e forte que cai a jorros. Lá em cima apetece a gente deitar-se sob as árvores, penetrar em todas as quintas ainda adormecidas, estender-se em todos os esconderijos verdes que agitam as folhas no ar tépido, no ar mágico, que respiro com sofreguidão e onde anda misturado o cheiro a fruta, o pique a mar, a alma dos vegetais e um silêncio cheio de vida.

– Iá! iá!

O cursão desliza sobre os seixos. O rapaz vai adiante dos bois com o enxotamoscas na mão, e ao lado caminha o homem, que fala aos bichos:

– Iá! iá!

Não os aguilha, nem é preciso: com um cuidado extraordinário, pondo os pés e retesando os músculos, vão subindo os degraus sucessivos da calçada íngreme que é o caminho do Monte. De quando em quando o rapaz mete o rolo de pano ensebado debaixo do cursão, para as travessas da caranguejola deslizarem melhor.

– Iá! iá!

O largo da Fonte, um grande terreiro e meia dúzia de plátanos enormes, que encham de majestade, de frescura e de sombra este sítio suspenso entre o céu e o mar, onde fica a igreja do Bom Jesus e aos lados os casarões dos sanatórios. Só estas árvores valem um império.. Por ora não quero olhar para trás... Entramos numa região mais severa, escura de pinheiros, e vou reparando em quem passa a esta hora matinal... Nas primeiras tintas da manhã já as inglesas se deixam escorregar a toda a velocidade pela calçada, dentro do cesto de verga que o homem guia, impele ou detém, manobrando com os pés. Passa por mim uma velha levando os frangos para o mercado nos cursões, rapazes com molhos de lenha e lavradores que empregam o mesmo meio de transporte para as carradas de mato. Entre a fita que decorre depara-se-me um casal antigo, ela feia e encarquilhada, com a velha capa de recortes, ele seco, de barrete de borla na cabeça e a volta com que no Inverno agasalha as orelhas, ambos compenetrados e solenes como quem vai cumprir uma missão. São de outros tempos e comovem-me. Encontro depois pela calçada, entre o ruído das regas – as águas correm sempre na valeta ao lado do caminho estreito –, mulheres carregadas à cabeça e apegadas a varas, moços com cestas de batata-doce ou de semelhe, leiteiros com o pau que tem o jeito curvo dos ombros e no qual levam duas bilhas, uma a cada ponta...

Chego ao Terreiro da Luta e aí volto-me. A primeira impressão é só de luz, de luz doirada e de montanha verde que emerge do mar violeta. Poucas tintas e êxtase. Nem

uma nuvem nem um átomo de poeira. Uma luz delicada e moça, um ar que se bebe a plenos haustos e ao mesmo tempo não sei o quê de puro e de sensual que sobe à cabeça e que a gente olha com receio e ternura. Esta manhã é um momento delicioso na vida, diante do conjunto perfeito que saiu agora das mãos de Deus e que voga extasiado no éter. É imenso e é nada: é um mundo, e a gota de água suspensa, e que reflecte a luz do universo, dura um segundo e vai cair para sempre. A ilha, com a sua verdura tropical, sai do mar violeta e lá no fundo o Funchal, todo branco, acorda e espreguiça-se ainda tonto de sono...

Seguimos para o Arrebetão e depois para o Poiso, paragem obrigatória para o café matutino a quem vai a Ribeiro Frio. Até lá atravessam-se montes sobre montes, arredondados, cor de oca, com pedraria azulada rompendo-lhe a pele seca pelo sol, por uma estrada onde só a tabaibeira estende as mãos espalmadas a quem passa. Paragem no descampado da taberna para homens e bichos descansarem, e começa-se a descer por uma solidão cada vez maior até à calçada a pique, onde os bois estacam segurando o carrito sem rodas, como se descessem a prumo a torre dos Clérigos. Irrompe outra vez e de toda a parte a verdura em catadupas, carvalhos, faias, castanheiros, e encontro logo a água minha amiga numa levada que gela e refresca todo o caminho. Gargantas aspérrimas, rasgos enormes em atitude de quem vai perder o equilíbrio e cair no leito seco da torrente, cujas pedras reluzem como vidros, árvores em jorros verdes lançadas de lado a lado, formando ponte, ou atiradas ao acaso pela encosta, vegetação que se agarra como pode a paredes formidáveis – e lá no fundo, perdido no ermo, um povoado de meia dúzia de casas colmadas, que parecem cortiços de abelhas. Só chega até nós o bater da bigorna no ferreiro. É outra natureza brava e que não tem nada de tropical: são aspectos do Norte da ilha... O nevoeiro surpreende quem vem de cima, dum sol esplêndido, cerra-se e descerra-se deixando distinguir de repente detalhes fantásticos, sítios selváticos, pedras isoladas. Ascende ou desce, envolve tudo, afasta para mais longe a paisagem, e parece encomendado de propósito para transtornar o panorama e torná-lo ainda mais fantasmagórico. Vamos descendo sempre, e sempre a levada nos acompanha ao lado do paredão a pique.

Aquilo perdido lá em baixo é a Ribeira da Ametade, a povoação que mal se distingue, o Faial, e um grande penedo aguçado na minha frente, o Mirante. Paro, assombrado, diante dos cenários, uns atrás dos outros, .erguidos no ar e dissolvidos no ar, dos valezinhos, que parecem ainda mais isolados e concentrados, mais fundos, que rochas temerosas defendem e esmagam, e por onde deve correr no Inverno a torrente com um rebramir furioso. É a realidade ou a névoa?... São paisagens de Doré – sítios ao mesmo tempo atropelados, bravios e poéticos. Um caos com pormenores líricos. E a água segue-nos sempre, e o nevoeiro deforma tudo, cinzento, quase rosa e trespassado pelo sol, ou espesso e entranhando-se nas gargantas, subindo as montanhas, aglomerando-se em borrões e desvendando de repente aspectos de ferocidade e de grandeza. Caminho por uma rocha entreaberta (e a água cá vai), avisto um penedo colossal, cortado a pique, e detenho-me diante do vaie que se alarga e da magia da névoa, que cria na minha frente um tropel de montes descendo aos galgões até ao abismo, com faias agarradas por milagre a bocados de terra. Ao pé de mim as árvores são tão velhas que têm barbas, grandes barbas de líquenes, como nunca vi senão nos bodes. A custo distingo já o que se passa. A meu lado fica um grande penedo trágico, coberto de musgo vítreo, cor de cinza, que não tarda, decerto, a mexer-se, e a meus pés o abismo aberto, todo em névoa... Mas névoa espessa, donde irrompe de repente um monte fantasma, esguio, negro e feroz, que avança direito a mim. Cuido que ao longe, num rasgão, avisto o mar – um pontilhão – uma cabana – uma gota de água que cai da

serra entre pedras lisas, até que por fim o nevoeiro definitivamente se alastra e espalha, misturando tudo e envolvendo tudo. Só o ruído da levada a meu lado teima, chamando-me ao sentimento da realidade.

Regressamos; o caminho sobe, o rapaz grita: – Iá! iá! –até chegarmos de novo à região do sol. A luz não é casta como nos Açores, nem os montes verdes. As tintas são quentes, as lombas requeimadas, e a névoa fica lá para o fundo, entranhada nos vales. Saltam bandos de cigarras nos restos de erva já comidos pelo sol, mas que ainda cheiram bem. Sucedem-se quase até ao Monte as mesmas corcovas arredondadas, onde cresce a queiró em pequenas moitas, e aqui e ali um a figueira-do-diabo. Pinheirais, caminho monótono até entrarmos outra vez no Monte. Logo que lá chego, paro diante duma casinha perdida dentro da floresta. É térrea, com pequenas janelas de guilhotina viradas para o mar. Não vale nada: é a casca abandonada dum caracol. Mas não parece feita; parece que cresceu ao mesmo tempo que as flores vermelhas que a rodeiam e que lembram uma paixão ou um crime. Árvores, quatro muros velhos à roda, a latada sobre varas à entrada do quintal, e um encanto que não sei explicar e que nasce das coisas simples, que não procuram impor-se à nossa atenção e só nos oferecem a sua simpatia. Eis o sítio ideal para acabar a vida ignorada com os olhos postos no mar e aquecido de Inverno por este sol esplêndido, mergulhando a minha velhice friorenta na luz radioactiva e estendendo o meu cansaço à sombra das árvores que nos oferecem os frutos maduros. Teria aqui um alegrete caiado de branco com vasos de flores que já ninguém usa e que minha avó cultivava num canteiro – dalias, suspiros, sardinheiras. Refugiar-me-ia naquele canto sombrio onde corre um fio de água entre meia dúzia de bananeiras, que nunca vejo sem ficar atónito. Vivem ali, juntinhas e abrigadas, a anã mais baixa, a oiro e a prata que deita o tronco mais alto, e lá em cima um penacho de folhas decorativas que lembram Paulo e Virgínia. Algumas têm o cacho pendurado, outras o grande botão a escorrer sangue – folhas em camadas sobrepostas, com a flor dum amarelo desbotado escondida lá dentro. Além de belas, são pródigas. Produzem todo o ano, dão fruto, morrem, mas os rebentos sucedem-se. São duma fecundidade prodigiosa. Mal o fruto amadurece, há quem as corte por o pé e as leve às costas para casa... Reparo lá para o fundo num antro de braços retorcidos – floresta primitiva de meia dúzia de metros quadrados; reparo em carreiros escuros com renques inextricáveis de bambus, e nas ervas secas cheias de discos de sol que apetece apanhar como moedas. Era aqui que Daudet devia instalar aquele seu professor de preguiça, que num jardim de Argel esperava, deitado à sombra, que os figos lhe caíssem na boca... E não digo bem: o sítio é para contemplativos viverem e morrerem. Sobretudo para viverem, porque a grande delícia num clima destes é viver, e respirar uma voluptuosidade. Ao ar embalsamado da terra mistura-se o hálito violeta do mar. Pode-se dormir ao ar livre sob o dossel de estrelas, porque as noites tépidas da Madeira são uma carícia de pele macia. As noites lânguidas e brancas cheiram a flor e a fruta, as noites desfolham-se diante dos nossos olhos, como uma camélia que morre devagar. No alto, o céu não pode com o peso das estrelas e a cidade, em baixo, cheia de lumes, lembra uma maravilhosa constelação. Estas noites húmidas de luar, junto a uma mulher amada, são das coisas mais extraordinárias que pode haver no mundo, porque a volúpia do exterior está de acordo com a exaltação íntima e o universo vibra dentro de nós até à dor.

Cismo e olho. Há um tom alaranjado, verde e azul para o mar, que nunca mais torno a ver e que nunca mais se repete. Há fios de oiro suspensos sobre esta natureza, que talvez seja única no mundo. Contemplo a casinha, as árvores – o meu sonho – e não desejo mais nada. Isto é completo e perfeito... Mas pouco e pouco vem-me uma saudade... É ainda quase nada, e insisto. Toma corpo e avoluma-se – a saudade da minha grande lareira negra lambida pelas chamas; a saudade do frio, uma saudade que

aumenta e me abala até às raízes. Lembro-me da pequena casa de lavoura, sacudida pelos temporais na vinha esfarrapada. E isto mistura-se ao esplendor dum poente de ouro para além da serra, que deixa o monte todo verde erguido no céu a sair do mar todo violeta. Um pó fino – é a luz que morre – sobe no ar, uma calma absoluta trespassa a natureza... Que paz! ... Mas eu sou um inquieto e a saudade cada vez a sinto maior e mais funda – saudade das últimas tardes de Outono, do primeiro arrepio de frio, das primeiras brasas que se acendem, quando os grilos do lar se chegam como eu para o lume e desatam a cantar toda a noite. Tenho saudades do Inverno.

24 de Agosto

Agora conheço melhor a Madeira. Passado o primeiro entusiasmo, vejo tudo a frio. Esta ilha é um cenário e pouco mais – cenário deslumbrante com pretensões a vida sem realidade e desprezo absoluto por tudo que lhe não cheira a inglês. Letreiros em inglês, tabuletas em inglês e tudo preparado e maquinado para inglês ver e abrir a bolsa. Eles saem dos paquetes – e logo o Funchal se arma como um teatro – secos, graves, dominadores; elas saem do mar vestidas de noiva, de bengala na mão e blusa de croché, passeando a sua importância e as suas libras esterlinas em terreno conquistado. O inglês é talvez o povo mais nobre do mundo – mas não tem o sentimento do grotesco. Sentado à porta do *Golden Gate*, ouço o apito do vapor, e já sei o que se vai passar: muda a armação como um cenário de mágica. Surgem homens com grandes chapéus de palha para vender bordados, colares falsos de coral, cestos de fruta; iluminam de repente as lojas, e segue o desfile de tipos – pretas de Cabo Verde com *foulards* vermelhos na cabeça, mulheres planturosas, alemães maciços, portugueses esverdeados e febris que regressam das colónias, velhas inglesas horríveis que vêm não sei donde e partem não sei para onde, desaparecendo para sempre no mistério insondável do mar; criaturas inverosímeis que rodam a toda a força nos automóveis num frenesi que dura momentos e se passa na única rua onde há um café que transborda de luz. Mas as máquinas de bordo dão o sinal e uma hora depois esta vida fictícia desapareceu e tudo reentra no isolamento e no silêncio. Apagam-se as luzes, correm-se os taipais e os vendedores mergulham na pacatez da vida quotidiana. O quadro está sempre a repetir-se com a chegada e a partida dos grandes transatlânticos.

Mas a Madeira é também uma estação de Inverno com alguns magníficos hotéis. Esta terra quase tropical, cujo calor, no Verão, a viração modera, com excepção dos dias de siroco, em que se não respira, no Inverno é uma delícia. Ar balsâmico, temperatura morna. Imaginem o que será vir de Londres, da borrasca, do frio que enregela, do negrume que enerva e enche as almas de tristeza e de lama, e, com dois dias de vapor, chegar diante da jóia voluptuosa que voga suspensa no azul... O porto é panorâmico. Sabe a fruta o ar fino que entra pelos pulmões – doze graus e o sol doirado caindo a jorros. Há dias tão lindos que a gente tem medo de lhes tocar – imóveis, e dum azul magnético. A vida não tem peso, tudo parece um sonho. As noites são de magia. Rosas por toda a parte. O sopro tépido vem dos montes. E isto bebe-se devagarinho, aos golos – entra nos poros e nas almas e enlanguesce-as. Quem pode acreditar na morte, no frio horrível e eterno, diante da natureza, que nos estende os braços cheia de flores e de perfumes em pleno Inverno?... Então os tuberculosos respiram... – A vida!... – As mulheres perdem a cabeça e bebem o vinho cor de âmbar com as bocas entreabertas como frutos a cair de maduros. Por trás da cidade o Monte ergue-se para o céu, aberto ao meio e endurecido de volúpia. Com a noite vem o frenesi. Nos grandes hotéis, vestidas de branco e decotadas, inebriadas de música e com o deslumbramento do

panorama em frente, erguem-se da mesa, e dançam enlaçadas. No último dia do ano, todas as casas se iluminam com fogos de Bengala, coroando esta festa de estrangeiros e de ricos.

Vejamos, porém, o cenário pelo lado de trás... Turismo, álcool e açúcar têm degradado o povo e enriquecido alguns felizes da terra. O homem do Funchal, em contacto com o progresso, transformou-se em hoteleiro, engraxador e *chauffeur*.

E o povo? os homens degenerados e raquíticos que todo o dia desfilam na rua diante de mim? Ponho em confronto o homem da Madeira com o dos Açores, o corvino, por exemplo, isolado do mundo e vivendo como há três séculos, e pergunto a mim mesmo o que lucrou com a civilização o habitante da cidade e o vilão. Lucraram os negociantes e os hoteleiros, afundam-se todos os outros numa abjecção que tem aumentado sempre. Cada vez se cava mais funda a separação entre as classes chamadas superiores e as outras. O que se faz neste país é um crime que havemos de pagar muito caro.

O vilão, que antigamente passava com papas de milho três vezes por dia e dormia feliz com toda a família num buraco térreo, é hoje um alcoólico inveterado, que até desaprendeu de rir – (a romaria no Monte é uma coisa fúnebre). Ouve-se constantemente dizer: – Está com o grogue! – Não trabalha. A cana-de-açúcar é a mais fácil de todas as culturas. Depois de posta, só precisa de ser estrumada e cortada durante anos. Na parte mais desabrigada da ilha, onde o lavrador vive isolado e pobre, cultivando o milho e fabricando carvão para vender na cidade, ainda se conservam alguns costumes puros, que vão desaparecendo pouco a pouco. As mulheres bordam. É a grande indústria feminina dos Açores e da Madeira. Em quase todas as cabanas se vêem raparigas atentas sobre o linho, de dedal enfiado no dedo. A América leva tudo. O negociante fornece-lhes o pano estampado e elas compram as linhas. Pouco ganham. Mas criam hábitos de trabalho. Tornam-se atentas e delicadas. Desde que bordam que no campo se fala mais baixo. O pior é que estas criaturas, quase todas desgraciosas e que substituíram o antigo vestuário por uma mantilha atada à cabeça, acompanham o homem no grogue e dão às crianças de mama chuchas de álcool.

Conheço o pescador de Paul, Câmara de Lobos e Machico. Nenhum mar mais pródigo do que este. Há épocas no ano em que passa compacto e imenso o cardume do gaiado, variedade de atum. Abunda a espada preta, a lula enorme, o carapau, a moreia sarapintada de amarelo, mas ele quase se limita a pescar o peixe-espada, que é o mais fácil, tendo perdido a memória dos mares de peixe: – Só o Patudó os conhecia todos, e só o Andorico é que vai ao cherne, porque sabe onde ele está. – Gasta tudo o que ganha – bebe tudo. Bebem nacionais e estrangeiros. No Funchal por toda a parte se vêem tabernas. Há-as no fundo das camisarias, com inglesas a bebericar. Os ourives são ao mesmo tempo ourives e taberneiros, as modistas têm balcão e copinhos... Há, logo à entrada do porto, uma de cada lado, com os barris já preparados para o consumo... Estou muito longe daquela gente simples, daqueles homens são de quem me apartei com saudade...

Ora, entre o turismo que tem dado semelhante resultado e a hospitalidade, não hesito em dizer que detesto o turismo, e adoro a hospitalidade. Adoro a antiga Espanha, durante muito tempo rebelde à exploração, recusando a adaptar-se à vontade alheia, e a satisfazer os estrangeiros com um sorriso falso, até ao ponto de mudar usos e costumes para lhes ser agradável. O estrangeiro entra sempre num país de turismo como num hotel – como quem paga. Ora uma nação não deve ser um hotel – e Deus nos livre que o seja! E se ainda os enriquecidos se lembrassem que há em Lisboa milhares de crianças pobres, e lá em cima alguns casarões alemães vazios, a apodrecer ao tempo!... De

passagem, quero que fique aqui esta nota de piedade: ao ver aqueles grandes hotéis desertos, lembrei-me das crianças tuberculosas da Alfama e Mouraria. Penso que o governo e os ricos poderiam agasalhá-las, transferindo-as durante alguns meses para este admirável clima de luz e de sol. Era talvez a redenção para muitos. Os grandes hotéis, com criados de casaca, música e flores, poderiam pagar para os pobres seres abandonados que morrem de fome e de miséria, dando-lhes agasalho e piedade. E talvez salvando-os...

29 de Agosto

Começo a andar inquieto. Não pude dormir: toda a noite desejei com sofreguidão outra luz – a luz que me criou. Nem na Madeira a luz me satisfaz. Cansa-me. Todas as manhãs espio o céu nublado à espera que a luz irrompa. Embarco. A noite de 29 de Agosto passo-a no tombadilho, sempre à espera, numa sofreguidão de luz – e toda a noite é de trágica tempestade. No convés, só vejo negrume agitando-se num clamor. Mas de manhã a borrasca aplaca-se dentro da bacia de Cascais – e a luz irrompe, uma luz alegre, uma luz que vibra toda, uma luz em que cada átomo tem asas e vem direito a mim como uma flecha de ouro. No céu imenso, azul e livre, o Sol bóia como num grande fluido. Portugal!

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2002

<http://www.ipn.pt/literatura>
